

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Alexandre Leonarde

O entretenimento noturno em São Paulo: um estudo sobre a identidade da cidade
por meio de sua narrativa identitária

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo

2012

Alexandre Leonarde

O entretenimento noturno em São Paulo: um estudo sobre a identidade da cidade
por meio de sua narrativa identitária

DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

Tese apresentada à Banca Examinadora
da Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, como exigência parcial para a
obtenção do título de Doutor em Ciências
Sociais, sob a orientação da Profa Dra
Noêmia Lazzareschi

São Paulo

2012

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Durante os quatro anos do curso de doutorado, fui acumulando uma longa lista de agradecimentos, que deve começar por aqueles que me deram suporte ao longo da vida. Agradeço aos meus pais por apoiarem minhas decisões, proporcionando liberdade e autonomia para conhecer o que estava além deles

Agradeço aos amigos Ricardo Ricci Uvinha e Luiz Gonzaga Godoi Trigo por estarem presentes nos necessários momentos de lazer e pelos valiosos conselhos acadêmicos. Agradeço em especial o professor Mario Jorge Pires que desde o primeiro momento acreditou e incentivou a produção desta pesquisa

Duas instituições de ensino me proporcionaram os elementos fundamentais para a realização desta pesquisa, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, particularmente os professores e professoras do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, que criaram um ambiente acadêmico de excelência, e a Universidade São Judas Tadeu, especificamente a coordenação desta instituição que ampliou minha perspectiva profissional

Devo especiais agradecimentos às professoras Marisa do Espírito Santo Borin e Maria Celeste Mira pelas esclarecedoras sugestões durante a qualificação que resultaram em grande ganho de qualidade para esta tese

À professora Noêmia Lazzareschi agradeço pelas precisas orientações que, sem dúvida, deram a direção e o sentido deste trabalho, e pelo exemplo dado de como orientar uma pesquisa, aprendi com ela que essa relação não se fundamenta em exigências, cobranças ou pressões. Tal postura proporcionou uma agradável e tranquila passagem pelo doutorado, ao contrário do que muitos dizem, esses foram bons anos de minha vida.

“É noite e tudo é noite”

Mário de Andrade

RESUMO

LEONARDE, A. **O entretenimento noturno em São Paulo**: um estudo sobre a identidade da cidade por meio de sua narrativa identitária. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de estudos pós-graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

Esta pesquisa estuda a identidade da cidade de São Paulo, assumindo-a como dinâmica e aberta, não fixa e não permanente, caracterizada pela multiplicidade, entendida como obra em construção, não podendo ser pensada a partir de regras estáveis.

Para captar as múltiplas identidades da cidade diante da ausência de referenciais estáveis, analisou-se sua narrativa identitária, que pode ser apreendida na história, na literatura, na música, na cultura popular, que assumem o papel de indícios, permitindo captar como a cidade é imaginada, descrita e apresentada, revelando suas múltiplas identidades.

Na perspectiva histórica, a identidade da cidade, a partir da “segunda fundação”, foi vinculada à velocidade, ao trabalho e ao progresso, sobrepondo seu passado colonial conflitivo e anárquico, aos poucos construindo uma imagem de cidade moderna, caracterizada como centro financeiro, industrial, cultural e político do país. Porém, desde a virada do século XIX para o XX, o entretenimento noturno passou a compor narrativa identitária da cidade. Entretenimento Noturno que, ao longo das décadas seguintes, ganhou cada vez mais relevância na narrativa identitária da cidade, podendo ser considerado no tempo presente como mais um elemento cultural identitário da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Identidade, Entretenimento Noturno, São Paulo

ABSTRACT

LEONARDE, A. **Night entertainment in São Paulo: a study on the city's identity through its identity narrative**. Thesis (PhD in Social Sciences) – Postgraduate study program in Social Sciences, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

This research studies the identity of São Paulo city, assuming it is dynamic and open, not fixed and not permanent, characterized by multitude, a work in project, and assuming it cannot be studied based on stable rules.

To grasp the city's multiple identities given the absence of stable references, this study analyzed its identity narrative, which can be apprehended through history, literature, music, and popular culture. These elements take on the role of indications as they enable one to grasp how the city is imagined, described, and shown, thus revealing its multiple identities.

Under the historical perspective, the city's identity, as from the "second founding", has been linked to speed, work, and progress, overlapping its colonial past, which was conflicting and anarchic, and gradually building an image of a modern city, characterized as a financial, industrial, cultural, and political center in the country. However, since the turn of the 19th to the 20th century, night entertainment has become part of the city's identity narrative. Night Entertainment, which gained increasingly more relevance in the city's identity narrative through the following decades, and which can be considered currently as another cultural identity element in the city of São Paulo.

Key words: Identity, Night Entertainment, São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fique mais um dia.....	72
Figura 2 – Capa da primeira edição do livro Madame Pomméry.....	81
Figura 3 – O tamanho de "Comer e Beber".....	85
Figura 4 – O que é que tem.....	93

LISTA DE SIGLAS

ABMIC – Associação Brasileira Mostra Internacional de Cinema

ABRASEL – Associação Brasileira de Bares e Restaurantes

APPS – Aplicativos para *Smartphones*

BAND NEWS – Bandeirantes News

BOVESPA - Bolsa de Valores de São Paulo

CBN – Central Brasileira de Notícias

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

HBO – Home Box Office

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

PSIU – Programa Silêncio Urbano

POF – Pesquisa de Orçamentos Familiares

PV – Partido Verde

SAO TRIP – São Paulo Guia de Viagens

SPCVB – São Paulo Convention & Visitors Bureau

SPTURIS – São Paulo Turismo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Metodologia de pesquisa.....	7
O método como ponto de apoio	12
1. UM CAMPO DE DEFINIÇÃO PARA ENTRETENIMENTO	18
1.1 Situando o entretenimento em relação ao lazer.....	18
1.2 Sobre o entretenimento	24
2. DESLOCAMENTO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	31
2.1 Identidade e pertencimento.....	37
2.2 A matéria-prima da identidade	38
2.3 Identidade, cultural nacional e globalização.....	43
2.4 Globalização e as identidades	45
2.5 Globalização e identidade cultural partilhada.....	48
3. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CIDADE DE SÃO PAULO E SUA NARRATIVA HISTÓRICA	52
3.1 A cidade e suas mutações: a cidade condenada a ser sempre nova	52
3.2 As construção da identidade da cidade e suas narrativas históricas: a velocidade, o trabalho e o progresso	58
3.3 A “segunda fundação” e a formação da identidade da cidade de São Paulo..	62
3.4 A resistência das narrativas menores e fragmentadas:	65
4. ARTICULAÇÕES DO ENTRETENIMENTO NOTURNO NA CIDADE DE SÃO PAULO COM SUAS NARRATIVAS	68
4.1 A reconceitualização da cidade de São Paulo e sua relação com o entretenimento noturno	68
4.2 Identidade cultural e suas narrativas.....	72
4.3 As narrativas da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX..	74
4.4 A narrativa da cidade por meio dos indícios quantitativos da vida noturna	83
4.5 As narrativas da cidade de São Paulo no tempo presente	98
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	119
ANEXOS.....	127

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem seu ponto de partida na percepção de um significativo crescimento das atividades de entretenimento noturno na cidade de São Paulo nos últimos anos. Como toda grande metrópole, particularmente as cidades industriais, como a Manchester dos primeiros anos da revolução industrial, o processo de desenvolvimento de São Paulo foi acompanhado pelo aparecimento de equipamentos e estabelecimentos exclusivamente dedicados às atividades de entretenimento noturno.

Segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel) e a São Paulo Turismo (Spturis), hoje a cidade possui 12,5 mil restaurantes, 16 mil bares, 260 salas de cinema, 181 teatros, com cerca de 600 peças encenadas por ano e 2 mil casas noturnas. O que faz de São Paulo a segunda cidade do mundo com maior número de estabelecimentos do gênero, ficando atrás apenas de Nova Iorque.

Quanto maior a importância econômica da cidade, maior a demanda por entretenimento noturno. Essa constatação permite pensar a cidade não por meio de temas acadêmicos consagrados, como economia, política, desenvolvimento urbano, conflitos sociais, mas por um indício que pode revelar muito mais sobre ela e, inclusive, mais a respeito desses mesmos temas consagrados.

É crescente a produção acadêmica sobre o lazer na cidade de São Paulo, o que revela uma valorização significativa do tema nos últimos anos no meio acadêmico. Contudo, não há uma simetria entre os temas tradicionais e os estudos

do lazer. Mas raras são as pesquisas que têm como protagonista o entretenimento noturno.

As atividades de entretenimento noturno, definidas como aquelas programadas, quase sempre pagas, reunidas em um mesmo fenômeno, porém com características muito diferentes entre si, articuladas como mercadorias, com a finalidade de consumo especificamente caracterizado pelo prazer (TRIGO, 2008, p. 25), ao longo da história da cidade, tornaram-se tão significativas que originaram a expressão vida noturna paulistana.

Uma vida paralela à do trabalho, não desvinculada dele, mas com tanto significado no imaginário dos habitantes da cidade, que mereceu uma designação particular, possuindo um sentido em si mesma, com uma história particular, estabelecendo relações sociais diferenciadas entre seus personagens típicos e os cidadãos comuns, formas próprias de ocupação e fruição do espaço urbano, tornando-se um setor com grande peso na economia da cidade.

Por fim, incorporando-se aos hábitos e costumes de um número crescente de paulistanos, tornando-se, mais um componente da identidade e da narrativa identitária da cidade, que é contada e recontada na história e na literatura paulistana, na mídia e na cultura popular, fornecendo uma série de histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas e que dão sentido à cidade e à sua identidade (HALL, 2006).

Este estudo investiga, como problema de pesquisa, se a identidade de São Paulo está em pleno processo de transformação, incluindo o entretenimento noturno como mais um elemento cultural identitário, compondo sua narrativa identitária? Identidade historicamente centrada na imagem de cidade cosmopolita,

com ênfase em seu poder industrial, caracterizada pela velocidade, pelo trabalho e pelo progresso. Poder e características que a tornaram centro financeiro, comercial, cultural, universitário e hospitalar do Brasil e da América Latina.

Indícios dessa identidade não faltam. São Paulo foi, devido a seu parque industrial homogeneamente espalhado pela cidade, definida por seus cronistas como a “Locomotiva do Brasil”, a “Chicago da América Latina”, a “cidade não desperta, apenas acerta sua posição”¹, do paulistano que só sabe trabalhar, da cidade que nunca dorme.

Nas últimas décadas, vem sendo agregada à identidade da cidade industrial, da velocidade, do trabalho e do progresso outra, a da vida noturna, que agora compõe a sua narrativa identitária. Seus cronistas contemporâneos ambientam suas histórias na noite paulistana e contam a vida de seus frequentadores. O cinema, o teatro, as novelas e as músicas, baseiam seus enredos e letras nos acontecimentos dos bares, restaurantes, casas noturnas, e respectivos personagens em seus *habitués*. A publicidade, sensível ao crescimento do entretenimento noturno, cria campanhas e anúncios em que a noite é a protagonista. Jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão possuem seções especializadas e jornalistas exclusivos para a cobertura da noite paulistana. Sites de internet sobre o entretenimento noturno da cidade são impossíveis de ser contabilizados. Aplicativos para *smartphones* (apps) descrevem, classificam e localizam restaurantes, teatros, cinemas e casas noturnas, na cidade. E até mesmo as empresas públicas e privadas de promoção turística, como a São Paulo Turismo e a São Paulo Convention & Visitors Bureau, destacam a variedade de possibilidades de entretenimento noturno em São Paulo.

¹ Sinfonia Paulistana, retrato de uma cidade de Billy Blanco (1974). Música utilizada como vinheta de programa matinal da Rádio Panamericana.

Essa nova forma de narrar a cidade demonstra uma mudança não apenas no perfil de sua economia, mas é forte indício para fundamentar a hipótese desta pesquisa, que afirma ser o entretenimento noturno um componente dos hábitos e costumes de seus habitantes, a ponto de agregar mais um elemento cultural identitário à cidade, e à sua narrativa identitária, que, no tempo presente, é descrita como, além da cidade da indústria, da velocidade, do trabalho e do progresso, a cidade do entretenimento noturno.

A pesquisa está estruturada com os seguintes capítulos: Um campo de definição para entretenimento; Deslocamento e construção da identidade; Construção da Identidade da cidade de São Paulo e sua narrativa histórica; Articulações do entretenimento noturno na cidade de São Paulo com suas narrativas.

O item metodologia justifica a opção pela pesquisa qualitativa, classificando-a como exploratória, por proporcionar maior familiaridade com os problemas de pesquisa, e descritiva, por ter como objetivo a descrição de características do fenômeno a ser compreendido. Utiliza, ainda, a abordagem da indução, pois a pesquisa envolve busca e explicação da relação do entretenimento noturno com a cidade de São Paulo. Outro recurso utilizado é a pesquisa bibliográfica, que permite situar a pesquisa no universo do que já foi escrito sobre o tema.

Para estudar especificamente as articulações do entretenimento noturno na cidade de São Paulo com suas narrativas, utilizam-se as pesquisas bibliográfica e documental, útil para a compreensão de um processo ainda em curso ou para a reconstituição de uma situação passada.

O capítulo *Um campo de definição para entretenimento*, como o próprio nome sugere, não apresenta definição fechada de entretenimento, mas problematiza o tema, por meio de um campo que, no presente estudo, tem fronteiras tênues, até mesmo dinâmicas, não estáticas, e tão extenso e variado quanto as diversas atividades que podem ser consideradas entretenimento. O capítulo apresenta também uma breve análise na perspectiva histórica do tema, além das argumentações que fundamentam o preconceito a seu respeito.

O do capítulo *Deslocamento e construção da identidade* estabelece parâmetros, para, então, verificar se a identidade da cidade de São Paulo está em pleno processo de transformação, ou deslocamento, incluindo o entretenimento noturno como um dos elementos culturais identitários. Assim, o capítulo mapeia e pondera a bibliografia central sobre identidade, não para elaborar uma definição estanque, mas apresentando as discussões centrais relacionadas à identidade, dando fundamentação teórica à pesquisa e contribuindo para a interpretação dos indícios sobre a narrativa da cidade, por consequência, sustentando a resposta ao problema proposto para a pesquisa.

O capítulo *Construção da Identidade da cidade de São Paulo e sua narrativa histórica* analisa as constantes transformações econômicas e urbanísticas ocorridas na cidade, que rompem e transformam os códigos de significação, dificultando sua apreensão e compreensão. Fator que contribuiu, na conjuntura histórica da virada do século XIX para o XX, período da denominada “segunda fundação” de São Paulo, para a construção de uma identidade para a cidade, que tornou-se hegemônica, podendo ser apreendida em sua narrativa histórica, vinculada à indústria, à velocidade, ao trabalho e ao progresso, tornando opaca sua identidade múltipla e fragmentada.

O capítulo que trata das articulações do entretenimento noturno em São Paulo com suas narrativas aponta que o entretenimento noturno, nas primeiras décadas do século XX, tornou-se significativo em seu cotidiano, esclarecendo as transformações sofridas pela cidade nessas décadas, que criaram condições para seu crescimento como forma de lazer e sua consequente incorporação como mais um elemento cultural identitário da cidade. Para comprovar essa afirmação são utilizados dois grupos de indícios.

O primeiro é composto por indícios quantitativos que explicitam a importância do entretenimento noturno na cidade de São Paulo. São apresentados dados relacionados à restauração, teatros e peças encenadas, cinemas e casas noturnas, bem como o tamanho de sua força de trabalho, a legislação que procura regular seu funcionamento e uma análise dos cadernos e encartes de jornais e revistas de grande circulação, programas de rádio e televisão, web sites e aplicativos para *smartphones*, que tratam da vida noturna paulistana, além das ações para a promoção da cidade como pólo turístico e de eventos, desenvolvidas pela São Paulo Turismo (Spturis), baseadas na possibilidade de fruição do entretenimento noturno.

O segundo grupo apresenta indícios que comprovam estar a vida noturna, hoje, contida na narrativa identitária da cidade. Para Hall (2006, p.51), tal narrativa é um dos fatores que constroem a identidade. Assim, são analisados filmes, literatura e música. A articulação desses elementos cumpre importante papel nesta pesquisa, pois comprova que a fruição do entretenimento noturno vem, num lento e longo processo, sendo incorporada à identidade da cidade, na medida em que se torna um componente de sua narrativa identitária, com reflexos em diferentes aspectos da

metrópole, inclusive na estruturação de um economia relacionada ao entretenimento noturno.

Metodologia de pesquisa

Diante da necessidade de superar a divisão entre pesquisador e objeto pesquisado, substituindo-a pelo binômio pesquisador e sujeito pesquisado, na medida em que o pesquisador está envolvido no fenômeno que estuda, esta pesquisa utiliza a abordagem multidisciplinar, por esse razão, não será produzida conforme a epistemologia tradicional (Descartes, Newton, Hume e demais), que acarreta dicotomia entre o pesquisador e os diferentes objetos pesquisados. Assim, foram identificados muitos fundamentos teóricos que sustentam a pesquisa com suporte na relação sujeito pesquisador/sujeito pesquisado, em que o pesquisador pode expressar sua inteligência de maneira plena e expor toda sua complexidade, conjugando não apenas razão, mas também emoção, com a consequente intervenção que modifica a realidade estudada.

Pensador de grande influência na vida acadêmica do autor desta pesquisa, historiador de formação, que vislumbrou na Sociologia o meio para ampliar a compreensão do mundo no tempo presente, Le Goff (2003) aponta que a História foi, por um longo período, produzida como função de relato, ou mesmo, simples narração por parte dos historiadores. Em determinado momento, a mera narrativa histórica não foi mais suficiente diante do objetivo de compreender de forma mais ampliada e aprofundada os fenômenos e fatos estudados.

Assim, à narrativa histórica foi agregada a explicação histórica. Tal explicação histórica é obrigatoriamente elaborada pelo pesquisador, deixando de ser

supostamente imparcial, fria ou mesmo objetiva. A partir de sua experiência, de dados selecionados, por vezes de forma aleatória, e das correlações que produz, o pesquisador elabora não apenas a narrativa histórica, mas concomitantemente a explica, justificando-a com as articulações e relações teóricas que têm a sua disposição no momento da pesquisa .

Le Goff (2003) ressalta que os denominados documentos históricos, que por muito tempo foram usados e, por consequência, tratados como se fossem materiais objetivos e absolutamente inocentes, não possuem, e jamais possuíram, tais características. São relacionados a outros documentos, como os etnográficos, os orais e a outros fatores contextuais que contribuem para a composição do quadro que o historiador quer descrever, justificar e, finalmente, explicar. Isso tudo somado, levou à crise do paradigma da “objetividade” do pesquisador. Pois o pesquisador analisa o fato histórico a partir da elaboração que ele, como historiador, produz sobre esse mesmo fato. A elaboração do fato histórico é, então, um processo também social, centrado no pesquisador, que articula o fato com outros fatos de uma determinada conjuntura, possibilitando, assim, a materialização de um processo transformador daquela conjuntura.

Para Le Goff (2003), esse processo demanda que o pesquisador articule diversas ciências, como o Direito, a Sociologia, a Antropologia, a Economia, a Geografia etc, sendo capaz de apreender e também compreender os diferentes significados intertextuais relacionados ao fato social e histórico analisado, que é precisamente o caso desta pesquisa.

A narrativa e a compreensão mais profunda dos fenômenos e dos fatos históricos e sociais são dependentes, por consequência, de uma abordagem não apenas interdisciplinar, mas transdisciplinar, sem a qual é impossível superar os

dogmas consolidados na Historiografia e Sociologia tradicionais. Para o autor, a explicação histórica é eficaz quando reconhece a existência do que por ele é denominado de conteúdo simbólico inerente à realidade histórica e, assim, correlacionar e também confrontar as representações históricas elaboradas pelo pesquisador com as realidades a que essas representações se referem.

Le Goff (2003), nesse sentido, pondera que é necessário confrontar uma determinada ideologia política com a práxis. A História, portanto, dever ser, primeiro, uma História Social, que considera os aspectos multidimensionais, relacionados entre si, gerando fatos históricos e sociais que interessam para uma determinada sociedade. Ele, então, propôs uma abordagem inter e transdisciplinar da História com o objetivo de permitir a ampliação do grau de fidelidade de elaboração do fato histórico e social por parte do pesquisador, que passa a ser considerado como mais um personagem do processo histórico apresentado aqui.

Outro elemento importante na obra de Le Goff é o tempo histórico. O autor diferencia o denominado tempo histórico linear da memória histórica. O tempo histórico linear refere-se à cronologia dos acontecimentos (*événements*) históricos e se presta a criar demarcações de períodos, eras, fases, por conveniência e convenção dos pesquisadores. No que diz respeito à memória histórica, Le Goff afirma:

Hoje, a aplicação à história dos dados da filosofia, da ciência, da experiência individual e coletiva tende a introduzir, junto destes quadros mensuráveis do tempo histórico, a noção de duração, de tempo vivido, de tempos múltiplos e relativos, de tempos subjetivos ou simbólicos. O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta (2003, p.13).

A memória histórica engloba o ethos social, o imaginário coletivo, a identidade cultural, as representações míticas da sociedade, elementos esses que

inevitavelmente acabam interferindo na escolha dos fatos históricos e sociais por parte do pesquisador, na narrativa que será produzida sobre tais fatos e na explicação que será dada para eles, construtivamente, em determinada conjuntura cultural. Percebe-se, portanto, e Le Goff (2003) ressalta, a característica muito relevante de que o sujeito pesquisador está obrigatoriamente inserido na conjuntura em que está o objeto que deseja estudar e, mais além disto, esse historiador projeta em sua pesquisa elementos que não objetivos, mas muito subjetivos que exercem influência na seleção dos fatos a serem estudados, em sua narrativa e na elaboração das explicações que vier a dar para o fato.

Tal processo de reflexão é complexo, interdisciplinar e transdisciplinar, multifacetado, dinâmico, motivo pelo qual demanda do pesquisador mais do que o domínio satisfatório das técnicas de abordagem científica, mas uma sensibilidade emocional, intuitiva e até mesmo artística, que o leva ao reconhecimento, à seleção e à valorização de aspectos da realidade e, por fim, à uma capacidade de transformação dessa realidade por meio de intervenções, que são o resultado de suas reflexões científicas (MORIN, 2005).

A necessidade de abordagem científica integrativa, interdisciplinar e transdisciplinar e multidimensional é destacada por Cruz (1986), que enfatiza a interação do sujeito que recebe a mensagem e essa própria mensagem. No sentido indicado acima, a autora afirma, a respeito da estética da recepção, como sendo um processo complexo. Nele, a obra literária, quando recebida pelo sujeito, é também recriada por ele e se torna o produto da interação do leitor com a obra. Cruz enfatiza que no tempo presente nem as ciências físicas estão limitadas a dados observáveis e passíveis de experimentação, motivo pela qual as ciências humanas, por razões maiores, não podem limitar sua abordagem à conservadora dicotomia objeto

pesquisado e sujeito pesquisador, na medida em que, nas ciências humanas, o sujeito é influenciado de forma determinante por seu contexto.

A elaboração de sentidos pelo indivíduo não é totalmente limitada à sua habilidade racional. Mais do que apenas a razão, símbolos sejam arquetípicos ou não, e imagens percebidas de forma consciente ou apreendidas no âmago do inconsciente coletivo ou individual geram consequências na elaboração de sentidos que cada pessoa faz a respeito da conjuntura em que interage e vive (ELIADE, 2004). Esse processo complexo de elaboração de sentidos é componente do tecido das relações sociais e supera a possibilidade meramente racional de explicação de tais relações (MEDINA, 2003). É devido a isso que Morin (2005) sugere a elaboração do “pensamento complexo”, que abrange a ordem e o caos, a emoção e a razão, a transdisciplinaridade e a disciplina.

Assim, por consequência das influências teóricas até aqui indicadas, esta pesquisa foi realizada baseada em uma abordagem científica multidimensional, integrativa, transdisciplinar e interdisciplinar, e que possibilitou a superação do modelo cartesiano, da tradicional dicotomia entre objeto pesquisado e sujeito pesquisador, substituindo-o pela relação sujeito pesquisado/sujeito pesquisador, única que permite o ato de exercer a inteligência complexa, seja ela solidária, transformadora, emocional e racional dos fenômenos estudados. Portanto, a intenção é fazer leitura cultural inter e transdisciplinar da vida noturna da cidade de São Paulo.

O método como ponto de apoio

Muitos pesquisadores, quando se propõem a investigar um objeto, necessitam de alguns pontos de apoio que apontem, com uma boa margem de segurança, os caminhos a seguir. Tal prática é consequência da herança científicista que dá ao método o status de elemento fundamental que garante a objetividade do trabalho acadêmico. Essa herança advém de uma discussão sobre ciência que, em fins do século XIX a seu desenvolvimento no XX, influenciou na construção de uma noção de método. E o método então seria visto como caminho a ser percorrido, demarcado, do começo ao fim, por fases ou etapas (VIEIRA, 2002). E, como a pesquisa tem por objetivo um problema a ser resolvido, o método serve de guia para o estudo sistemático do enunciado, compreensão e busca de solução do referido problema, não é outra coisa do que a elaboração, consciente e organizada, dos diversos procedimentos que orientam o pesquisador para realizar o ato reflexivo, isto é, a operação discursiva de sua mente (RUDIS, 1978).

Essa forma de refletir a pesquisa científica está muito presente no trabalho dos acadêmicos. Muitos deles, ao desenvolverem uma pesquisa ou discorrerem sobre métodos, seguem e/ou recomendam como primeiro passo a leitura da bibliografia, buscando identificar as lacunas no conhecimento do objeto, os pontos de fragilidade desse conhecimento; o segundo passo seria tomar conhecimento de todas as posturas teóricas, no sentido de escolher ou formular uma. Dados esses dois passos, surgiria o terceiro que é a formulação de hipóteses sobre o objeto em questão. Só então é que o pesquisador iria coletar as fontes para comprovar ou não as hipóteses previamente formuladas.

Para Vieira (2002), essa forma de conceber a pesquisa supõe uma submissão do pesquisador tanto aos procedimentos do método como aos recursos da técnica, pois a ênfase recai nos procedimentos do pesquisador em detrimento de sua relação com o objeto. O como fazer ganha uma autonomia muito grande, ficando separado dos outros procedimentos. No fundo, quando se pretende apelar para técnicas universais, está se generalizando uma determinada forma de pensar na pesquisa.

Contudo, e apenas como ponto de partida, esta pesquisa é de caráter qualitativo por ser direcionada durante o processo de seu desenvolvimento e não visar elencar ou mensurar eventos, além de não utilizar instrumentos estatísticos ao proceder a análise dos dados.

A abordagem qualitativa da pesquisa normalmente não se preocupa com números. Envolve a coleta de uma grande quantidade de informações sobre um pequeno número de pessoas, em vez de uma pequena quantidade de dados sobre um grande número de pessoas (VEAL, 2011, p.76).

De acordo com Veal (2011, p.264), os métodos qualitativos demandam uma abordagem flexível e recursiva no planejamento e na condução geral da pesquisa, possibilitando que a formulação de hipóteses evolua enquanto a pesquisa se desenvolve, na medida que a coleta e análise de dados ocorrem simultaneamente com a redação, que também é um processo evolutivo, em vez de um processo separado que ocorre no fim do projeto.

Esse tipo de pesquisa procura obter dados descritivos a partir do contato direto e interativo de quem pesquisa com a situação objeto de estudo. No decorrer da pesquisa qualitativa, é comum que o pesquisador busque compreender os

fenômenos de acordo com a perspectiva dos participantes da situação analisada e, então, apresente sua interpretação do fenômeno estudado.

É conveniente ressaltar que a pesquisa qualitativa tem diferentes significados nas ciências sociais. Engloba um extenso conjunto de técnicas interpretativas, que objetivam descrever e codificar os componentes de um sistema complexo de significados. Visando traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, quer diminuir a distância entre o indicador e o indicado (MAANEN, 1979, p.520). A tarefa de descrição tem papel fundamental nos estudos qualitativos, é por ela que os dados são coletados (MANNING, 1979, p.688). A pesquisa descritiva, conforme o termo sugere, consiste em descrever o fato observável, o fenômeno da pesquisa, registrando suas características de forma sistemática.

Aqui, a descrição é base para um breve histórico do crescimento do entretenimento noturno na cidade São Paulo a partir das primeiras décadas do século XX e sobre sua importância na economia da cidade. Essas descrições, por um lado, não pretendem esgotar o assunto, o que seria praticamente impossível diante da complexidade do tema, merecendo pesquisas específicas, tanto para contar a história da vida noturna da cidade, mesmo em um curto período de tempo, quanto para descrever com a devida profundidade seus impactos na economia de São Paulo.

Por outro lado, tais itens predominantemente descritivos são fundamentais, pois fornecem dados, informações e conhecimento para o objetivo central da presente pesquisa, que é analisar se o entretenimento noturno pode ser considerado mais um elemento identitário da cidade de São Paulo, compondo sua narrativa.

Em uma dada dimensão, os métodos qualitativos são próximos aos procedimentos de interpretação dos fenômenos empregados no dia a dia, tendo a natureza dos dados que o pesquisador qualitativo utiliza em sua pesquisa. Nos dois casos, os dados são simbólicos, contextualizados, revelando parte da realidade e escondendo outra (MAANEN, 1979, p.521).

Adotando multimétodos de investigação para o estudo do fenômeno social aqui proposto e já indicado, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno, quanto interpretar seus significados (CHIZZOTTI, 2008), essa pesquisa pode ser classificada primeiro como exploratória, por ter como objetivo proporcionar maior familiaridade com os problemas de pesquisa, tornando-os mais claros e auxiliando na construção das hipóteses; segundo, como descritiva na medida que tem como seu objetivo a descrição de características do fenômeno a ser compreendido. Tal procedimento é inerente ao trabalho investigativo, tendo como intuito ampliar idéias e rever conceitos, viabilizando recursos mais abundantes para a formulação de hipóteses que conduzem a pesquisa, além de proporcionar uma visão mais geral sobre a temática da investigação.

Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado, o que é exatamente o caso do presente estudo. Para Sampieri et al.,

os estudos exploratórios são feitos, normalmente, quando o objetivo da pesquisa é examinar um tema ou problema de investigação pouco estudado ou que não tenha sido abordado antes (1991, p. 59).

É correto afirmar ainda que as pesquisas exploratórias são usualmente utilizadas na investigação preliminar da situação com um mínimo de custo e tempo, auxiliando o pesquisador a conhecer mais acuradamente o assunto de seu interesse.

Considerando que as pesquisas envolvem busca e explicação, Veal (2011) esclarece que a busca por uma descoberta pode ser denominada de “o quê” da pesquisa, aqui especificamente *o que está acontecendo? ou qual a situação* da vida noturna na cidade de São Paulo? Já a explicação pode ser denominada de “como?” e “por quê?” da pesquisa, assim, *como as coisas acontecem? por que acontecem dessa forma? quais as causas do fenômeno*, por exemplo, do crescimento da economia do entretenimento noturno na cidade de São Paulo?

Portanto, “a busca envolve descrever e coletar informações. A explicação envolve tentar entender a informação – vai além da descrição” (VEAL, 2011, p.68), exatamente o objetivo deste estudo. Para Veal, os métodos de pesquisa são facilitadores de ambos os processos, e a descrição e explicação são parte de um modelo circular de pesquisa, funcionando de duas maneiras: indutiva e dedutiva.

Foi utilizado para tanto uma pesquisa bibliográfica, que proporciona situar a pesquisa no universo do que já foi escrito sobre o tema, abrindo novas perspectivas, tanto na direção de novos problemas, quanto para o encaminhamento das hipóteses não vislumbradas até agora. Cervo e Bervian assim a definem:

a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos [...] busca conhecer e analisar as contribuições culturais e científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema [...] é meio de formação por excelência e constitui o procedimento básico para estudos monográficos, pelos quais se busca o estado da arte sobre determinado tema (2002, p.65-66).

Este trabalho também lança mão de recursos da pesquisa documental, assim, filmes, romances, jornais, revistas, dados estatísticos, relatórios técnicos de entidades ligadas ao entretenimento e de instituições governamentais são utilizados. Para Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2004, p.169), documento é qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação, é útil para a compreensão de um processo ainda em curso ou para a reconstituição de uma situação passada. Neves (1996, p.3) acrescenta que a pesquisa documental possibilita que a criatividade do pesquisador dirija a investigação por enfoques diferenciados, sendo especialmente interessante para o estudo de longos períodos de tempo.

1. UM CAMPO DE DEFINIÇÃO PARA ENTRETENIMENTO

Estudos relacionados ao entretenimento no Brasil são relativamente escassos, primeiro por ser o próprio entretenimento uma atividade recente no mundo, segundo pelo preconceito que a academia e intelectuais têm em relação ao tema.

O presente capítulo elabora um campo de definição para o entretenimento, com fronteiras tênues, considerando para tanto sua dimensão histórica, além de apresentar as argumentações que fundamentam o preconceito a respeito do tema por meio de uma pesquisa bibliográfica.

O termo entretenimento, seu entendimento e significado contemporâneo, está vinculado ao empresariado norte-americano, referindo-se a atividades programadas quase sempre pagas, com o objetivo de simples diversão, distração, recreação (TRIGO, 2008, p. 25), reunidas em um mesmo fenômeno, porém com características muito diferentes entre si, articuladas como mercadorias, com a finalidade de consumo especificamente caracterizado pelo prazer.

Esse grande e difuso grupo, que pode ser denominado entretenimento, possibilita transformar infinitas atividades em mercadoria para consumo, ou, como afirma Debord (2008), em espetáculo, desde as mais corriqueiras, populares e baratas às mais exclusivas, sofisticadas e caras.

1.1 Situando o entretenimento em relação ao lazer

O entretenimento deve ser problematizado em relação ao lazer. Contudo é preciso frisar que o objetivo do capítulo não é discutir lazer, nem sequer defini-lo.

As características definidoras do entretenimento aqui apresentadas, entretanto, são quase sempre opostas em várias dimensões as do lazer e devem ser salientadas, evitando equívocos. Mas, com o mesmo objetivo, é preciso apontar as semelhanças existentes. Qualquer que seja o critério ou elemento de comparação, o entretenimento, quase sempre, é vinculado ao consumismo, tido como vazio, alienante, escapista, compensatório e desprovido de potencial transformador da existência humana.

Dumazedier, autor que indicou critérios para o avanço do conhecimento das formas e dos significados do lazer, ao defini-lo, fornece parâmetros para situar o entretenimento em relação ao lazer:

[...] conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (1973, p.34).

Requixa (1973, p.41) também enfatiza elementos similares aos de Dumazedier, ao afirmar que lazer deve ser entendido

como uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social.

Em *O trabalho em migalhas*, Friedmann (1972) já enfatizava que o elemento definidor de lazer é a livre escolha, sendo praticado no momento e da forma esperada pelo indivíduo, que dele aguarda a satisfação e, inclusive, um grau de desenvolvimento.

Por sua vez, o entretenimento não tem, obrigatoriamente, pretensão de proporcionar ao indivíduo informação, não visa desenvolver sua formação,

participação social ou capacidade criadora, muito menos quer propiciar condições de recuperação psicossomática.

Outro elemento importante nessa contraposição é o ganho financeiro. Camargo (1999, p.11-12) afirma que o lazer nunca é inteiramente gratuito, porém, é momento em que o indivíduo pode optar por exercitar, mais que no entretenimento, o fazer-por-fazer. Marcellino (1987, p.31) indica como um importante traço definidor do lazer o “caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos não fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação”. No entretenimento predominantemente há um ganho financeiro em vista ou preço a ser pago, estando normalmente inserido na lógica capitalista como mera mercadoria, em contrapartida o lazer não visa necessariamente ganho financeiro, podendo ser realizado, dependendo do tipo de atividade, sem qualquer preço a ser pago.

Dumazedier, já citado, considera o lazer como sendo um “conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade”. Mesmo raciocínio é compartilhado por Requiza (1973, p.41), que afirma ser o lazer “uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo”. Camargo (1999, p.10) relativiza a possibilidade de livre escolha do lazer, lembrando que [...] “os determinismos culturais, sociais, políticos e econômicos pesam sobre as atividades de lazer”. Porém há um grau de liberdade nas opções de lazer muito maior que nas opções que um indivíduo faz no trabalho, no ritual familiar, na vida sócio religiosa e sóciopolítica.

É quase impossível considerar a opção por uma atividade de entretenimento como sendo de livre escolha do indivíduo. Tal opção não é livre em nenhum grau, ao contrário do lazer. O entretenimento está muito vinculado à lógica da produção da indústria cultural e submetida à onipresente influência dos meios de

comunicação, impossibilitando definitivamente sua livre escolha. Não se pretende aqui debater a influência dos meios de comunicação sobre as opções individuais de entretenimento, menos ainda elaborar uma análise crítica da indústria cultural como parte da indústria do entretenimento. A idéia é apenas relativizar entretenimento e lazer, mesmo porque no tempo presente é muito difícil pensar em lazer sem citar sua relação com o consumo de produtos e serviços de entretenimento.

O consumo e a lógica do capital também estão inseridos no tempo liberado do trabalho e das obrigações, ou seja, tempo utilizado para o lazer e para o entretenimento. Adorno (1995), ao criticar a maneira como a sociedade contemporânea utiliza o tempo livre, afirma que este é contaminado e submetido à racionalidade econômica e lógica do capital. O tempo livre remete às formas de vida próprias das sociedades capitalistas. O termo tempo livre carrega em si aquela quantidade de tempo que não é ocupada pelo trabalho. Em suas palavras, Adorno (p.70) indica pela via da “diferença específica que o distingue do tempo não-livre, o tempo livre é acorrentado ao seu oposto”. O indivíduo segue os mesmos padrões do tempo do trabalho.

Parker (1978), ao apontar que as sociedades urbano-industriais estariam em direção de uma “civilização com lazer”, e não do lazer, como defendeu Dumazedier (1973), sustentou sua argumentação no princípio que o lazer refletia e reproduzia as mesmas relações e características do mundo do trabalho. Então, no tempo livre continuam as formas da vida social organizada segundo o regime de lucro.

Exatamente como a lógica do trabalho está posta no tempo do não trabalho, também é correto afirmar que a lógica da produção do lazer e do entretenimento é a lógica da produção capitalista. A partir de Taschner (2000), é

possível conjecturar que nas sociedades contemporâneas existe uma relação direta entre lazer e consumo e, derivando seu raciocínio, entre entretenimento e consumo. Então, se as sociedades do tempo presente são submetidas à proclamada lógica do capital, tudo que as compõe, inclusive o lazer e o entretenimento, assume tal lógica por meio da produção massificada de mercadorias, como as de lazer e as de entretenimento, para que o mercado consumidor as adquira.

Em última análise, até mesmo o ato de consumir, conceituado como comprar, usar e exibir, também é transformado em uma atividade ou forma de lazer e entretenimento. Nas cidades de hoje, os *shoppings centers*, projetados como centros comerciais, foram transformados pelo uso em espaços de lazer e entretenimento.

Lazer é transformado em consumo, como é característica do entretenimento. Para Padilha,

parece inevitável que o lazer, entendido como ocupação ou atividade durante um tempo liberado de obrigações, numa sociedade capitalista, implique necessariamente uma relação de consumo (2000, p.70).

O lazer e o entretenimento, portanto, são mercantilizados. Padilha indica que haveria a intervenção de especialistas em lazer para substituir as funções até então realizadas pelos próprios indivíduos ou pela coletividade, como animação, e inclusive nas relações sociais.

Nessa visão do futuro, lazer seria reduzido a uma mera função de consumo, com claras influências econômicas, atingindo, como ressalta Uvinha (2010, p.164) “[...] uma evidente faceta de mercadorização, se aproximando de uma conjunção de *commodity*, de um produto a ser profissionalmente comercializado com o mais alto grau de eficiência”, como também é o entretenimento. Para Rojek

(2006, p. 141, t.n.²), há uma expressiva “comodificação” do lazer, fenômeno típico da sociedade globalizada atual.

O desenvolvimento tecnológico é outro fator que contribui para a mercantilização do lazer, assim como para a consolidação da indústria do entretenimento, como constata Werneck:

Uma vez que o progresso tecnológico vem reduzindo o trabalho nos setores agrícola e industrial, vem se multiplicando, se diversificando e se sofisticando a oferta de bens e de serviços no setor terciário [...] Os investimentos substanciais na chamada “indústria do lazer e entretenimento” devem-se, em grande parte, ao quadro social que caracteriza a nossa realidade sociocultural histórica (2000, p. 64).

Prova da relação entre o quadro social, que caracteriza a nossa realidade sociocultural histórica, a indústria do lazer e do entretenimento, apresentada pela autora, é o fato de que o consumo de bens culturais, relacionados ao lazer e ao entretenimento, assumiu um peso significativo do lazer para indivíduos de todas as classes sociais. Forjas, em pesquisa publicada no final da década de 1980, aponta que o lazer da elite estava, já naquele momento, estreitamente associado ao consumo cultural. A leitura, o cinema, a televisão e o rádio são as formas predominantes de divertimento e ocupação do tempo livre (1988, p. 103).

O mesmo consumo de bens culturais, porém de modo não tão diversificado, de lazer e de entretenimento, também foi percebido por Taschner em 1991 na classe operária, entre os quais predominam a televisão e o rádio. Mesma constatação feita por Magnani que, em sua publicação em 1998, aponta atividades que envolvem o consumo de serviços culturais ou de entretenimento entre as classes sociais populares, destacadamente entre os jovens, como cinema, baile e ouvir disco (p.109).

² Abreviação para “tradução nossa”.

Em 2005, a pesquisa de Botelho e Fiore reforça o consumo cultural como forma de lazer, apontando que os elementos mais consumidos foram cinema, televisão, rádio, revista, jornais e livros, sustentando a idéia de um significativo aspecto de consumo nas práticas de lazer.

Indicadores apresentados na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2008-2009, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelavam um crescimento do gasto com lazer nas despesas das famílias. Os gastos familiares mensais com recreação e cultura, no Estado de São Paulo, atingiram 2,59%. Entre as famílias residentes em áreas urbanas da região sudeste, com renda mensal acima de R\$ 3.000,00, o gasto com consumo de lazer chegou a significativos 5,45% da renda mensal.

Os dados apresentados por pesquisadores desde a década de 1980, assim como os indicadores do IBGE, explicitam a relação direta e cada vez mais significativa que o lazer tem com o consumo, destacadamente com a indústria cultural e, muito particularmente, com o entretenimento.

1.2 Sobre o entretenimento

Diferentes sociedades, ao serem analisadas no longo processo histórico de suas formações, parecem sempre ter algum tipo de atividade divertida e programada em seus calendários religiosos e não religiosos, como brincadeiras de rua, jogos, festas, circos, teatros, shows, feiras, campeonatos, romarias, procissões e quermesses (TRIGO, 2008, p. 26). Mas foi apenas no século XX que o entretenimento adquiriu a característica de consumo em massa, por meio do cinema, rádio, televisão e mais recentemente com os computadores que, conectados

entre si por diferentes tecnologias, formam a *world wide web* (rede de alcance mundial) que reforçou a relação entre consumo de massa e entretenimento.

A definição de entretenimento estabeleceu suas fronteiras de significado ao longo dos séculos XIX e XX, fato que guarda uma relação de consequência com a estruturação do capitalismo. Um indício dessa relação está na constatação do desenvolvimento do setor do entretenimento nos Estados Unidos no período que cresceu mais que a indústria automobilística, siderúrgica e o setor financeiro. Naquele país, os negócios relacionados à mídia e entretenimento geram boa parte dos US\$ 500 bilhões globais anuais de receitas:

Mas isso é apenas parte da história. Dentro apenas das possibilidades domésticas – cinema, televisão, vídeo, música popular, esportes, parques temáticos, rádio, cassinos, revistas, livros, jornais, brinquedos etc. – entretenimento é, em várias partes do mundo, o setor econômico que mais cresce. Isso é uma verdade nos países desenvolvidos e em alguns em desenvolvimento. Mas um impacto ainda maior refere-se em como o fator entretenimento tornou-se uma vantagem competitiva, um diferencial, em virtualmente todos os aspectos de imensa economia de consumo. Do setor de viagens aos supermercados, dos bancos aos periódicos financeiros, do “fast food” aos novos automóveis, o entretenimento está inserido em toda economia da mesma forma que a informática tornou-se presente ao longo das últimas décadas. Ao escolher onde comprar batatas fritas, como se relacionar com candidatos políticos, em qual companhia aérea viajar, que pijamas comprar para as crianças e qual centro comercial frequentar, o entretenimento influencia cada vez mais cada uma das escolhas que as pessoas fazem cotidianamente (WOLF, 1999, p. 4).

O surgimento de um setor economicamente estruturado baseado nos negócios relacionados ao entretenimento ocorreu nos países desenvolvidos em geral, e principalmente nos Estados Unidos, em curto período de tempo. Nos primeiros anos do século XIX, a cultura não erudita, ou denominada popular, estava mais inserida na sociedade americana do que na européia e em dimensões mais amplas. Com seu característico pragmatismo, os americanos, fiéis à democracia,

demonstravam pouca afinidade à pretensa sofisticação da alta cultura européia.

Uma parcela substancial da população demonstrava uma inclinação ao lixo cultural:

O lixo estava em toda parte. A mesma época que testemunhou o surgimento de Nathaniel Hawthorne, Herman Melville, Henry David Thoreau e Walt Whitman, e que viria a ser chamada de Renascimento americano, pela qualidade do que se escrevia, viu também o surgimento de romances insípidos e sentimentais, mas tremendamente populares como *The Wide, Wide World* (1850), de Susan Warner, uma história lenta e lacrimosa de uma jovem cujos pais vão para a Europa, deixando-a à mercê de uma série de tutores e torturadores; a proliferação de almanaques de humor devasso, que se deliciavam em cutucar a sociedade polida e em celebrar a impertinência; a multiplicação de panfletos palpitantes sobre crimes pavorosos, cometidos por vilões como John Mitchell, que castrou um menino com um pedaço dentado de lata, ou como os irmãos Knapp, que mandaram matar o capitão Joseph White na esperança de lucrar com sua herança e ainda por cima riram do crime; a disseminação de uma ampla literatura erótica e pornográfica, de romances libertinos como o de George Lippard, *The Quaker City* (1845), que desnudava as mocinhas como uma forma de tirar o véu da hipocrisia das fachadas requintadas, e de romancinhos baratos que contavam as aventuras de heróis como Búfalo Bill Cody numa prosa simples, chã, que qualquer menino de grupo escolar era capaz de entender (GABLER, 1999, p. 20-21).

Na música e no teatro, o fenômeno se repetia, as obras eram customizadas para o gosto popular. O segmento do entretenimento popular na segunda metade do século XIX já demonstrava grande vigor. Exemplos significativos não faltam: em cerca de 50 anos foram vendidas 500 mil cópias da obra de Susan Warner, *The Wide, Wide Word* de 1850; romances juvenis atingiam vendas de 80 mil exemplares; um único editor imprimiu 4 milhões de livros em cinco anos, quando a população americana era de 25 milhões de habitantes (TRIGO, 2008, p. 29).

Para Gabler (1999, p. 35), essa onda de lixo marcou uma nova era, uma revolução cultural que alterou para sempre as preferências dos americanos, influenciando os responsáveis pela produção de cultura. No momento anterior ao

entretenimento, a produção da cultura de massa, tanto na América como na Europa, foi dominada pela rica e sofisticada aristocracia.

O entretenimento era com frequência definido pela elite americana como pura e simples diversão, predominando o rude, composto em sua maioria de conteúdo impróprio. Um exemplo desse entendimento, que colocava o entretenimento como uma atividade marginal e nada nobre, está nesse trecho de Forsyth:

Fiquei sabendo que em toda a ilha não havia lei, ou que havia lei própria. Essa ilha não fazia parte da cidade do Brooklyn, do outro lado do estreito, e até recentemente era governada por um sujeito que era meio político, meio gângster chamado John McKane, que acabara de ser preso. Mas o legado de McKane sobrevivia nessa ilha lunática dedicada aos parques de diversão, aos bordéis, ao crime, ao vício, e ao prazer. Coney Island recebia nova-iorquinos burgueses cada fim de semana que lá gastavam fortunas com diversões tolas produzidas por empreendedores de coragem (FORSYTH, 1999, p. 42).

Ao apresentar suas considerações sobre entretenimento nesse mesmo período histórico, Gabler enfatiza:

[...] Eram gratificações e não edificações, transigência e não transcendência, reação e não contemplação, escape em vez de submissão às instruções morais. Como disse um elitista, a diferença entre entretenimento e arte é a diferença entre a “gratificação espúria e a experiência genuína como degrau para uma maior realização pessoal”. Está claro que o entretenimento podia fazer, e muitas vezes fez, concessões à moralidade propondo alguma lição evangélica, ainda que apenas para resistir ao inimigo mas ninguém em sã consciência poderia atribuir o poder do entretenimento a isso. Ao contrário, seu apelo parecia estar no fato de resistir, deliberadamente, às obrigações da arte. Um dos dogmas da cultura era que a arte exigia esforço para ser apreciada, sobretudo esforço intelectual, mas o entretenimento não fazia nenhuma exigência a seu público [...] trabalhava apenas a serviço dos sentidos e das emoções; era a reação passiva recompensada pela diversão. Operando sobre as emoções e sobre as vísceras, sobre os centros da irracionalidade e da irresponsabilidade, o entretenimento provocava reações excitando o

sistema nervoso, quase da mesma forma que as drogas. De fato, era o entretenimento, e não a religião, como queria Marx, o ópio do povo (GABLER, 1999, p. 23-24).

É possível conjecturar que a postura preconceituosa e pedante de parte da intelectualidade diante da cultura de massa tenha fundamentos no argumento de Gabler aqui reproduzido. A aristocracia reacionária nunca aceitou que as camadas populares se divertissem fora do alcance da Corte, da Igreja e do Estado. Apenas as festas de exceção, como o carnaval, feiras populares e quermesses organizadas pela igreja eram toleradas. Ao se tornarem atividades independentes, lucrativas e orientadas pelos desejos do público, constituíram uma ameaça de perda, por parte das elites, de seu histórico poder, para outras elites que estavam em pleno processo de formação, sem vínculos com o capitalismo industrial ou financeiro, mas com setores da atividade econômica, como a cultura de massa e o entretenimento.

Na origem latina da palavra entretenimento, estão *inter*, ou entre, e *tenere*, ou ter. Em sua evolução na língua inglesa, *entertainment* tem o sentido de “aquilo que diverte com distração ou recreação” e “um espetáculo público ou mostra destinada a interessar e divertir” (GABLER, 1999, p. 25), ou seja, os significados no latim ou no inglês estão atrelados à ideia de “ter entre”. Enquanto a arte proporciona o *ékstasis*, do grego “deixar que saíamos de nós mesmos”, proporcionando ao espectador a possibilidade de uma perspectiva fora dele, o entretenimento, ao contrário, induz o espectador para dentro dele e para dentro do próprio espectador, como uma negação à perspectiva. Portanto, “segundo os elitistas, enquanto a arte trata cada espectador, ouvinte ou leitor, como indivíduo, provocando uma resposta individual à obra, o entretenimento trata suas platéias como massa” (TRIGO, 2008, p. 32).

Assim, como afirma Debord (2008), é um espetáculo para as massas, divertido, fácil, sensacional, irracional, previsível e subversivo, fatores que tornam o entretenimento a atividade preferida por milhões de pessoas. Para a pretensa elite intelectual, seja política ou religiosa, pouco afeita à diversão e prazer, o povo era preguiçoso, ignorante, infantil, configurando o cenário para considerarem o entretenimento como uma anátema social, que prenunciava o caos conceitual e comportamental (TRIGO, 2008). Tal tendência, presente no discurso da aristocracia da arte, é sintetizada por Gabler:

Mas talvez o motivo principal das críticas dos intelectuais fosse o fato de compreenderem a própria precariedade num mundo dominado pelo entretenimento [...] que disseminou um tema inequívoco [...] o triunfo dos sentidos sobre a mente, da emoção sobre a razão, do caos sobre a ordem, do id sobre o superego, do abandono dionisíaco sobre a harmonia apolínea. O entretenimento era o pior pesadelo de Platão. Depunha o racional e entronizava o sensacional e, ao fazê-lo, depunha a minoria intelectual e entronizava a maioria sem requinte. Os intelectuais sabiam que aí residia o maior perigo, o poder de substituir a velha ordem cultural por uma nova ordem, o poder de substituir o sublime pelo divertido (GABLER, 1999, p. 28).

Há dificuldade em elaborar um conceito de entretenimento, pois ele pode carregar distorções, gerar argumentos autoritários e elitistas, particularmente. Diante do fato de que as sociedades atuais, aparentemente, possuem três categorias complexas no universo cultural, que devem ser diferenciadas – a arte e a cultura em geral; o entretenimento; e o lixo produzido com finalidades racistas, pervertidas ou grotescas – é preciso evitar o nivelamento epistemológico por baixo, sem análise axiológica ou baseado em juízo de valor, sua simplificação pode gerar argumentos autoritários ou elitistas (TRIGO, 2008).

Não se pode ignorar a importância social, cultural e econômica do entretenimento na vida das pessoas; são inúmeros os indícios que apontam como

ele permeia a vida social, tornando-se uma força econômica, uma referência cultural e um estilo em vários grupos sociais, devendo ser encarado como uma característica definidora das sociedades atuais e, como tal, um tema, apesar de recente, com potencial de ampliar a compreensão a respeito delas.

2. DESLOCAMENTO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Problematizar o tema identidade e seu processo de construção é necessário para estabelecer parâmetros e, assim, verificar se a identidade da cidade de São Paulo está em pleno processo de transformação, incluindo o entretenimento noturno como mais um elemento cultural identitário. Para tanto, o presente capítulo revisa a bibliografia central sobre identidade, não com a pretensão de elaborar uma definição, pois ela possuiu muitas dimensões, como a individual, a local ou a nacional, para mencionar apenas as mais comuns, mas sim para produzir conhecimento sobre o tema, elencando os argumentos centrais presentes na bibliografia. Primeiro, para dar a necessária fundamentação teórica à pesquisa; segundo, para subsidiar tanto a escolha de indícios que indicam a inclusão do entretenimento noturno na narrativa sobre a cidade, quanto para a coleta de dados qualitativos que, juntamente com os indícios, sustentam a hipótese central da tese.

A atual conjuntura histórica é marcada pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade, geradas em parte por uma cultura de virtualidade de fato, baseada em um conjunto de meios de comunicação integrados e cada dia mais diversificados, tendendo, pela velocidade de sua expansão, à universalização em pouco tempo.

Castells acredita que essa conjuntura é caracterizada por uma revolução da tecnologia da informação e uma reestruturação do capitalismo. Como resultado, surge uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede, fundada na globalização e presente nos mais variados níveis da sociedade que se espalha por todo mundo, alterando comportamentos e transformando culturas numa velocidade vertiginosa:

“admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo” (1999, p.17). Para Canclini, trata-se de

um mundo tão fluidamente interconectado, que as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais (2003, p.XXIII).

Para Hall (2006, p.14), a globalização carrega em si o caráter da mudança, o que é determinante para o debate sobre identidade. As sociedades modernas estão em mudança constante e rápida, característica que as distingue das sociedades tradicionais. Giddens complementa, destacando que uma das características mais óbvias da era moderna é seu extremo dinamismo, tornando o mundo um “mundo em disparada” (2002, p.22). Contudo, a modernidade não pode ser definida unicamente como a experiência de existência com a mudança rápida, abrangente e contínua, e sim uma nova forma altamente reflexiva de vida, em que

as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz de informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter (GIDDENS, 1991, p.45).

A idéia de que a modernidade é marcada por um apetite pelo novo pode não ser totalmente precisa, pois ela não adota o novo por si só, mas é caracterizada pela suposição da reflexividade indiscriminada ou intrínseca (GIDDENS, 2002, p.25), e, para Giddens, “inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão” (1991, p.46).

Giddens alerta, principalmente, para o ritmo e alcance dessas mudanças, pois, “conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, as ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da terra” (1991, p.15-6). O que em 1982 já era destacado assim por Berman:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia:

nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia (2008, p.24).

Porém, para Giddens, o mais importante são as transformações do tempo e do espaço, o que ele chama de “desencaixe do sistema social”, que pode ser entendido como o deslocamento das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de tempo-espaço (1991, p.29): “A transformação do tempo e do espaço, em conjunto com os mecanismos de desencaixe, afasta a vida social da influência de práticas e preceitos preestabelecidos” (2002, p.25).

Harvey (2010) argumenta que a modernidade implica mais do que “uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes”, caracteriza-se “por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes” (p.22).

Entre as possibilidades abertas pela globalização, estão as mobilizações como a defesa de direitos humanos, preservação do meio ambiente e eventos de entretenimento, particularmente os noturnos (festivals de música, gastronômicos, “baladas”, cinema, etc.) que ocorrem simultaneamente e com as mesmas características em vários países, podendo ser considerados indícios do novo mundo apontado por Castells, o mundo da sociedade em rede, reforçando interconexão das regiões do planeta, como destaca Giddens.

Segundo Hall (2006), uma mudança estrutural vem transformando as sociedades modernas desde as últimas décadas do século XX, fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que em períodos anteriores nos forneceram “sólidas localizações como indivíduos

sociais” (p.9). No mundo do tempo presente, somos relativamente opostos “a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade” (p.10). Tal perda de “sentido em si” estável é denominada como deslocamento ou descentração do sujeito, fenômeno caracterizado por um duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – resultando em uma “crise de identidade”.

Canclini destaca que os estudos sobre as narrativas identitárias revelam não ser possível afirmar que as identidades se tratam, apenas, de um conjunto de traços fixos, nem como sendo a essência de uma etnia ou de uma nação.

Já não basta dizer que não há identidades caracterizadas por essências autocontidas e aistóricas (sic.), nem entendê-las como as formas em que as comunidades se imaginam e constroem relatos sobre sua origem e desenvolvimento (2003, p. XXIII)

Hall (2006) acrescenta que as velhas identidades estão em declínio, originando novas e fragmentando o indivíduo moderno, visto como um sujeito unificado. Esse fenômeno constitui a “crise de identidade”, que não é isolada, mas parte de um processo amplo de mudança que desloca as estruturas e processos centrais das sociedades modernas, modificando as referências que permitiam aos indivíduos uma base estável no mundo social. Ao tratar de identidade nacional, Maia (2009, p. 92) reforça a argumentação de Hall e Canclini, afirmando que,

no tocante às questões relativas às identidades coletivas, em dimensões nacionais, é fato que pode haver mais de uma identidade cultural dentro de um espaço político açambarcado por um identidade nacional [...].

O conjunto de referências culturais, que orientam a identidade de São Paulo como cidade cosmopolita, inclui entre seus elementos mais icônicos, sua população formada por imigrantes italianos, portugueses, espanhóis, japoneses,

libaneses, alemães, judeus e outros tantos, que forneceram a matéria prima religiosa, artística, estética, folclórica, gastronômica, arquitetônica e de trabalho industrial, que a caracteriza como a cidade mais multicultural do país.

Seu poder econômico é outra referência identitária. São Paulo é o centro financeiro do país, onde está localizada uma das mais importantes bolsa de valores do mundo, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa); além de ser o endereço de sedes de bancos e empresas globais é, também, o maior centro comercial da América do Sul. Mas é do setor secundário a origem de seu elemento identitário mais significativo, que a faz ser, primeiramente, como cidade industrial, a locomotiva do Brasil, a Chicago da América Latina.

Nos últimos anos vem sendo acrescentado mais um elemento cultural definidor da identidade de São Paulo, derivado do crescimento do setor de entretenimento noturno. A cidade industrial, da velocidade, do trabalho e do progresso, é também, no tempo presente, definida como a cidade da vida noturna, fenômeno que, de acordo com Limena (2009, p.74), surge a partir de novas modalidades de uso da cidade, que revelam novos modos de experimentar o tempo, reinventando lugares e significados que modificam as antigas formas de se relacionar com a cidade. Com uma quantidade sem paralelos no Brasil de teatros, restaurantes, casas noturnas, cinemas, por exemplo, a cidade já se apresenta, por meio de seus órgãos de promoção, como a São Paulo Turismo (Spturis) ou a São Paulo Convention & Visitors Bureau (SPCVB), utilizando como atrativo suas possibilidades de entretenimento, com destaque crescente para o entretenimento noturno.

Esse novo mundo, de mudanças constantes e tendências conflitantes, permeável à globalização e ao cosmopolitismo, dinamiza identidades, cujos

elementos definidores não são determinados apenas pelas idiossincrasias locais, mas, por exemplo, pelo desejo de vivenciar a experiência da existência de uma época. No tempo presente, a existência cada vez mais valoriza a experiência do entretenimento noturno, acrescentando à identidade o hábito e o costume da fruição da vida noturna.

Os meios de comunicação estão repletos de indícios dessa afirmação. Emissoras de televisão abertas ou por assinatura exibem programas dedicados ao tema, jornais possuem cadernos inteiros ou revistas encartadas que compilam, classificam e promovem a vida noturna da cidade. Com o mesmo conteúdo, incontáveis sites e blogs estão na rede mundial de computadores. Dezenas de aplicativos para smartphones (apps), mantém os paulistanos atualizados sobre as novidades da dinâmica noite da cidade. Escritores de telenovelas e romances, diretores de cinema e teatro elaboram personagens tendo como referência a noite paulistana. As narrativas sobre a cidade, a maneira como ela é descrita pelas mais variadas expressões, hoje, vem incorporando representações e símbolos referentes a sua vida noturna.

2.1 Identidade e pertencimento

No intuito de encontrar a definição daquilo que faz que uma coisa seja aquilo que ela é e não outra coisa, interessa descobrir aquilo que dá a uma coisa ou pessoa a sua natureza, mesmo que instável. Na perspectiva teórica, os conceitos de identidade e diferença aparecem conectados, a identidade de algo implica sua diferença de outras coisas. Para Maia,

No campo semântico coberto pela noção de identidade cultural, tem-se a identidade como um conjunto de características comuns com o qual grupos

humanos se identificam (e esse termo alude ao processo psicológico de interiorização de traços e características sociais que se internalizam e passam a construir os elementos diferenciadores de uns a respeito de outros), estabelece hábitos, “naturaliza” comportamentos, imprime caráter [...] (2009, p. 93).

Ao definir identidade, Castells, como Maia, centra sua argumentação na cultura ou, mais precisamente, em um conjunto de atributos culturais: “entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado” (1999, p.22). Essa ênfase na cultura, como fator preponderante para definir identidade dada por Castells e Maia, é compartilhada por Hall, destacando o que ele denomina identidade cultural: “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (2006, p.8).

Na definição da identidade de São Paulo é preciso considerar o sentimento de pertencimento. Para Limena, tal pertencimento também não é estável:

destacam-se formas inéditas de comunidades, não mais determinadas por pertencimentos estáveis; ao contrário, novas formas surgem a partir de associações instáveis, efêmeras, não dadas, que emergem das contínuas hibridações, contaminações criativas e encontros/desencontros entre culturas diversas, afirmando-se por meio das relações entre os homens que, incessantemente, se apropriam, produzem e transformam o território e os lugares (2009, p.67).

A São Paulo da indústria, da velocidade, do trabalho e do progresso, centro financeiro, no tempo presente, identifica-se, também, com a noite da cidade, com os lugares onde a vida noturna se desenrola, e o desejo de fruir o entretenimento noturno ganha cada vez mais peso e, como afirma Limena (2009), torna instável o pertencimento. A fruição da vida noturna, por sua natureza pessoal e

não obrigatória, origina associações instáveis e efêmeras, pautadas por hibridações, que contribuem para a transformação do lugar. Áreas ou lugares são constantemente transformados pela vida noturna. O que ontem era área residencial, hoje é também de fruição da vida noturna. Tal lugar é de pertencimento, simultaneamente como de residência e diversão noturna, de contaminação criativa, de encontros/desencontros entre culturas diversas. Características que atraem cada vez mais os paulistanos para essas áreas, que se tornam icônicas do mais recente fator identitário da cidade.

Um indício dessa dinâmica pode ser percebido no mercado imobiliário, que responde a essa tendência, apresentando as áreas de localização de seus empreendimentos como de fácil acesso à restaurantes, bares, cinemas, teatros e casas noturnas. Áreas degradadas foram valorizadas e, por consequência, revitalizadas por tais empreendimentos imobiliários. Como é o caso do Baixo Augusta, analisado no capítulo Articulações do Entretenimento Noturno na Cidade de São Paulo com suas Narrativas.

2.2 A matéria-prima da identidade

Há um consenso, segundo Castells, de que, do ponto de vista sociológico, a identidade é sempre construída de uma matéria-prima muito variada, com múltiplos fornecedores, como a história, a geografia, a biologia, as instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso (1999, p.23). Contudo, toda essa matéria-prima é intermediada por indivíduos, grupos sociais e sociedades que elaboram seu significado de acordo com tendências sociais e projetos econômicos,

políticos e culturais presentes em sua estrutura social e sua visão de tempo-espço. Canclini, a respeito desse assunto, escreveu: “A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência” (2003, p. XXIII).

Em São Paulo, o projeto de liderança econômica e política, somou-se ao cultural. Desde fins do século XIX, equipamentos, teatros, grandes salas de cinemas, instituições culturais, como escolas e liceus de arte, universidades, museus, inúmeros movimentos e manifestações culturais (como a semana de arte de 22 e, mais recentemente, a Virada Cultural), a efervescente vida noturna em bairros boêmios habitados por intelectuais e artistas, colocaram a cidade na vanguarda da produção e difusão da cultura no Brasil. A São Paulo moderna, do progresso tecnológico e econômico, projetou sua identidade de cidade cosmopolita, como Nova Iorque ou Paris, por meio da cultura e de sua vida noturna, que assumiram papel significativo como conteúdo simbólico de sua identidade.

Para Castells, quem constrói e para quê essa identidade é construída são, em grande medida, os determinantes do conteúdo simbólico da identidade, assim como de seu significado para os que se identificam com ela ou dela se excluem. Assumindo que a construção da identidade acontece em um contexto marcado por relações de poder, Castells (1999, p.24) indica três formas e origens de construção de identidade:

- *identidade legitimadora*: imposta pelas instituições dominantes da sociedade, objetivando expandir e racionalizar sua dominação sobre os atores sociais;

- *Identidade de resistência*: criada por atores em posição de desvalorização/dominação, que resistem baseados em princípios diferentes e contrários aos que permeiam as instituições da sociedade;
- *Identidade de projeto*: criada por atores sociais que, utilizando material cultural, constroem uma nova identidade, redefinindo sua posição na sociedade e, por consequência, possibilitam a transformação de toda a estrutura social.

O processo de construção da identidade de São Paulo revela, como aponta Castells, relações de poder próprias da identidade legitimadora. A elite paulistana, ao demandar, criar e fruir a cultura e a vida noturna da cidade, legitimou sua posição dominante. Mas, ao mesmo tempo, a resistência aos padrões culturais e de comportamento, vigentes à época, assumidos por essa elite, gerou movimentos de oposição no sentido da identidade de resistência, que também contribuíram para a identidade da cidade e seus habitantes.

O surgimento de novos atores sociais, construindo sua identidade, no sentido de uma identidade de projeto, e redefinido sua posição na sociedade a partir da noite da cidade, está em pleno processo. Uma elite não sustentada pelo poder econômico tradicional, mas pela renda obtida no entretenimento noturno, começa a buscar espaço político, ocupando cargos legislativos e executivos e, assim, influenciando os rumos da cidade. Um exemplo é o empresário Ale Youssef, apresentado no capítulo Articulações do Entretenimento Noturno na Cidade de São Paulo com suas Narrativas.

Enquanto Castells enfatiza as relações de poder, Hall (2006, p.10) centra sua definição de identidade no elemento tempo, considerando três concepções de identidade:

a) sujeito do Iluminismo

b) sujeito sociológico

c) sujeito pós-moderno

O sujeito do Iluminismo era baseado em uma concepção de pessoa humana como um indivíduo “centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência de ação” (p.10), tendo como centro um núcleo interior que surgia no nascimento do sujeito, desenvolvendo-se com ele, e permanecendo o mesmo por toda existência do indivíduo. Para Hall, “o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.” (p.11).

Com o aumento da complexidade do mundo moderno surge a noção de sujeito sociológico, fundada na idéia de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto suficiente, mas formado na relação com outras pessoas relevantes para o sujeito, que mediavam para ele os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos em que habitava. Tal visão se tornou a concepção sociológica clássica, em que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. O “eu real”, o núcleo ou essência interior, ainda existe, mas é formado e modificado pelos mundos culturais exteriores e as identidades por esses mundos oferecidas (HALL, 2006, p.11).

De acordo com essa concepção sociológica, a identidade completa a lacuna entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o mundo público. Para Hall,

o fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (2006, p.11-12).

A identidade costura o sujeito à estrutura, originando uma estabilidade para sujeitos e para os mundos culturais em que eles habitam, tornando-os reciprocamente mais unificados e predizíveis.

O sujeito pós-moderno, produto do processo de mudanças estruturais e institucionais, é definido como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente, assumindo identidades diferentes em diferentes momentos, que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Essas identidades contraditórias, segundo o autor, nos empurram em diferentes direções, fazendo que nossas identificações estejam sendo continuamente deslocadas.

Ao invés da identidade plenamente unificada, a multiplicidade dos sistemas de significação e representação cultural nos confronta como “uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (2006, p.13). Limena (2009, p.64) afirma que numa análise não determinista, a identidade não pode mais ser presumida a partir de regras ou de objetivações estáveis e sim entendida como uma obra em construção.

Sem adotar ou mesmo discutir sobre a validade dos conceitos de pós-moderno e sujeito pós-moderno, apresentados por Hall, o que o autor denomina de diferentes momentos, esta pesquisa considera como processos de longa duração, que se iniciam e se consolidam em momentos e ritmos diferentes, não coincidentes, que, no tempo não de uma, mas de várias gerações, são sobrepostas, o que segundo Limena (2009, p.74) possibilita assumir uma concepção processual, dinâmica e aberta de identidade: a São Paulo industrial, da velocidade, do trabalho, do progresso, centro financeiro e comercial, ainda é parte importante da identidade da cidade, mas a vida noturna, em longo processo iniciado na virada do século XIX

para o século XX, está sendo incorporada à multiplicidade de fatores identitários culturais da cidade, tornando-se parte de sua narrativa.

2.3 Identidade, cultura nacional e globalização

O processo de globalização, segundo Hall (2006), é um fator determinante nas mudanças estruturais e institucionais que deve ser considerado, pois impactou a identidade cultural nacional ao engendrar as sociedades modernas, caracterizadas por mudanças constantes, rápidas e permanentes, gerando transformações sociais de impacto global, fomentadas pelas interconexões de suas regiões.

As culturas nacionais, em que as pessoas nascem, constituem as principais fontes de identidade cultural, embora tal identidade não esteja impressa em seus genes, as pessoas pensem nelas como parte de sua natureza essencial. Para Hall, nós não nascemos com as identidades definidas, mas elas são formadas no interior da representação:

Nós sabemos o que significa ser 'inglês' devido ao modo de vida como a 'inglesidade' (Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia de nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade (2006, p.48-9).

A lealdade e a identificação, que em sociedades tradicionais eram devotadas à tribo ou ao povo, foram lentamente transferidas na modernidade à cultura nacional e é ela que vem sendo impactada pela globalização.

Um dos impactos mais relevantes da globalização, e de interesse para este estudo, é o causado sobre os símbolos e representações que compõem as culturas nacionais, e são as culturas nacionais que produzem sentidos sobre a nação com que cada membro se identifica, portanto, elas também constroem identidades.

Tais sentidos “estão contidos nas narrativas contadas sobre a nação” (2006, p. 51). Hall denomina esse elemento de *narrativa da nação*.

A narrativa da nação é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular, fornecendo uma série de histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais que simbolizam ou representam as experiências compartilhadas e que dão sentido à nação:

Como membros de tal ‘comunidade imaginada’ nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte (2006, p.52).

Como já afirmado anteriormente, em São Paulo, as narrativas sobre a cidade cada vez mais incluem símbolos e representações relacionados aos personagens, cenários e situações típicas de sua noite, construindo memórias e, até mesmo, como ela é imaginada por seus habitantes e visitantes, acrescentando à sua identidade de cidade industrial, da velocidade, do trabalho e do progresso, mais um elemento cultural identitário, o da cidade da vida noturna.

2.4 Globalização e as identidades

As identidades culturais estão sendo poderosamente deslocadas, desde fins do século XX, por uma série de processos e pressões de mudança sintetizados sob o termo globalização, que, segundo Hall, diz respeito

àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado (2006, p.67).

O avanço das técnicas de transporte e de comunicação, ao facilitar os deslocamentos e tornar possível a comunicação a distância, potencializou a globalização, ao mesmo tempo criou as premissas para a afirmação de novas modalidades de sociabilidade e, por consequência, de identidade (LIMENA, 2009, p.66). Identidades que, em alguns casos, emergem dos vínculos de proximidade, em outros, da reinvenção de novas modalidades de estar entre o local e o global, produzindo novas formas de pertencimento.

A globalização é um fenômeno com um longo passado, reduzi-la apenas às últimas décadas é ignorar uma característica importante do próprio capitalismo: a busca pela autonomia nacional e a tendência à globalização estão profundamente enraizadas na modernidade, já que o capitalismo sempre possuiu aspirações que não respeitavam as fronteiras nacionais. No tempo presente, Canclini destaca que as

fronteiras rígidas estabelecidas pelos Estados modernos se tornaram porosas. Poucas culturas podem ser agora descritas como unidades estáveis, com limites precisos baseados na ocupação de um território delimitado (2003, p.XXIX).

Contudo, a década de 1970 parece ter sido o momento em que o alcance e o ritmo da integração global cresceram consideravelmente, acelerando laços e fluxos entre nações, aumentando a percepção sobre seus impactos sobre a vida cotidiana.

É justamente sobre as identidades nacionais que a globalização apresenta um de seus impactos mais complexos, levando as tradicionais identidades a um declínio e engendrando identidades híbridas. De acordo com Vieira, “a idéia de nação como identidade cultural unificada é um mito. As nações modernas são todas híbridos culturais” (2009, p.63). Para Canclini, nas condições de globalização atuais, há cada vez mais razões para empregar o conceito de hibridação:

A palavra hibridação aparece mais dúctil para nomear não só as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos e pós-modernos (2003, p. XXIX).

O autor define hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Tais processos, segundo o autor, incessantes e variados de hibridação “levam a relativizar a noção de identidade” (2003, p.XIX).

Outro importante impacto da globalização sobre as identidades é a compressão espaço-tempo, acelerando os processos globais, criando a sensação de que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, e principalmente que eventos ocorridos em outro lugar impactam imediatamente pessoas e lugares localizados a uma grande distância. Para Harvey,

à medida que o espaço parece encolher numa “aldeia global” de telecomunicações e numa “espaçonave terra” de interdependências econômicas e ecológicas – para usar apenas duas imagens conhecidas e

corriqueiras –, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal (2010, p.219).

A moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação tem efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas, portando, alterando a narrativa da nação. “Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos” (HALL, 2006, p. 71). São Paulo não é mais apenas a cidade da ordem, que carrega em si a marca do progresso; suas avenidas modernas que orientaram seu crescimento, com forte senso regular de ordem, simetria e equilíbrio, não estão hoje entre as imagens que a narram; as regiões de fruição da vida noturna, com sua sonora desordem, tornaram-se novos lugares de representação da identidade da cidade. A noite paulistana é mais um tema na narrativa da cidade. Ela ambienta cenas de cinema, peças publicitárias, programas de televisão, romances, obras teatrais, é cenário para as fotos de seus habitantes e visitantes, engendra políticas para a promoção do turismo, e até mesmo, a produção de legislação que tenta regulá-la.

Giddens alerta para outro fator importante na relação modernidade e globalização, denominado separação entre espaço e lugar. O lugar é ponto de práticas sociais específicas que delineiam a vida cotidiana e com as quais nossas identidades estão fortemente ligadas:

Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar eram amplamente coincidentes, uma vez que as dimensões espaciais da vida social eram, para a maioria da população, dominadas pela presença – por um atividade localizada [...] A modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão “ausentes”, distantes (em termos de local), de qualquer interação face-a-face. Nas condições da modernidade

[...], os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles (1991, p.27).

O crescimento do entretenimento noturno em escala global é um ótimo indício das influências sociais muito distantes que penetram e moldam o local. Grandes concertos de rock e eventos conhecidos como “baladas”, que ocorrem simultaneamente em várias metrópoles globais, danceterias multinacionais, restaurantes com cardápios multiétnicos, grandes musicais da Broadway customizados para o gosto local, estão presentes não apenas na noite paulistana, mas nas mais diversas regiões do mundo, corroborando com a argumentação de Giddens: “o que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a ‘forma visível’ do local oculta relações distanciadas que determinam sua natureza” (1991, p.27).

Fruir a noite paulistana, como já afirmado anteriormente, é vivenciar a experiência de pertencimento, não a um local específico, mas a uma época. A noite nos conecta a uma experiência global, originando um sentimento de pertencimento à forma contemporânea de vida, fenômeno que Harvey denomina de “destruição do espaço através do tempo” (2010, p. 187).

2.5 Globalização e identidade cultural partilhada

Pode-se considerar que o efeito da globalização enfraquece as formas nacionais de identidade cultural, mas não as eliminam, nem mesmo as sobrepõem. Existem evidências de um afrouxamento das identificações com a cultura nacional e um reforçamento de outros laços e lealdades culturais, “acima” e “abaixo” do nível do estado-nação. As identidades nacionais permanecem estáveis com relação a

muitos elementos, como direitos legais e de cidadania, e as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado cada vez mais importantes. As identificações globais, posicionadas acima do nível da cultura nacional, estão acrescentado elementos identitários culturais às identidades nacionais:

Alguns teóricos culturais argumentam que a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente e na diferença e no pluralismo cultural [...], mas agora numa escala global [...] (HALL, 2006, p.73-4).

Uma consequência dessa conjuntura é o surgimento das identidades partilhadas entre pessoas que não dividem o mesmo espaço e tempo, tal fenômeno é resultante da conjugação do aumento significativo do fluxo cultural entre nações e do chamado consumismo global. As identidades partilhadas estão na base do mercado global, elas originam consumidores para os mesmos bens, clientes para os mesmo serviços, públicos para as mesmas mensagens e imagens (Hall, 2006, p.74).

O entretenimento noturno pode ser um forte indício dessa tendência. Ele figura entre os serviços que a identidade partilhada demanda, tornando-se nos últimos anos um dos setores da economia que mais crescem ao redor do mundo, assim como em São Paulo. Portanto, a identidade partilhada, particularmente nas metrópoles, tem no entretenimento noturno um de seus denominadores comuns, ele é um dos elementos identitários culturais do tempo presente.

Os meios de comunicação obviamente cumprem um papel central, levando a lugares distantes e isolados do planeta mensagens e imagens das culturas ocidentais, caracterizadas como ricas e consumistas. A fruição da vida noturna é tão onipresente como o jeans ou aparelhos celulares. Mensagens e imagens relacionadas ao entretenimento noturno estão presentes da Ásia à Europa,

dos Estados Unidos à América Latina. É impossível pensar nas danceterias como algo característico de Nova Iorque, local onde foram criadas, ou restaurantes com gastronomia sofisticada, típicos de Paris, quando podemos encontrar esses estabelecimentos em todas as grandes cidades do mundo. A globalização diz respeito, de acordo com Giddens (2002, p.27), à interseção de presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais à distância com contextualidades locais. Para Hall,

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’ (2006, p.75).

É correto afirmar, então, que a difusão do consumismo, por meio das possibilidades de comunicação abertas pela globalização, contribuiu para o surgimento e expansão do “supermercado cultural”. O consumismo global reduziu, mas não eliminou, as diferenças e distinções culturais que definiam e diferenciavam as identidades a uma espécie de moeda global, em que as tradições e todas as diferentes identidades podem ser convertidas. Esse fenômeno é denominado por Hall como “homogeneização cultural” (2006, p. 76).

Para Canclini (2003, p.XVIII), o acesso à maior variedade de bens, facilitado pelos movimentos globalizadores, democratiza a capacidade de combiná-los e de desenvolver uma multiculturalidade criativa:

Os processos globalizadores acentuam a interculturalidade moderna quando criam mercados mundiais de bens materiais e dinheiro, mensagens e migrantes. Os fluxos e as interações que ocorreram nesses processos diminuíram fronteiras e alfândegas, assim como a autonomia das tradições locais [...] (2003, p.XXX).

A globalização parece ser um fator significativo nas mudanças ocorridas na identidade, seja, como argumenta Castells, por ter originado uma nova sociedade, a sociedade em rede, baseada em meios de comunicação diversificados e integrados, que ao mesmo tempo reforça e altera comportamentos e transforma culturas, seja, como afirma Hall, pelo fato de que a globalização estar causando o efeito de deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura.

A globalização tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas (2006, p.87). Por todo o planeta emergem identidades que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são resultado dos cruzamentos e misturas culturais, cada vez mais comuns num mundo globalizado.

O crescimento global do consumo de entretenimento noturno pode ser explicado, por hipótese, como sendo produto da globalização que, por meio da sociedade em rede, propaga um estilo de vida urbano, cosmopolita, alterando o conteúdo simbólico da identidade e da narrativa das metrópoles globais, que passam a ter no entretenimento noturno mais um de seus elementos culturais identitários, como é o caso de São Paulo. Assim, mesmo entretenimento noturno sendo pouco contemplado como objeto de estudo acadêmico, ele nos revela e esclarece dimensões da vida contemporânea pouco valorizadas, que podem contribuir para ampliarmos o conhecimento sobre a cidade de São Paulo, sua história, e o comportamento de sua população.

3. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CIDADE DE SÃO PAULO E SUA NARRATIVA HISTÓRICA.

3.1 A cidade e suas mutações: a cidade condenada a ser sempre nova

O crescimento do entretenimento noturno, identidade e sua narrativa estão vinculados a uma série de transformações ocorridas ao longo da história da cidade de São Paulo. Entender esse processo demanda um (breve) resgate da formação e das transformações de uma das maiores metrópoles do mundo.

É comum, ao pensar as cidades brasileiras, por meio de suas mudanças e permanências, iniciar por imagens contemporâneas, para, em seguida, quase que mecanicamente, buscar seus referenciais explicativos no passado. Esse modelo, contudo, ao ser utilizado a São Paulo implica alguns problemas de alto grau de complexidade para sua solução.

As constantes modernizações e transformações porque passa a metrópole paulistana, de 100 km de extensão e 11 milhões de habitantes ou 19 milhões na Grande São Paulo, frustrarão qualquer investigação de seu passado, particularmente se tal investigação tiver como referência o presente.

Diferente de outras cidades brasileiras que, como a capital paulista, foram fundadas no período colonial e conservaram seus traços fundamentais ao longo de séculos de transformações, como Salvador, Rio de Janeiro, Recife e as cidades do ciclo da mineração, São Paulo formatou sua atual configuração nos últimos 100 anos.

Em grande parte de sua história, a cidade não passou de um modesto povoado. Apesar de ter alcançado o status de vila em 1560, e de cidade em 1711, sua população era diminuta em comparação a outras cidades brasileiras. Sua população em 1766 era de aproximadamente 5.000 habitantes; em 1794, apenas 9.500; em 1836, 22.000; em 1872, 31.000; em 1886, 48.000; em 1890, 65.000. Apenas na última década do século XIX ocorreu aumento significativo de 192.000 habitantes, em 1893, para 240.000, em 1900 (BRUNO, 1984).

Diferentemente de outras cidades que conseguiram, em seus longos processos de existência, manter áreas preservadas, ainda que de forma limitada, São Paulo eliminou toda sua referência material, modificando radicalmente seu plano físico. Para Glezer (p.165, 1993), falar de “palimpsesto” em São Paulo, (recuperação, por meio de uso de recursos e técnicas sofisticadas, do texto anterior ou interior em pergaminhos) resulta inócuo, pois o pré-existente transformou-se em inexistente. Não há recuperação possível.

Andar pelo centro velho ou cidade velha, buscando a área onde foi fundada a vila e a cidade, lugar que deveria contar quatro séculos de formas de ocupação e apropriação do espaço, construções e estilos arquitetônicos, signos e sinais do passado e da vida humana, é não encontrar tal conjunto de referências. As várias mutações que ocorreram ao longo dos anos originaram diferentes periodizações da cidade, cruzando elementos referenciais diversos, com suas técnicas construtivas: taipa, tijolo, concreto; com seus modos de vida: bandeirantes, tropeiros, estudantes, fazendeiros, imigrantes, industriais, operários; com suas atividades econômicas: bandeirismo, tropeirismo, cafeicultura e industrialismo; com os regimes políticos do Brasil: Colônia, Império e República, e seus estatutos legais: vila, cidade e metrópole.

Hoje, os resquícios da cidade taipa, aquela anterior ao século XIX, são encontrados fora do centro velho:

Andar pelo “*centro velho*” não nos conduz à vila, à cidade episcopal com sua igrejas de altas torres, aos sobrados de taipa. No dia a dia, a massa de passantes não nos permite parar, mesmo que o explorador urbano – caçador de outra época – consiga se desligar do burburinho, dos carros que transportam valores entre bancos, das barracas que vendem objetos, inutilidades várias, utilidades domésticas, quinquilharias de todos os tipos e para todos os gostos, alimentos, roupas, bilhetes de loterias. A cidade de barro, vila e cidade, origem desta na qual vivemos hoje, não é um texto possível de ser recuperado tecnicamente, nem sensorialmente. É impossível percebê-la, imaginá-la, reconstruí-la (GLEZER, p.168-9, 1993).

É igualmente impossível recuperar a cidade dos acadêmicos, dos moços que vieram de todos os cantos do Brasil para estudar na Academia de Direito do Largo São Francisco e fizeram do acanhado centro o lugar de suas aventuras. Aquela cidade dos estudantes da Academia, que trouxeram uma nova força geradora de mudança de comportamento, e potencializaram o desenvolvimento de atividades sociais noturnas, como bailes, restaurantes, bares e espetáculos teatrais (CAMPOS, 2004, p.16), momentaneamente mediando o barro e o tijolo, romanticamente vivida, mas, acima de tudo, imaginada, industrializando seu brilhante futuro, não existe mais.

Muito lentamente, a nova cidade foi lançada por cima dos ribeirões, ocupando os sítios e chácaras ao seu redor, para edificar o “centro novo”, a “cidade nova” dos fazendeiros do café.

Hoje, ao correr as ruas do centro, procurando a cidade de tijolos, o que se encontra são vestígios tênues da cidade imperial, quase republicana. É possível ver os arcos da Rua da Assembléia, os sobrados da Florêncio de Abreu, os tijolos de suas fachadas, expostos pela lei “Cidade Limpa”, os ferros e as portas artisticamente

trabalhadas, um ou outro vitral lutando contra o tempo e as transformações, e quase mais nada. Percorrer o caminho do Viaduto Santa Efigênia, no sentido da “cidade nova”, a cidade dos fazendeiros de café, passar pela Praça da República e Largo do Arouche, por Santa Cecília, Barra Funda, subir a Higienópolis, é fazer uma arqueologia urbana.

Os poucos vestígios da São Paulo de tijolo estão comprimidos, desconfortavelmente, entre os arranha-céus e não recebem a luz do sol há décadas. Nos Campos Elíseos, em seus elegantes quarteirões geométricos, os poucos palacetes que restaram, muito exaltados, descritos como gloriosos, transformados em cortiços, atestam o desprezo da cidade pelo passado. Por toda região, os prédios dominaram a paisagem, o liso do concreto substituiu o quadriculado do tijolo, e com ele veio a aglomeração, a sombra e o isolamento.

Nos primeiros anos da República, a cidade do tijolo dava sinais que uma significativa transformação estava em curso. A criação de infra estrutura de comunicação e serviços deu origem à capital do capital.

Em um rápido golpe, na passagem do século XIX para o XX, a cidade dos fazendeiros foi tomada pelo imigrantes. “A cidade dos imigrantes é descrita como assustadora, diferente da de outrora, com homens *‘gritadores, violentos e criminosos’*” (GLEZER, p.171, 1993). Enquanto os imigrantes dominavam a cidade nas décadas iniciais do século XX, a destruição do tricentenário centro urbano original e sua reconstrução foram o sinal do poder do capital financeiro. Os prédios de concreto em escala colossal, com impressionante frontispício e refinada decoração interna, indicavam que o núcleo da cidade, que já não tinha sequer memória da taipa, havia sido transformado definitivamente em centro financeiro.

A atividade financeira, por sua vez, engendrou outra transformação. A cidade, que em tempos passados era centro administrativo e escolar, tornou-se cidade industrial e, mais uma vez, destruiu e construiu: a Avenida Paulista, endereço escolhido pela elite para seus casarões e palacetes, como resultado da ação avassaladora do capital sobre o espaço, foi convertida em novo centro financeiro. O jornalista carioca Alfredo Moreira Pinto, em 1900, descreveu a cidade depois de trinta anos de sua última visita, como dinâmica, exaltando suas praças, ruas, fábricas, bancos, casas de negócios, secretarias:

São Paulo, que te viu e quem te vê! [...] Está V.Ex. completamente transformada, com proporções agigantadas, possuindo opulentos e lindíssimos prédios, praças vastas e arborizadas, ruas todas caladas, percorridas por centenas de pessoas... belas avenidas, como a denominada Paulista, encantadores arrabaldes como os Campos Elíseos, a Luz, Santa Cecília, Santa Efigênia, Higienópolis e Consolação, com uma população alegre e animada, comércio ativíssimo; luxuosos estabelecimentos bancários, centenárias casas de negócios e as locomotivas soltando seus sibilos progressistas, diminuindo as distâncias e estreitando em fraternal amplexo as povoações do interior (PINTO, 1979, p.10).

Em 1935, durante sua estadia em São Paulo, Levi-Strauss (1993) definiu a cidade como condenada “a ser sempre nova, sem dimensão temporal, sem vestígios, sem madureza”. A cidade parece ter assumido o destino de ser sempre nova, coerente com o fato de centralizar a economia, a indústria e as finanças nacionais, apagando os poucos vestígios do passado, para ser sempre o emblema da modernidade. A brutalidade e o grau de transformações urbanas pelas quais passou, e continua passando, a área urbana de São Paulo faz que seus habitantes vivenciem continuamente a perda de marcos referenciais.

Nos primeiros anos da década de 1950, a cidade era habitada por cerca de 2.000.000 de pessoas, e possuía áreas definidas por funções: o centro, área administrativa, comercial e financeira, cercado por áreas residenciais e industriais. Toda verticalização estava na área central, os bairros tinham casario baixo, espalhado, com vazios ocupados pelas várzeas e rios a céu aberto. Nas décadas seguintes, de 1960 e 1970, a cidade passou por uma mudança significativa em sua estrutura econômica, desencadeando um crescimento demográfico acelerado e iniciando o processo de adensamento e verticalização em todas as zonas da cidade. O *sky-line* recortado e agressivo não era apenas o cenário do centro, mas da cidade.

A valorização do solo urbano, em particular dos bairros mais antigos, de amplos terrenos, deu lugar a outros bairros, ao custo da redução do metro quadrado por moradia. Um exemplo contemporâneo desse fenômeno é a substituição, entre 2008 e 2012, de casas por 2.035 apartamentos só no distrito de Perdizes³ (anexo 1). O investimento em mobilidade urbana foi grande, surgiu naquele momento a rede metropolitana de transportes coletivos; viadutos e avenidas foram construídos em fundos de vales, ocupando várzeas, fechando córregos, ribeirões e até rios (GLEZER, p.174, 1993).

Assim como no final do século XIX, na São Paulo dos anos 1950, 1960 e 1970, os códigos de significação foram rompidos e transformados. A dinâmica da economia da cidade, faz que ela prefira o destruir ao preservar, caracterizando-a como cidade em constante transformação, que ainda hoje está em pleno curso, o que dificulta sua apreensão e compreensão.

³ Disponível em: <<http://classificados.folha.com.br/imoveis/1059891-verticalizacao-em-perdizes-se-intensifica-e-reforca-lado-boemio.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2012.

3.2 As construção da identidade da cidade e suas narrativas históricas: a velocidade, o trabalho e o progresso

Vam'bora, vam'bora

Olha a hora, vam'bora

Vam'bora, vam'bora

Olha a hora, vam'bora

Vam'bora, vam'bora!

São Paulo que amanhece trabalhando

São Paulo que não sabe adormecer

Porque durante a noite

Paulista vai pensando nas coisas que de dia vai fazer

São Paulo todo frio quando amanhecer

Correndo no seu tanto que fazer

Na reza do paulista

Trabalho é o padre nosso

É a prece

De quem luta e quer vencer

Na canção de Billy Blanco⁴, que por décadas desperta a cidade, e retira do repouso de forma nada sutil seus habitantes, três elementos estão presentes. Como em uma máquina, composta por engrenagens, o trabalho, que na “reza do paulista” é o Padre Nosso, produz mobilidade, induzindo à velocidade, que reflete o

⁴ Sinfonia Paulistana, retrato de uma cidade de Billy Blanco (1974). Música utilizada como vinheta de programa matinal da Rádio Panamericana.

ritmo do progresso da cidade locomotiva. Velocidade, trabalho e progresso formaram o triádico da identidade de São Paulo (SALIBA, 2004).

Sempre ligeiro na rua
Como quem sabe o que quer
Vai o paulista na sua
Para o que der e vier
A cidade não desperta
Apenas acerta
A sua posição
Porque tudo se repete
São sete, e às sete
Explode em multidão
Portas de aço levantam
Todos parecem correr
Não correm “de” correm “para”
Para São Paulo crescer

A versão radiofônica da música, mais acelerada que a gravação original, uma “valsa a galope”, como definiu seu autor, reforça a sensação de urgência e velocidade. A cidade e sua população sempre ligeira na rua sabem o que querem, correm com pressa e às sete explodem em multidão.

Em pesquisa, a Folha de São Paulo (TOLEDO, p. 13-6, 2003) escolheu duas músicas-símbolo da cidade: *Trem das onze*, de Adoniran Barbosa, gravada em 1964, enfatizando um veículo de transporte rápido das massas, e *Sampa*, de Caetano Veloso, gravada em 1978, narrando o efeito catártico de um importante

cruzamento de avenidas. Essas músicas enfatizam, assim como a Sinfonia Paulistana, o movimento, o trânsito, a velocidade, o progresso, a impermanência. Apesar de simples as três músicas, exemplificam o que Saliba (2004, p.558) define como a identidade cultural de uma cidade, composta “de uma formidável tessitura de detalhes, que de tão excessivamente visíveis, tornaram-se indícios de uma sintaxe silenciosa da vida social.”

Rimando com a paisagem inóspita das cidades, metrópoles pouco amistosas, resultantes da modernidade, de crescimento não ordenado, na história da capital paulista tornou-se um de seus elementos identitários a mobilidade, o momento pelo momento, a velocidade própria do progresso, colocada em movimento contínuo pelo trabalho da cidade e, como é descrito na valsa a galope, o paulistano “não sabe adormecer” e, por consequência não sonha, é incapaz de romper com o imediato, não vislumbra nada além do imediato, pensa apenas no que realizará no dia seguinte:

Porque durante a noite

Paulista vai pensando

Nas coisas que de dia vai fazer

Essa narrativa histórica de São Paulo, fundada no estereótipo trabalho que gera o movimento na direção do progresso, penetrou de tal maneira no fluxo da existência dos paulistanos que o binômio velocidade-trabalho parece ter perdido suas asperezas e contradições, possuindo seus fins em si próprio, numa circularidade auto explicativa, sem nada que a transcenda. O “correr para São Paulo crescer”, entre tantos movimentos indicados na canção, por pouco não se tornou parte da própria natureza da cidade e das relações do dia a dia com sua paisagem,

com sua complexa geografia e, até mesmo, com as imagens associadas a sua identidade, a ponto de “tudo nos parecer tão repetitivo, tão rotineiro e tão familiar que quase esquecemos que a identidade de São Paulo foi criada, construída, inventada” (SALIBA, 2004, p.558).

A identidade de São Paulo está muito mais ancorada nas imagens criadas a respeito dela do que verdadeiramente no que ela é: múltipla, fragmentada e, portanto, pouco reconhecível e apreensível. A narrativa histórica associou seus acontecimentos mais significativos à velocidade, mobilidade, trabalho e progresso, palavras acessíveis e de simples compreensão, de grande impacto, quase como um *slogan* publicitário, que criam na “terra da garoa” uma bruma, uma neblina que envolve a memória do paulistano, induzindo-o a tomar essas palavras como elementos essenciais da identidade de São Paulo.

A narrativa histórica da cidade parece ter vencido as forças desagregadoras da memória, superou, corrigiu, aplainou outras palavras que também e tão bem poderiam ter definido sua identidade. “São Paulo não pode parar”, “a Chicago da América Latina”, “São Paulo, a cidade que mais cresce no mundo”, frases significativas de seus estereótipos, refrões de uma música que tenta compor a identidade cultural da cidade e que são indícios do longo processo de construção de sua narrativa histórica. Por ser construção, não é incorreto afirmar que São Paulo não tem uma identidade, mas múltiplas, variadas identidades, que são como camadas, como estratos que vão se empilhando, sem nunca serem cristalizados. A canção que acorda os paulistanos é apenas um indício, um artefato que está na camada acima de outras mais profundas, relevadas pelas narrativas identitárias da cidade de São Paulo.

3.3 A “segunda fundação” e a formação da identidade da cidade de São Paulo

Foi a partir da denominada “segunda fundação” de São Paulo, periodizada por Love (1982) entre 1870, momento da gênese do acelerado processo de metropolização da cidade, e 1929, com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque e a consequente crise da economia cafeeira ou, com uma periodização mais estendida, com o início da industrialização da cidade na década de 1950, quando começou a ser formada a narrativa da identidade da cidade. Vale destacar que a própria expressão “segunda fundação” é muito significativa, pois sugere que a vertiginosa metropolização da cidade foi impactante sobre sua história até aquele momento, sobre seu passado anterior, sobre sua memória, consequentemente, sobre a sua identidade.

Esse é o momento da gênese das frases, incessantemente reproduzidas para definir São Paulo como “a cidade que mais cresce no mundo”, “que não pode parar”, “que nunca dorme”. Elas são indícios dos efeitos da devastadora metropolização que ofuscou as lembranças pessoais e a memória coletiva. Tal esquecimento não é exclusivo de São Paulo, mas comum no processo histórico de criação de muitas grandes cidades que precisaram produzir uma unanimidade baseada no triunfo do moderno sobre o seu passado colonial. Contudo, na cidade de São Paulo, esse processo de metropolização foi mais intenso que em outros lugares, nela destruiu-se não somente toda e qualquer referência material, mas todo e qualquer resquício de referência simbólica estável.

A São Paulo megalópole nasceu, em sua “segunda fundação”, como uma incógnita, lapidando suas arestas, apagando seu passado, ou retirando dele só o que interessava para reforçar a tese do progresso em si mesmo. Sevcenko (1989,

p.151), ao comparar as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, afirma que os signos de identificação desta última não eram estáveis, mas sim processos em curso vertiginoso: fusão, especulação, crescimento, aceleração. Enfim, tudo aquilo que acentuou o triádico velocidade, trabalho, progresso.

Saliba (2004) argumenta que esse processo de esquecimento produziu algo como um vazio de tempo social, lentamente preenchido pela cultura, mais especificamente, pela invenção de um passado para a cidade que, na virada do século XIX para o XX e em suas décadas iniciais, passava por uma forte ruptura e desenraizamento temporal. O autor lembra que o poder de articular uma narrativa histórica “fornece a base substantiva para o surgimento da própria história paulista, fundada primeiro na fundação de nobiliarquias e, depois, pela própria criação de um passado bandeirista” (2004, p.570).

Em São Paulo, as grandes linhas narrativas de uma história paulista, nobiliárquica e bandeirista, foram criadas após a Primeira Guerra. Saliba as define como uma narrativa monumental, assentada nas narrativas menores e fragmentadas, sobrepondo-as, saltando por sobre o passado mais recente, feio, conflitivo, anárquico, de uma cidade em que aos problemas da escravidão somaram-se os estigmas de uma imigração apressada e tumultuada, com o objetivo de conectar o fio da continuidade com um passado distante no tempo, criando uma aura quase mítica. Ao preencher o vazio de tempo social, ofuscando as lembranças, a grande narrativa reforça o processo de esquecimento social.

A construção da identidade de São Paulo fundamentou-se no ofuscamento da memória, tornando-a suficientemente opaca, ressaltando as imagens consensuais. A bandeirante foi a mais conhecida dessas imagens. O

vocábulo paulista foi associado ao sentimento de bandeirante, definido por Queiroz (1998, p.83) como

“por feitos do passado, quando conquistou, para a Coroa portuguesa, o imenso interior brasileiro, caracterizando-se pela audácia, pelo desejo imoderado de conquista, pelo sentimento de independência, pela vocação de mando, pela lealdade”.

Essa é uma narrativa mitológica que foi construída, propositalmente elaborada, inventada durante os anos da metropolização da cidade. Em 1802, O *Diccionario de Lingua Portuguesa* de Moraes e Silva, editado em Lisboa, definia, sem sua aura heroica, bandeira como “associações de homens que vão pelos sertões debaixo de uma cabeça, descobrir terras mineiras. Dantes chamavam assim os que ião descobrir índios gentios e conduzi-los, ou cativá-los ou resgatá-los.” O significado do substantivo bandeirante, em 1913, durante o processo de metropolização, aparece no Novo Dicionário da Língua Portuguesa como o “indivíduo que no Brasil faz parte dos bandos, destinados a explorar os sertões, atacar selvagens etc.” Contudo, em 1938, no dicionário de Laurentino Freire, aparece ao lado do substantivo bandeirante o adjetivo “Bandeirante: o natural de São Paulo.” Para Saliba (2004, p. 572), esse foi o momento em que a narrativa histórica consolidou seu sentido, aplainado as rebarbas de significado do passado, forjando o auto reconhecimento social, criando uma síntese para a identidade de São Paulo.

O modernismo, ocorrido também durante o processo de metropolização, que nasceu como movimento cultural a reboque da busca da hegemonia pelas elites paulistas, contribuiu para o ofuscamento da memória. O símbolo desse movimento, a Semana de Arte Moderna, ocorreu em uma conjuntura denominada nacionalismo paulista, marcada por várias celebrações, como a inauguração, em 1911, do Theatro

Municipal, a urbanização do Vale do Anhangabaú e dos pântanos do Carmo, que deu lugar ao Parque D. Pedro, denominado pela imprensa como a versão paulista do Hide Park londrino (SEVCENKO, 1992, p.138-142), a reorganização, em 1914, do Museu Paulista, hegemonicamente dedica à história de São Paulo, e à criação, em 1918, do nada sutil brasão metropolitano: *non ducor duco* (não sou conduzido, conduzo) (PINTO, 2002, p. 48-51).

Mesmo considerando que em termos estéticos o modernismo não pode ser resumido apenas pela Semana de 1922, é sintomática sua opção pela renovação estética vinculada às vanguardas européias. Ela revela uma estratégia paulista que, como já destacado, visava sobrepor o passado recente, o passado pré metropolização, em que a tradição estética teve como referência o naturalismo, o simbolismo, o parnasianismo, controlada em escala nacional pelo Rio de Janeiro (MORAES, 1986).

3.4 A resistência das narrativas menores e fragmentadas

O modernismo contribuiu para ocultar e aplainar o passado mais recente, feio, conflitivo e anárquico da cidade, constituindo uma das forças que deram suporte à identidade hegemônica de São Paulo. Contudo, no mesmo momento em que ocorria a “segunda fundação”, havia um enorme esforço de rememoração desse passado recente. Cronistas menos famosos⁵ descreviam outra cidade, caracterizada pela mistura linguística e temática e, principalmente, pela inexistência, mesmo que mínima, de qualquer traço de identidade.

⁵ José Agudo (pseudônimo de José da Costa Sampaio), Moacyr Piza, Cornélio Pires, Iago Joé (pseudônimo de David Antunes), Victor Caruso, Juó Bananére (pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado), Godofredo Barnley, Lucilo Varejão, Sylvio Floreal (pseudônimo de Domingos Alexandre), Galeão Coutinho e Octacílio Gomes.

Utilizando do humor, da paródia, da ironia, do deslocamento, da inversão de sentido, os chamados por Saliba (2002, p.154-217) de cronistas “macarrônicos” apresentaram formas alternativas de falar da cidade e de sua identidade em construção.

Verbais ou visuais, as sátiras dos “macarrônicos” foram uma resistência, procuravam desmontar a narrativa histórica hegemônica, confundiram o que era para ser categorizado, parodiaram os heróis, construíram uma versão provavelmente mais autêntica da identidade paulista. Tais cronistas pouco conhecidos, o que revela a eficiência da narrativa histórica hegemônica, captaram a impossibilidade de retratar São Paulo durante sua “segunda fundação”, caracterizada pela mistura social e cultural da imigração e, principalmente, pelas mudanças rápidas.

As paródias tinham como base o inusitado e o excêntrico, expressando as contraditórias combinações da cidade que se modernizava, mas que ainda possuía fortes traços provincianos. Saliba (2004, p.579) exemplifica essa característica por meio da famosa (in)definição de um dos “macarrônicos”, e apoiado por todos os demais, que dizia num desabafo em 1919:

São Paulo é o paraíso das coisas excêntricas: tem uma rua Direita, que é torta; uma rua Formosa, que é feiíssima; uma rua das Palmeiras, sem palmeiras; e o maior viaduto da terra do café, que tem o nome de... Viaduto do Chá.

Com os “macarrônicos”, as referências urbanas eram desordenadas, utilizavam para isso as denominações antigas que ainda estavam na memória popular, causando efeito humorístico e de desdém sobre as oficiais que procuravam sobrepor o passado recente. O largo 7 de setembro era chamado de largo do Pelourinho por Moacyr Piza, fazendo lembrar da incômoda escravidão. Para Galeão

Coutinho, a avenida da Liberdade era o caminho para o sítio do Quebra Bunda. José Agudo nunca fez referência aos nomes modernos dos logradouros da cidade: a avenida São Luís era o beco Comprido; a 7 de abril, rua da Palha; a Vieira de Carvalho, rua do Pocinho; a Sebastião Pereira, rua da Alegria; a rua Araújo, beco do Mata-Fome (SALIBA, 2004, P.580). Silvio Floreal (2003), em 1925, chamou um dos símbolos da modernização da cidade, o Viaduto do Chá, de suicidouro municipal. Juó Bananére chamava a ladeira da Memória de Piques, local onde eram realizados os leilões de escravos.

Esses cronistas atentos tornaram-se inconvenientes na década de 1920, época da fabricação da identidade paulistana, exploraram a especulação e a ruína, não exaltaram a urbanização; escreveram sobre o abandono e o desenraizamento e ignoraram o vertiginoso crescimento; com as piadas e sátiras desconstruíram os monumentos; *Non Ducor Duco*, parodiado por Bananére, transformou-se em *non co tuca*; bagunçaram a cronologia dos grandes feitos e a “segunda fundação”; enfim, os macarrônicos, “bem antes dos modernistas e contrariando até mesmo a propalada sisudez paulista, invertiam todas as coisas, viravam São Paulo de ponta cabeça e divertiam-se com tudo” (SALIBA, 2004, p.580-581).

Contudo, tais reações à narrativa histórica hegemônica, fundadas na sátira e no escárnio, tiveram pouco ou nenhum impacto e permanecem desconhecidas. A “segunda fundação” de São Paulo imprimiu na identidade da cidade a marcha do progresso pelo progresso, trabalho pelo trabalho, ancorado na impermanência. As rebarbas foram aparadas, o manto triádico do trabalho, da velocidade e do progresso, por fim, cobriu a cidade, como outras metrópoles modernas, nunca dorme, adquirindo a opacidade daquela sintaxe silenciosa que funda a identidade de São Paulo.

4. ARTICULAÇÕES DO ENTRETENIMENTO NOTURNO NA CIDADE DE SÃO PAULO COM SUAS NARRATIVAS

4.1 A reconceitualização da cidade de São Paulo e sua relação com o entretenimento noturno

Compreender a transformação da identidade cultural da cidade de São Paulo passa pela constatação de uma mudança que vem ocorrendo com as metrópoles em todo o mundo. Canclini (2010, p.85) fala em transcender o local para compreender o que ocorre em uma megalópole. Para ele, é preciso pensar que além da cidade histórica e da cidade industrial, há a cidade globalizada, conectada com as redes mundiais da economia, finanças e comunicações. A São Paulo do trabalho, da velocidade e do progresso, apesar de estar condenada a ser sempre nova, é uma cidade histórica, é uma cidade industrial, que derivou em sua importância econômica, política e cultural, e é uma cidade globalizada, constituindo-se um dos centros mundiais econômicos, financeiros e de comunicação.

Canclini (2010, p.86), ao analisar os obstáculos para o entendimento da cidade do México, progressivamente complexa e sem perfil claramente delimitado, em que a cultura acaba por ser desterritorializada e originando os sistemas econômicos transnacionais, afirma que, até há algumas décadas, os urbanistas e estudiosos do processo de urbanização definiam as cidades por suas diferenças em relação ao campo e pela histórica transferência de força de trabalho das tradicionais atividades agrícolas para as emergentes atividades secundárias e terciárias.

Em São Paulo, como na Cidade do México, tal processo é perceptível, tornando-se evidente quando a expansão urbana esteve associada ao crescimento industrial. Agora, segundo o autor, os urbanistas apontam os processos informacionais e financeiros como os fatores econômicos dinâmicos e não mais a industrialização, o que está acarretando uma reconceituação das funções das metrópoles. As cidades foram transformadas em nós onde é realizada a interação permanente entre agricultura, indústria e serviços e a base dessa interação são os processos de informação.

A interação dos processos de informação originou economias transnacionalizadas, como a de São Paulo e a da Cidade do México, que são cenários que conectam entre si não apenas as economias locais e nacionais, mas as de diversos países e diferentes sociedades, causando uma articulação da cultura, informação, crenças e rituais procedentes do local, do nacional e do internacional. O número de eventos internacionais na cidade de São Paulo, como por exemplo, na categoria entretenimento a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo⁶ (anexo 2), a caracteriza como um nó de interação, articulando e conectando em um processo de troca de informações e economias do mundo todo.

Segundo Canclini (2010), as metrópoles, como São Paulo, são articuladoras de dispositivos de gestão que aumentam sua capacidade de concentrar a acumulação financeira e inovações no consumo. E o entretenimento noturno em São Paulo pode ser considerado uma consequência desse conjunto de fatores, já que o crescimento de sua demanda evidencia uma inovação no consumo.

⁶ Evento cultural sem fins lucrativos, realizado pela Associação Brasileira Mostra Internacional de Cinema (ABMIC), com o reconhecimento da Federação Internacional da Associação dos produtores de Filmes. Foi o primeiro grande festival de cinema internacional do Brasil, criada em 1977 pelo crítico Leon Cakoff. Sua edição de estréia da contou com 16 longas-metragens e sete curtas de 17 países, apresentados em 40 sessões no Grande Auditório do MASP. Em 2011, em sua 35ª edição, a Mostra Internacional de Cinema exibiu cerca de 250 títulos dos mais variados países e cinematografias, exibidos em 22 salas, entre cinemas, museus e centros culturais. Disponível em: <<http://35.mostra.org/sobre-a-mostra/>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

O consumo de cinema, teatro, restaurantes, casas noturnas, comprova que a cidade e seu novo papel geraram uma significativa população, que frui a vida noturna como parte de seu cotidiano.

Canclini chama a atenção para as consequências socioculturais dessa reorganização em curso, caracterizada pela “explosão de uma arquitetura financeira, informática e turística, que mudou a paisagem urbana em várias zonas” (2010, p.87) da Cidade do México. Em São Paulo, o efeito sobre a paisagem urbana é sentido na transformação de bairros residenciais em zonas boêmias, como a Vila Madalena, onde tal processo remonta à década de 1970. Conhecida pelos bares em que chope e cerveja eram os protagonistas, a Vila Madalena vem hoje passando por uma transformação em seu perfil, desenvolvendo múltiplas personalidades. A vida boêmia no bairro está cada vez variada, o que tem atraído novos empreendimentos, como restaurantes com gastronomia sofisticada. Mas o interessante é que a boêmia é fator de atração de empreendimentos comerciais que não estão vinculados ao entretenimento, como lojas dedicadas à moda e torres comerciais de grande porte que acabam compondo uma nova paisagem urbana, em que a vida noturna é o elemento gerador de transformações⁷ (anexo 3).

Mais recentemente, a Pompeia, particularmente no distrito de Perdizes, vem atraindo novos moradores, uma nova elite, empregada na administração dos serviços de gestão financeira e informacional, que inova seu critério de consumo habitacional. Um exemplo é a gerente executiva Andréia Rebelo, de 29 anos, que desejava um apartamento com fácil acesso ao trabalho e próximo a restaurantes e bares, optou por um de dois quartos na Pompeia. Segundo Liza Carrilho, diretora da

⁷ Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/arteelazer,novos-bares-transformam-a-vila-madalena-em-sao-paulo,672382,0.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2011.

imobiliária Zimmermann, esse novos moradores do bairro “atraem mais bares e restaurantes, o que está transformando a região em área boêmia”⁸ (anexo 1).

O turismo é outro setor que vem contribuindo para alteração da paisagem urbana. A Virada Cultural, inspirada na *Nuit Blanche* parisiense, tem como um de seus objetivos a promoção turística da cidade e sua conversão em metrópole internacional⁹ (anexo 4). O evento promovido desde 2005 pela prefeitura da cidade de São Paulo, com 24 horas ininterruptas de eventos culturais dos mais variados tipos, como espetáculos musicais, peças de teatro, exposições de arte e história, entre outros. Durante a edição 2011 da Virada Cultural foi realizada uma pesquisa para identificar o perfil socioeconômico do público presente e também obter uma avaliação geral da cidade e do megaevento.

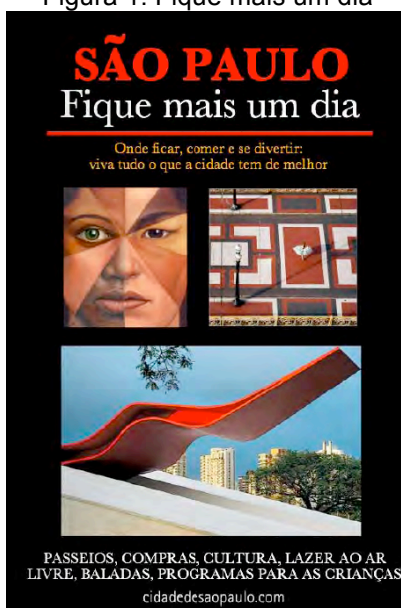
Coordenada pela equipe do Observatório de Turismo da Spturis, a pesquisa aplicou 2.042 questionários e mostrou que 9,7% do público é formado por pessoas de fora da cidade, sendo 99,4% desses visitantes de outros estados brasileiros, principalmente do Rio de Janeiro, Santa Catarina, Minas Gerais e Bahia, e também do interior do estado de São Paulo (cidades como Campinas, Limeira, Jundiaí, Sorocaba e Bragança Paulista), que permanecem na cidade por cerca de três dias e gastam, em média, R\$ 1.088,00.

O mesmo pode-se dizer do programa Fique Mais Um Dia, que incentiva os turistas de negócio a estender sua estadia na cidade. O site do programa e seu caderno de divulgação enfatizam as possibilidades de entretenimento na cidade. Na capa do caderno, aparecem as frases: “São Paulo Fique mais um dia. Onde ficar, comer e se divertir: viva tudo o que a cidade tem de melhor. Passeios, Compras, Cultura, Lazer ao livre, Baladas, Programas para as crianças”.

⁸ Disponível em: <<http://classificados.folha.com.br/imoveis/1059891-verticalizacao-em-perdizes-se-intensifica-e-reforca-lado-boemio.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2012.

⁹ Disponível em: <<http://spturis.com/v7/noticia.php?id=169>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

Figura 1: Fique mais um dia



Fonte: Disponível em: <<http://www.fiquemaisumdia.com.br/>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

Em texto em que o prefeito Gilberto Kassab apresenta o programa (anexo 5), a cidade é descrita como um grande centro de entretenimento, a exemplo Nova Iorque e Londres, com toda as facilidades das capitais européias, com os melhores restaurantes, hotéis, cinemas, museus. Por fim, o prefeito convida: “ao chegar à cidade para fechar um negócio, fazer uma reunião ou participar de um evento, fique ao menos mais um dia e desfrute de todo esse universo de lazer. São Paulo está a sua disposição: aproveite.”

4.2 Identidade cultural e suas narrativas

Com a “segunda fundação” de São Paulo a identidade cultural da cidade e suas narrativas adquirem seus elementos mais marcantes: indústria, velocidade, trabalho e progresso. Para Hall (2006, p.50), as narrativas são representações, o sentido que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Elas produzem sentidos com os quais podemos nos identificar e

construir a identidade. As narrativas da cidade contêm as memórias que cumprem a importante função de interligar presente e passado às imagens construídas da cidade.

A história, a música, a literatura, as mídias e a cultura popular compõem as narrativas da cidade, fornecendo as imagens que simbolizam e representam as experiências que dão sentido à sua identidade. As narrativas projetam as fantasias dos que vivem na cidade e constituem-se em documentos que espelham seu imaginário. Nelas estão contidas as situações e a sequência de acontecimentos que revelam as transformações, os conflitos, as emoções, os tumultos, as agitações e os dramas que permitem, de maneira complexa, completa e profunda, descrever, explicar e interpretar, o que está ocorrendo com a identidade da cidade.

Para Canclini (2010, p.90), buscar o sentido da cidade passa por “explorar a estrutura e desestruturação de formas demográficas, socioeconômicas e culturais que têm uma certa ‘realidade’ objetável”, contudo é fundamental “indagar como os sujeitos representam para si mesmos os atos com os quais habitam essas estruturas.” O autor afirma que a proliferação de discursos dos diferentes grupos de habitantes da metrópole projeta suas fantasias, portanto, são documentos do imaginário, registram os dramas da cidade e ajudam a explicar e interpretar o que está ocorrendo.

Daí o interesse em trabalhar com textos que descrevem mas também imaginam a metrópole: os relatos de informantes, as crônicas de jornais e literárias, as fotos, o que dizem o rádio, a televisão e a música que narram nossos passos urbanos (2010, p.90).

Vários são os textos que descrevem e imaginam, portanto, narram a cidade. Nos programas de televisão ou de rádio, nas músicas, nas crônicas de jornais ou de revistas, nos blogs e vlogs, no cinema, no teatro, na literatura, nas

fotos, nas artes plásticas, nos *graffitis*, na publicidade, na comunicação visual, na moda, estão impressos os elementos que compõem a identidade. Sua análise revela que a identidade de São Paulo está em transformação, acrescentando mais um elemento cultural identitário que fornece cenários, personagens, imagens, histórias, dramas e inspiração, à narrativa da cidade da indústria, da velocidade, do trabalho e do progresso, agora, também, cidade do lazer, da diversão, do entretenimento noturno, a cidade da vida noturna.

4.3 As narrativas da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX

A São Paulo das primeiras décadas do século XX é caracterizada por mudanças significativas em sua paisagem. A tradicional imagem da “cidade da garoa”, como a ela se referiu Afonso Schmidt, em 1954, no livro *São Paulo de meus amores*, quando falava do “chuveiro manhoso que torna escorregadias como sabão as ladeiras e os viadutos de São Paulo” (SCHMIDT, 2003, p.38) foi desaparecendo. As obras de urbanização são o cenário de uma mudança nas formas de sociabilidade, referenciadas no modo de vida europeu (CAMPOS, 2002, p.77-80). A metropolização da cidade foi muito além da ordenação e do embelezamento do espaço físico. “Constituiu-se um novo regime de verdade, a partir do qual foram definidas e ditadas as regras do modo correto de viver, sentir, pensar e agir” (RAGO, 2004, p.388-9).

O novo regime da verdade, que acompanhou o esforço construtivo para erguer a “metrópole do café”, está presente nas narrativas da cidade e surge nos textos dos jornalistas e memorialistas, nas obras literárias, elogiando a velocidade, o trabalho, o progresso, inicialmente, diferenciando o passado monótono e atrasado

do presente excitante e moderno. Cada vez mais as narrativas da grande metrópole, produto do triunfo da indústria, da velocidade, do trabalho, do progresso, usam as imagens sedutoras da vida noturna, como no romance de 1950, *A grande cidade*, de Edmundo Amaral, redator da revista *Vida Moderna*, em que o protagonista Alfredo, rapaz sonhador de uma pequena cidade do interior, fantasiava sobre capital:

Imaginava um S. Paulo grandioso cheio de uma vida violenta e brilhante [...]. Supunha a capital enorme, cortada de ruas sonoras pelo estridor dos carros, toda iluminada a luz elétrica, com cartazes multicoloridos piscando luzes na noite. Mas o que mais o seduzia era a vida noturna com cafés sonoros de orquestras e rumores de cristais, cabarés iluminados onde as mulheres de formas harmoniosas e magníficas dançavam com jovens vestidos de “smokings”, colando seus corpos perfumados e macios nos músculos dos homens. Lia então tudo que chegava de S. Paulo: anúncios de cinema do *Estado de São Paulo*, os casos policiais da *Plateia*, a “correspondência das leitoras” da *Cigarra* (AMARAL, 1950, p.13).

Alfredo, já em São Paulo, vindo para conhecer a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, escola que pretendia frequentar, não perdeu tempo, aventurou-se na exploração dos cafés-concertos da cidade, definidos como em sintonia com os da moda em Paris, seus *habitués* eram os jovens herdeiros da elite paulistana. No Bar Progredior, localizado na rua XV de Novembro, em seu grande salão, Alfredo sentiu a extasiante sensação causada pelo movimento das pessoas elegantes e pela decoração, que as revistas que lia no Clube Rio Verde não faziam justiça. Sua atenção estava toda voltada para absorver o máximo possível a moda e os novos costumes:

Nas mesinhas redondas tomavam-se chopp, si-si e corvetes. Garçons atarefados, de jaqueta branca, com as mãos molhadas de cerveja, transportavam bandejas onde tremelicavam copos e pratos de sanduíches. Ao fundo, num tablado mais alto, uma orquestra de seis figuras afinava os

instrumentos. Havia uma mesa vazia no fundo, ao pé da orquestra. Pediram a um garçom de cara pasmada e gorda, chopp e sanduíches...

Alfredo olhava em silêncio os grandes espelhos, os painéis das paredes, os tetos decorados onde bacantes nuas e cor de rosa davam uma nota de sensualismo e d'arte. Os espelhos largos das paredes refletiam os chapéus emplumados das mulheres e os chapéus de coco do homens... Imaginou num momento Paris. Mas um Paris muito dele, feito de reminiscências de romances franceses e revistas galantes (AMARAL, 1950, p.23).

A demanda por formas de diversão gerava espaços de convívio, cada vez mais significativos para os paulistanos da *belle époque*. Assim como Alfredo, os paulistanos que se inspiravam nos hábitos europeus, em especial nos parisienses, procurando incorporar a sociabilidade europeia, frequentando os teatros, cinemas, restaurantes e cafés, “participavam de saraus literários e de audições musicais, no ambiente das elites, ou nos centros de cultura social dos meios operários” (RAGO, 2004, p.392). Serafim Ponte Grande, personagem de Oswald de Andrade, de corrosivo humor, crítico das tradições e valores da elite paulistana e frequentador da Confeitaria Fasoli, situada na rua Direita, com seu “vasto salão, sempre cheio de homens e mulheres, delira entusiasticamente, animado pela música que toca sempre uns *pot-pourris* nervosos e *fox-trots* saltitantes a *jazz-band*” (FLOREAL, 2003, p.126).

O teatro era uma das formas de diversão que cumpriam o papel de espaço de convívio. Os teatros, Colombo, Santana, São José e Municipal tinham salas sempre cheias para apresentações líricas, como Donizzetti, Rossini e Verdi (AMERICANO, 1962, p.246). O barracão de circo, de Frank Brown, chamado Polytheama, localizado na São João, recebeu as mais destacadas companhias dramáticas, transformou-se em um importante ponto de convívio, convertido em café-concerto:

De um lado um bar com mezinhas de ferro, fornecidos pela Antartica, com um balcão e uma prateleira cheia de garrafas; de outro lado um “tiro ao alvo”, onde se viam alvos de cartão, figuras que se moviam e um pequeno repuxo d’água sustentando um ovo vazio. Os habitués passavam em geral os intervalos, alvejando com espingardas Flaubert, os alvos, as figuras e o ovo, a duzentos réis o tiro (AMARAL, 1950, p.42).

O jornal *O Pirralho*, de Oswald de Andrade, inclui em sua edição de 30 de janeiro de 1912 uma coluna especializada em salas de cinema, que pouco comentava os filmes, pois seu interesse era relatar a maneira como se desenvolvia o novo modelo de sociabilidade nesses equipamentos de cultura e lazer em São Paulo:

No high-life. Inaugurou-se na sexta-feira passada o seu novo e luxuoso salão de espera, o apreciado cinema no largo do Arouche, incontestavelmente o ponto predileto da elite paulistana. E faz bem a nossa elite preferindo o High-life pois lá, não só está livre de ver fitas imorais, como frequentemente sucede no Bijou e outros cinemas, como também é ele a todos os títulos a mais confortável e que melhor conjunto de qualidades apresenta (RAGO, 2004, p.394-5).

Como atesta a descrição de Oswald de Andrade, os cinemas no início do século XX eram importante espaço de sociabilidade da elite da cidade, o que refletiu, principalmente na década de 1920, na inauguração de salas sofisticadas, com decoração luxuosa. Galvão (1975, p.81), ao mapear o comportamento dos frequentadores desses cenários refinados, afirma que seu público incorporou a disciplina do silêncio, apreciando a performance das orquestras que antecederiam os filmes.

As numerosas inaugurações de salas de cinema na cidade ocupavam cada vez mais espaço nos periódicos da época. Sobre a inauguração do Cine-Theatro República, *A Cigarra*, em 15 de dezembro de 1921, escreveu:

O maior acontecimento mundano destes últimos meses, esperado com grande ansiedade por um desses dias festivos que aí vêm, sem dúvida, a inauguração do Cine-Theatro Republica, instalado no antigo edifício do Skating Palace pela Sociedade Cinematográfica Paulistana Limitada [...]. Será inaugurado como o film da Paramount, *Macho e Fêmea*, extraído do romance inglês o “*Admirável Crichton*, que o famoso ator Leopoldo Fróes já havia dado a conhecer no teatro (MAGALDI e VARGAS, 2000, p.64).

A importância do cinema como forma de entretenimento em ascensão em São Paulo também pode ser dimensionada pelas narrativas que demonstram preocupação sobre suas prováveis influências negativas sobre mulheres e jovens, “disseminando condutas desviantes, fantasias lúbricas e desejos irrealizáveis” (RAGO, 2004, p.395). Sob o pseudônimo de Ana Rita Malheiros, o dr. Claudio de Souza chama a atenção de suas leitoras da *Revista Feminina*:

O cinema constitui, hoje em dia, uma distração imprescindível e que todos reclamam porque entrou fundamente em nossos hábitos, e é o que mais influência tem, para o bem ou para o mal, sobre todas as classes sociais. [...] Invadiu assim o cinema, pequenas e grandes cidades; e em cada uma delas, como flagelo que se não contenta, alastrou-se pelos bairros, e em cada bairro pelas ruas [...]. Pôs-se assim ao alcance e ao contato de todas as camadas sociais [...]. Nem só o beijo, o abraço, o gesto lascivo são oferecidos para sobremesa no prato dourado de paisagens maravilhosas a donzelas que ali vão e aquilo deviam ignorar. Ele vai mais longe: apresenta o vício em todo seu inverídico esplendor, desde os vestibulos de palácios suntuosos encantados, até a intimidade dos toucadores e das alcovas e das banheiras, onde se cuidam de menores cuidados, a concupiscência, a lascívia, a indolência e todos demais pecados morais da carne, que parecem triunfar no septenário de putrefação (Revista Feminina, março de 1918).

O teatro continuou por muito tempo a representar importante elemento na narrativa da cidade, mas nela aparecem cada vez mais os bailes, as festas, o cinema, como comprova a reportagem da *Revista Feminina*, ao resumir a vida social da elite paulista, na edição de janeiro de 1917:

São Paulo teve cinco teatros abertos em pleno verão. Duas companhias italianas de opereta, - a Caramba Sconamiglio e a Vitale -, a tournée francesa de Lugne Poë e Suzanne Desprès, na faustosa opulência de nosso Municipal, uma companhia portuguesa de revistas, a de Carlos Leal e uma companhia nacional de comédias, a do dr. Leopoldo Fróes, o primeiro galã cômico que pisa hoje palcos onde se fale a língua portuguesa.

Trinta e tantos cinematógrafos funcionam ao mesmo tempo.

Junte-se ao que aí acima ficam os chás-tango do elegantíssimo Trianon, os repetidos bailes do Club Harmonia, a Hora Literária, dos sábados, no Conservatório Dramático, onde nossos primeiros poetas e prosadores dizem lindos versos e admiráveis trechos de prosa, as festas da cultíssima Sociedade de Cultura Artística, em uma das quais se fez lindamente ouvir Oliveira Lima, o banquete de cem talheres ao ministro Xavier de Toledo, o banquete a Oliveira Lima, as festas e o grande baile do Congresso Médico, a festa dos voluntários de manobras no Municipal, a inauguração do novo teatro do “Estado de São Paulo”, os cursos de automóveis na avenida, três ou quatro festivais de caridade, e digam-me depois se podem ter razão de queixa os nossos elegantes!

As narrativas sobre a cidade permitem também captar que a vida noturna estava começando a ser incorporada aos hábitos das diferentes classes sociais desde o final do século XIX. As famílias mais ricas eram frequentadoras assíduas dos espetáculos das companhias líricas que se apresentavam no Teatro Municipal, e nas festas do Salão Trianon. Os cafés-concertos, bares e restaurantes tinham como *habitués* os boêmios, jovens da elite, artistas, políticos e intelectuais, que buscavam sua inspiração nos equivalentes parisienses (RAGO, 2004, p.396).

Um exemplo é o Cabaré do Sapo Morto. Embora de “existência efêmera, teve uma vida cinematográfica”, e como atesta o jornal *Folha do Braz* em 18 de junho de 1899, foi idealizado por autênticos boêmios. Afonso Schmidt, em 1954 em sua obra *São Paulo de meus amores* afirma:

No ano anterior (1896), tinha-se dado tumultos pela cidade. Logo depois, veio a febre amarela. Os paulistanos sentiam-se desolados. Era, portanto, da maior urgência fundar aquele café à maneira dos estabelecimentos de

Montmartre, destinado à gente que se atribuía o título de *jeunesse dorée* e gostava de passar as noites em boa companhia, isto é, na companhia das bojudas garrafas de ouro fluido, precedentes dos vinhedos de Reims. Organizou-se logo uma sociedade comercial, em comandita. A lista dos comanditários foi aberta com o nome de Cunegundes. Cunegundes era um cachorro boêmio que vivia nas rodas boêmias e cuja biografia tem sido contada por diversos escritores.

Ao Cunegundes seguiam-se trinta nomes de alegres rapazes, muitos dos quais, com o tempo, decaíram, isto é, tornaram-se cavalheiros circunspectos e prestigiosos. Reuniu-se o capital. O Cabaré do Sapo Morto – assim deveria chamar-se a taverna romântica – suscitou terríveis discussões entre os fundadores. Uns queriam-na chique, no centro, com lustres, altos reposteiros, garçons de uniforme exótico, porteiros de libré; outros desejavam-na pícara num porão, mesas pretas, fogão à vista, quintos de vinho, barris de cerveja, canecas de louça, caixeiros de touca, como nas gravuras dos romances.

Depois de muita troca de doestos, ficou assentada medida conciliadora. Realizar-se-ia um jantar na Ponte Grande, seguido de baile, para melhor discutir-se o assunto. E isso se fez, com entusiasmo talvez excessivo. Foi uma festa que durou três dias. Quando ela terminou? Ora essa, porque os alegres comanditários tinham comido, bebido e dançado todo o capital...(SCHIMIDT, 2004, p.24).

Os jornalistas Reis e Vilela em reportagem da *Folha do Braz*, intitulada “Faíscas” de 18 de junho de 1899, descrevem as diferenças sociais entre os bairros da elite e os bairros operários por meio de suas diversões noturnas:

No Brás, porém, a nesga populosa mais importante da Capital, não há os botequins da literatura nem “cabarets”; há, entretanto, e em quantidade a corda epidêmica dos cafés cantantes, frequentados na sua totalidade pela boêmia... desocupada e perigosa.

Nesse momento já é possível notar como a vida noturna da cidade de São Paulo ganhava importância. Para Rago (2004, p.397),

a vida boêmia passava a exercer enorme fascínio como lugar de evasão, do dilatamento, dos prazeres, da possibilidade de escapar à normatividade da vida cotidiana que progressivamente se instaurava. Vida boêmia, espaço de imaginação e da criatividade, pensavam os intelectuais; espaço da promiscuidade e do desregramento, denunciavam os médicos.

A autora destaca, porém, que a fruição na vida noturna era prazer majoritariamente masculino. Os homens eram os frequentadores dos cafés. Eram a plateia das danças orientais, como em 1907, no café-concerto *Moulin Rouge*, onde se apresentou *La Bela Add-El-Kader* diretamente do Egito, ou no *Eden-Theatre*, com a dançarina hindu, com o colo, os braços e o ventre descobertos. Os bordéis, por sua vez, eram locais onde se estabeleciam redes de sociabilidade; jornalistas, políticos, estudantes, advogados, “coronéis”, eram vistos frequentemente em estabelecimentos com nomes franceses, como *Palais Elegant*, de Madame Sanchez, figura que foi a base da sátira de costumes, ou romance de costumes, *Madame Pomméry*, escrito em 1919 por Hilário Tácito, pseudônimo de José Maria de Toledo Malta, que pode ser resumida por sua capa da primeira edição. Nela, está no centro uma enorme garrafa de champanhe, ricamente ornamentada por louros da vitória e desenhos *art nouveau*, como elementos florais, colunas e castiçais, quatro crianças, uma em cada canto, lembrando cupidos ou anjos, segurando garrafas de champanhe que parecem estar em uma posição fálica.

Figura 2: Capa da primeira edição do livro *Madame Pomméry*



Capa da 1ª edição

Fonte: Disponível em: <<http://fredb.sites.uol.com.br/pommery.html>>. Acesso em: 31 mai. 2010.

O Bar Municipal, segundo Amaral (1950, p.46), era o mais luxuoso e, por consequência, o mais frequentado pela elite paulistana e boêmios. O costume era terminar a noite, após os espetáculos do Teatro Municipal, com uma visita ao Bar Municipal. Ele era ponto de encontro de membros das famílias mais influentes da cidade, inclusive das mulheres dessas famílias que, em *grand toilette* e acompanhadas de homens vestindo casacas impecáveis, observavam com uma mescla de desprezo e curiosidade as luxuosas prostitutas, que discretamente por ali circulavam cortejadas pelos boêmios *habitués*. Cícero Marques, em sua obra *Tempos Passados*, sobre o dia a dia na cidade de São Paulo, escrita em 1942, descreve não só o cenário do Bar Municipal, mas sua atmosfera:

O Bar Municipal é também uma feira de amostras, com maiores vantagens que a dos Castelões, pois a elegância feminina é exatamente a noite que se presta para o realce dos vestidos de *soirée* ou de *grande toilette*. Continua o desfile das “preciosas”. [...] Madame Pomméry – sorrindo, vem falar com Plínio Ramos, que está em companhia de Diogo Pacheco, muito empertigado no colarinho alto que lhe endurece o pescoço. Ada Matteucci, elegantíssima romana e aplaudida artista dramática, passa fazendo-se admirar por sua beleza e estatura de “policeman” inglês, ao lado das irmãs “Boccarys” com quem morava na mesma pensão. O salão do Bar recende a um “panaché” de todos os perfumes e todos eles suaves, aromatizando as notas dolentes de uma triste milonga, que ainda tangam pelo ar (MARQUES, 1942, p.146-9).

As narrativas sobre a cidade, a partir da virada do século XIX para o XX, e particularmente nas décadas seguintes, passaram a incorporar a noite como tema, cenário e assunto da literatura, dos jornais e revistas. Esse é o momento inicial da transformação da identidade de São Paulo, acrescentando a vida noturna como mais um elemento cultural identitário da cidade da velocidade, do trabalho e do progresso. Tendência que ao longo das décadas seguintes não foi alterada, tornando-se cada

vez mais presente nas narrativas da cidade. Presença que cresceu na mesma a medida em que o entretenimento noturno se consolidou na cidade de São Paulo.

4.4 A narrativa da cidade por meio dos indícios quantitativos da vida noturna

Os números do tempo presente relacionados ao entretenimento noturno são fortes indícios de sua consolidação. Como citado na introdução desta tese, hoje a cidade de São Paulo possui 12,5 mil restaurantes, 16 mil bares, 260 salas de cinema, 181 teatros, com cerca de 600 peças encenadas por ano, dessas 10 são versões nacionais de musicais da Broadway, e 2 mil casas noturnas. Números que colocam a cidade como segunda do mundo em número de estabelecimentos do gênero, ficando atrás apenas de Nova Iorque.

O mercado consumidor do entretenimento noturno também é revelador da importância do setor para a cidade. Paulistanos, moradores da região metropolitana e do interior de São Paulo, frequentadores assíduos ou eventuais da noite da cidade, injetam milhões de reais na economia, constituindo de fato um mercado consumidor (D'ALESSIO, 2008). De acordo com pesquisa realizada pelo Datafolha e Revista São Paulo que entrevistou 807 pessoas, entre os dias 1 e 4 de março de 2012, sobre seus hábitos de lazer relacionados à fruição da noite na cidade, o gasto médio de uma pessoa na noite paulistana é de R\$109,70, sendo que 28% gastam até R\$ 50,00, 42% entre R\$50,00 e R\$100,00, 16% entre R\$100,00 e R\$150,00 e 14% chegam a gastar mais de R\$150,00, índice que sobe para 42% entre os que saem todas as noites e para 27% entre os casados. Um exemplo citado na pesquisa é do nutricionista Lucas Ferraz de 24 anos que três vezes por semana

se dedica a um ritual. Começa a noite em algum restaurante ou lanchonete e estica em uma casa noturna. Em vez da pista de dança lotada, ele segue

com a namorada e os amigos para um camarote. Prefere bebericar tranquilamente enquanto observa o movimento. As rondas de Lucas consomem até 30% de seu salário – ele já chegou a gastar R\$1.000,00 em uma única noite com a namorada. “Em São Paulo, tem muita coisa para fazer a noite. Você pode sair todos os dias da semana e não repetir o programa”, diz (RODRIGUES, 2012, p.35).

Pessoas como Lucas não são incomuns em São Paulo, segundo a mesma pesquisa o faturamento de restaurantes, bares e casas noturnas cresceu 15% apenas nos últimos dois anos. Segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), o montante passou de R\$37,5 milhões, em 2009, para R\$46 milhões em 2010,.

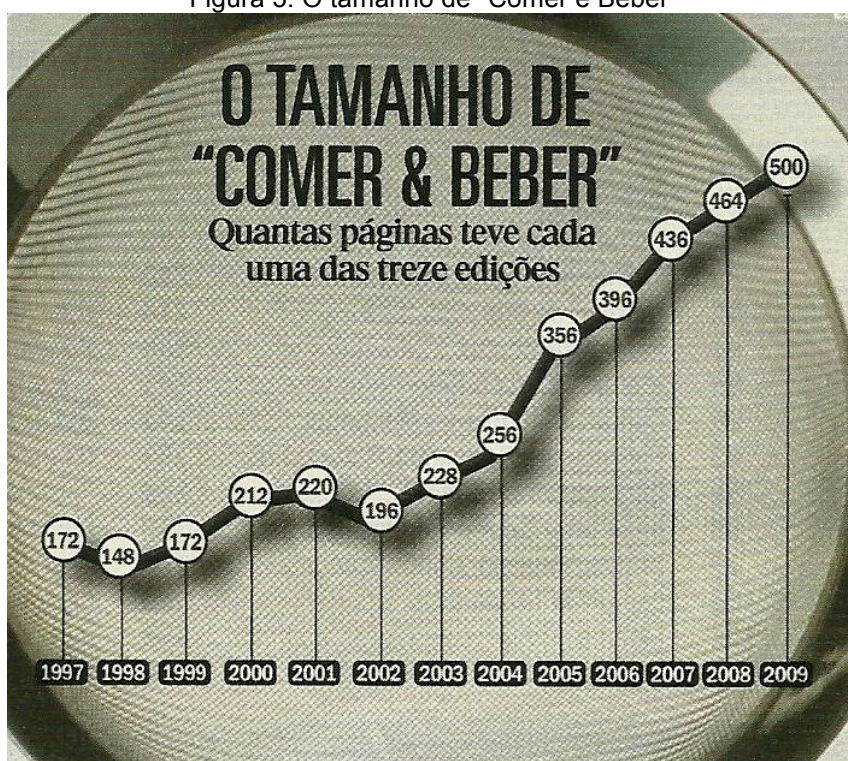
Os números relacionados à economia da noite reforçam seu significado para a cidade de São Paulo. Desenvolveu-se uma indústria do entretenimento noturno que emprega diretamente em suas atividades milhares de pessoas, outras milhares em suas atividades satélites, como logística, treinamento e formação de mão-de-obra, moda, construção civil, decoração, comunicação e outras tantas, estendendo a cadeia econômica para muito além da noite (MIRANDA, 2002, p.33). Somente o setor restauração, segundo a Abrasel, emprega cerca de 780 mil pessoas, o que faz do setor um dos maiores geradores de empregos da cidade.

Sensíveis ao crescimento que os números acima demonstram, os meios de comunicação dedicam considerável espaço e tempo ao entretenimento noturno. Os jornais de grande circulação, como Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, possuem cadernos especializados em entretenimento, com seções exclusivas sobre a vida noturna. A Folha de São Paulo, além de seu caderno Folha Ilustrada, com frequência diária, encarta às sextas-feiras O Guia Folha e, aos domingos, a Revista São Paulo, com informações sobre a noite paulistana. Revistas semanais de circulação nacional, como Veja e Época, possuem encartes em forma

de revista, denominadas, respectivamente, Veja São Paulo e Época São Paulo, que além da programação cultural da cidade, informam as opções de entretenimento noturno.

A Veja São Paulo lança anualmente, no mês setembro, uma edição especial dedicada à gastronomia da cidade, chamada “Comer e Beber”, dividida em seções como comidinhas, bares, restaurantes e vinhos. Em 1997, ano de sua primeira edição, a revista foi lançada com 172 páginas, apresentando 350 restaurantes e 100 bares. Em sua última edição (2010/2011), foram 540 páginas, que apresentam detalhadamente 1242 endereços, de pastel de feira aos requintados restaurantes de alta cozinha¹⁰.

Figura 3: O tamanho de "Comer e Beber"



Fonte: Disponível em: < <http://vejabrasil.abril.com.br/portal/> >. Acesso em: 07 mai. 2012.

Tais números refletem a importância dessa atividade como forma de entretenimento em São Paulo. São apenas alguns exemplos do que é hoje conteúdo

¹⁰ Disponível em: < <http://vejabrasil.abril.com.br/portal/> >. Acesso em: 07 mai. 2012.

presente e obrigatório em todos os jornais e revistas de grande circulação, independente de sua especialização ou segmentação. Noticiar o cotidiano é também uma forma de narrativa da cidade. Em São Paulo, a vida noturna tornou-se informação indispensável, demonstrando como o fruir a noite está incorporado aos hábitos e costumes do paulistano.

As emissoras de rádio e televisão não fogem à regra. Rádios com programação dedicada à música ou exclusivamente a notícias possuem boletins diários sobre entretenimento, com destaque para o noturno. Dois exemplos são as rádio Central Brasileira de Notícias (CBN) e Bandeirantes News (Band News), que possuem colunistas especializados na noite paulista e boletins segmentados em cinema, teatro, restaurantes, casas noturnas e espetáculos, que procuram manter os ouvintes informados sobre a vida noturna paulistana.

As redes de televisão também incluem em suas programações informações sobre a noite da cidade, seja em telejornais ou programas exclusivamente dedicados ao tema, como o “Hoje Tem”, da TV Gazeta, exibido às quintas-feiras às 23h 30m, definido como uma agenda eletrônica semanal que traz o melhor e mais interessante que acontece na noite da cidade de São Paulo¹¹. O programa mostra peças teatrais, bares, restaurantes, baladas, passeios, opções para públicos diferentes, bolsos e gostos variados.

Já a internet é espaço de incontáveis *web sites*, *blogs* e *vlogs* sobre a noite. Mesmo os meios de comunicação já citados possuem em suas versões *online* páginas dedicadas à vida noturna da cidade. Um *web site* com conteúdo totalmente dedicado à vida noturna paulistana é o Uia Diário (<http://www.uiadiario.com.br>). Tal site merece destaque não apenas por ser pioneiro no assunto (no ar há cinco anos),

¹¹ Disponível em:<<http://hojetem.tvgazeta.com.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

mas por ser um guia online de lazer e entretenimento que tem como diferencial amplo serviço de informações sobre shows, exposições, teatro, cinema, restaurantes, festas e eventos culturais na capital paulista, diariamente.

O Uia surgiu da clássica pergunta: 'Qual é a boa de hoje à noite?', que era entoada como mantra pelos amigos, dia após dia", conta Ana Carmo que, juntamente com Alice Coutinho, idealizou o site. Durante quatro anos, elas e Mônica Herculano cuidaram de publicar cerca de mil sugestões por mês¹².

Diante do potencial apresentado pelo *site* – 650 à 1000 acessos diários, 22 mil à 25 mil acessos únicos por mês e 43 mil à 45 mil *pageviews* por mês – em janeiro de 2012 o *web site* passou a ser produzido por uma agência especializada em conteúdo cultural e convergência de mídias, a Casa8.

Aplicativos para *smartphones*, os chamados apps, são outros bons indícios da importância da noite paulistana para a narrativa da cidade. Esses *softwares* são utilizados em aparelhos portáteis, como *tablets* e *smartphones*, sendo disponibilizados por meio de plataformas como *App Store*, *Android Market*, *BlackBerry App World*, *Ovi Store*, entre outros. Possuem funções tão diversificadas que é impossível elencá-las. Os apps com funções de entretenimento ou para sua promoção são os mais populares, ocupando os primeiros lugares em *downloads*. A vida noturna de São Paulo é tema de 24 apps, que podem ser divididos em dois grupos.

No primeiro grupo, estão 16 apps dedicados ao turismo na cidade de São Paulo: São Paulo "*at a glance*"; Brasil Móbile, guia turístico de São Paulo (produzido pelo Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR); SPMobile (aplicativo oficial da São Paulo Turismo); São Paulo é tudo de bom (produzido pela São Paulo Convention & Visitors Bureau); Coleção 7 dias São Paulo; SAO trip – São Paulo guia

¹² Disponível em: <<http://www.uiadiario.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

de viagens; City Maps and Walks; Guia do não óbvio São Paulo – Brastemp; Go'Were United Magazines; JetSet Móbile; São Paulo Guia de Viagens (produzido por Sebastian Juarez); City Guide São Paulo (produzido por Aplus Software); Guide you São Paulo; São Paulo Trip Guide (produzido por Frank Mobile Apps); São Paulo Manual (produzido por Exact REAL); iTrip to São Paulo (produzido por CloudEnd).

Todos eles com seções específicas sobre cinema, teatro, restaurantes e vida noturna de São Paulo, além de funcionalidades, como sistema de busca e mapa de localização geográfica que traça rotas a partir da localização do usuário até o estabelecimento desejado, por ônibus, carro ou a pé. Em seu texto de apresentação, o app “São Paulo é tudo de bom”, produzido pela São Paulo Convention & Visitors Bureau, a cidade é descrita por suas possibilidades de experiências variadas, que vão da gastronomia à vida noturna.

Já o texto que descreve o app SP Mobile, da São Paulo Turismo, afirmar ter como objetivo posicionar e promover a cidade de São Paulo como a capital dos negócios, conhecimento e entretenimento da América Latina, destacando seu caráter vanguardista e cultural. Entre suas funcionalidades estão seções, como “Comes e bebes”, que indicam e descrevem bares, restaurantes e comidinhas (apresentando doçarias e cafeterias) e “Entretenimento” (baladas e cinemas).

O segundo grupo é formado por 8 apps que tratam especificamente de restaurantes, bares, cinemas, teatros e casas noturnas: Veja São Paulo (produzido pela editora Abril) ; Veja São Paulo cair na noite (produzido pela editora Abril); Veja Comer e Beber (produzido pela editora Abril); Restaurantes São Paulo (produzido pela editora Abril sob encomenda da São Paulo Turismo); Guia Época São Paulo (produzido pela editora Globo); toAquiSP (produzido por Rafael Moraes); Guia de

Bares e restaurantes (produzido por FBF sistemas); Virada Cultural (produzido pela Secretaria de Cultura da cidade de São Paulo).

Para além dos expressivos números totais de apps que tratam da noite paulistana, é preciso destacar que alguns deles estão entre os mais baixados das lojas virtuais. O app Veja Comer e Beber, disponível para *Iphone*, *Ipad*, *Ipod Touch* e *Android*, que apesar do nome não trata apenas de bares e restaurantes, mas também de casas noturnas, é um dos aplicativos mais baixados no Brasil. Desde seu lançamento em abril de 2010, ao custo de US\$2.99, tem em média 55 mil *downloads* por mês, figura na lista dos 25 apps mais baixados na *Apple Store Brasil*, ficando em primeiro lugar, por dias, todas as vezes que são lançadas atualizações.¹³

Tais dados são muito significativos, fornecem uma medida objetiva da importância do entretenimento noturno nos hábitos e costumes dos paulistanos, demonstram o tamanho da demanda pela fruição da noite e são indícios da transformação da identidade da cidade.

As tecnologias mais recentes de comunicação, assim como as tradicionais, contribuem para construir a concepção que temos da cidade. São narrativas, portanto, produzem sentidos, criam vínculos de identificação. Apesar de novas, essas tecnologias são documentos do imaginário da cidade, revelam a transformação em curso em sua identidade, agregando à cidade do trabalho, da velocidade e do progresso, um novo elemento identitário, cada vez mais presente em sua narrativa, a vida noturna.

Outro indício interessante é o surgimento de legislação que regula os efeitos negativos da vida noturna, o que reforça a importância do entretenimento

¹³ Disponível em:

<http://www.publiabril.com.br/upload/files/0000/0751/App_VEJA_Comer_e_Beber_mar12.pdf>.

Acesso em: 03 mai. 2012.

Disponível em: < <http://www.publiabril.com.br/noticias/778> >. Acesso em: 03 mai. 2012.

noturno em São Paulo, na medida que a produção da lei responde às demandas da sociedade.

O Programa Silêncio Urbano - PSIU, instituído pelo Decreto n. 34.569, de 6 de outubro de 1994, é bom exemplo de como a vida noturna é tema importante no dia a dia da cidade. Sua missão é tornar mais pacífica a convivência entre os estabelecimentos comerciais e os moradores da vizinhança. O programa combate a poluição sonora na cidade de São Paulo, fiscalizando locais confinados, como bares, casas noturnas, restaurantes, salões de festas, templos religiosos, indústrias e obras. Ele está fundamentado em duas leis: a da 1 hora e a do ruído. A primeira lei impõe que, para poderem funcionar depois da uma hora da manhã, bares, restaurantes e similares precisam possuir isolamento acústico, estacionamento e segurança. Antes da uma hora da manhã, a Lei do Ruído fiscaliza o volume de decibéis emitidos¹⁴ (anexo 6). Os estabelecimentos que eventualmente não cumpram a Lei da 1 hora são multados em cerca de R\$ 30 mil. A reincidência acarreta a lacração do estabelecimento.

As ações do programa demonstram como a vida noturna transformou-se em um elemento integrante da dinâmica cotidiana da cidade. De 2005 até o início do ano de 2010, foram realizados 143.335 atendimentos, aplicadas 1.956 multas por desrespeito à Lei da 1 hora e outras 1.046 por excesso de ruído. Além disso, 495 locais foram fechados. Apenas em 2011 foram aplicadas 661 multas que resultaram em lacração de bares abertos após o horário permitido.

Embora a análise da economia relacionada à noite paulistana não seja o objeto de estudo desta pesquisa, tais números são indícios que reforçam a suposição de que a fruição do entretenimento noturno foi incorporada à identidade

¹⁴

Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/zeladoria/psiu/index.php?p=8831>>. Acesso em: 07 mai. 2011.

da cidade, tornou-se um componente de sua narrativa e importante setor de sua economia.

Surgem os empresários da noite, investindo somas significativas, obtendo retornos expressivos, constituindo uma nova elite econômica. Exemplos não faltam. O grupo Clash, por exemplo, constituído em 2008, iniciou suas atividades com a casa noturna Clash, na Barra Funda, com investimento de R\$ 1 milhão e faturamento de R\$ 3 milhões. O grupo nos últimos anos inaugurou três novas casas: o clube Lab, na região da rua Augusta, o restaurante espanhol Donostia, em Pinheiros e uma lanchonete na rua Augusta. Os lucros do grupo, incluindo os serviços de *catering* e o aluguel dos espaços para a promoção de eventos especiais, como festas corporativas e de promoção de produtos, somaram em 2011 cerca de R\$ 11 milhões (RODRIGUES, 2012, p.35).

Um grupo de 43 investidores, todos com idade média de 30 anos, criou a empresa A.Life Entertainment Group, especializada em casas noturnas luxuosas, que faturam R\$ 75 milhões por ano, atendendo 70 mil pessoas por mês (LOMBARDI, 2012). Em 2006, Fernando Filho, Paulo Zegaib e Carlos Kalil, aplicaram R\$ 6 milhões na casa noturna Pacha, na Vila Leopoldina, investimento recuperado em aproximadamente um ano:

Nos dois primeiros anos, a Pacha se revelou uma mina de ouro. Cerca de 3.000 pessoas davam as caras a cada noitada. O investimento em super-DJs gringos valia pelo retorno de frequentadores fiéis. Em fevereiro de 2007, o inglês Fatboy Slim, capaz de encher estádios, faturou R\$ 250 mil para assumir as pickups. Logo em seguida vieram Boy George, ex-vocalista do Culture Club, David Guetta e outras dezenas de astros (GIOVANELLI, 2011).

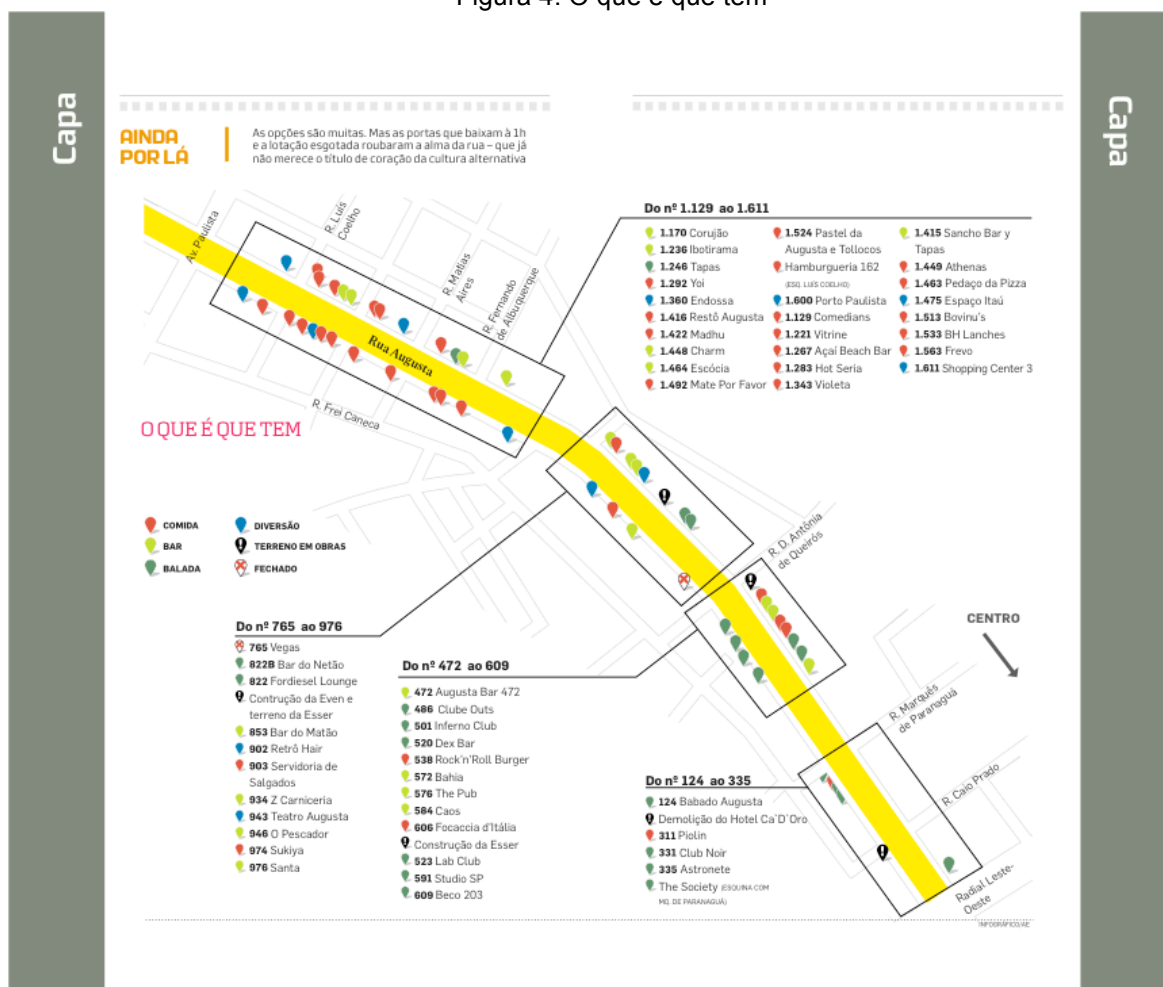
Com números semelhantes, destaca-se a casa noturna Pink Elephant, com investimento de R\$ 5 milhões, funcionou por dois anos, e o faturamento mensal oscilou entre R\$ 300 mil e R\$ 2 milhões.

A noite paulistana tornou-se, como fica evidente nos exemplos anteriores, ótimo negócio, originando empresários que fizeram carreira empreendendo exclusivamente no entretenimento noturno. Assim como José Victor Oliva que, em 1979, com 23 anos, criou além do Gallery, ícone da noite paulista por 28 anos, casas noturnas como o Banana Café, Moinho Santo António e Resumo da Ópera, sendo conhecido como rei da noite, ocupa hoje tal *status* Facundo Guerra, denominado por reportagem da Revista Veja São Paulo como “o novo reizinho da noite”:

Dentro da riquíssima galeria de personagens que fizeram e fazem sucesso agitando a noite paulistana, Facundo Guerra, um argentino nascido em Córdoba e radicado no Brasil desde 1976, já merece um capítulo exclusivo. Ele entrou no ramo por acaso, depois de perder o emprego de executivo que lhe rendia um salário mensal de 10.000 reais e de uma tentativa frustrada de se associar a uma marca de roupas. Mesmo sem experiência no mercado da boemia, topou o convite de um amigo para virar sócio de uma boate construída dentro de um galpão de 400 metros quadrados onde funcionava uma oficina de carros, na parte central da Rua Augusta, ao lado de inferninhos, hotéis de alta rotatividade e botecos vagabundos (GIOVANELLI e BATISTA, 2011).

Assim como o Gallery de seu antecessor, a casa noturna Vegas, de Facundo Guerra, fez história, sendo inclusive apontada como desencadeadora da revitalização do Baixo Augusta, tradicional região boêmia localizada entre a avenida Paulista, rua Augusta, praça Roosevelt e rua da Consolação. Região que hoje é um pólo de entretenimento noturno, somando, entre bares, restaurantes e casas noturnas, cinquenta estabelecimentos.

Figura 4: O que é que tem



Fonte: FAGUNDES, R.D. É o fim. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 mai. 2012. Caderno Divirta-se. Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br/divirta-se/e-o-fim/> >. Acesso em: 29 mai. 2012.

Para Andrea Matarazzo, ex-Secretário Estadual de Cultura, o mérito do empresário “é ter atraído jovens que não estavam acostumados a frequentar aquela região” (GIOVANELLI e BATISTA, 2011).

Um efeito dessa revitalização é que, após 25 anos, a rua Augusta recebe o lançamento de um condomínio residencial com cerca de 200 apartamentos, com metro quadrado estimado em R\$10 mil, valor próximo ao de bairros como Moema e Pinheiros. A região está sofrendo um processo de gentrificação¹⁵, como aconteceu com o Soho, em Nova Iorque, que recebeu, em um curto espaço de tempo, jovens

¹⁵ O neologismo gentrification foi criado em 1964 pela socióloga inglesa Ruth Glass, para definir a valorização imobiliária de bairros degradados de Londres, devido a intervenções governamentais e não governamentais, resultando em um enobrecimento urbano (BERNHARDT, s.d.).

artistas, valorizando o bairro até que não mais podiam viver nele, ou como a Vila Madalena, que atraiu jovens para o bairro devido à sua vida boemia e cultural, o que o valorizou e acabou os expulsando. O Baixo Augusta segue essa tendência e em cinco anos, como prevê Guerra, a região ficará mais residencial, mais parecida com os Jardins. Para Ale Youssef¹⁶ (anexo 7), empresário que, em 2008, por conta dessa valorização mudou sua casa noturna da Vila Madalena para o Baixo Augusta, “a cultura alternativa saiu da Vila Madalena e agora está sob ataque na Augusta”.

Facundo Guerra, que emprega 90 funcionários diretos e 210 indiretos, fez outros investimentos que, somados, chegam a R\$ 1,4 milhão, como os bares Z Carniceria, na própria rua Augusta, e Volt, na rua Haddock Lobo; as casas noturnas Lions, na avenida Brigadeiro Luís Antônio e a Yatche, no Bixiga, além da casa de espetáculos Cine Joia, no bairro da Liberdade. Em julho de 2011, o público mensal de seus negócios chegava a metade das 60 mil pessoas que frequentam as principais casas noturna da cidade: Clash, D-Edge, Estúdio Emme, Disco e Kiss & Fly.

A trajetória do empresário Ale Youssef, sócio da casa noturna Studio SP, localizada no Baixo Augusta, é também um indício da importância do entretenimento noturno para a cidade, muito além do mero divertimento. Com o aumento crescente do peso de suas atividades na economia, empresários da noite passam a reivindicar participação na política e na vida administrativa da cidade. Bacharel em Direito, colunista da Revista Trip, idealizador do Instituto Overmundo¹⁷ (anexo 8), lecionou política contemporânea e coordenou a Secretaria da Juventude da Prefeitura de São

¹⁶ Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/divirta-se/e-o-fim/>>. Acesso em: 29 mai. 2012.

¹⁷ O Overmundo é um site colaborativo voltado para a cultura brasileira e a cultura produzida por brasileiros em todo o mundo, em especial as práticas, manifestações e a produção cultural que não têm a devida expressão nos meios de comunicação tradicionais. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/estaticas/tour_o_que_e.php>. Acesso em: 31 mai. 2012.

Paulo durante a administração Marta Suplicy (2001-2004)¹⁸ (anexo 9). Em 2010, candidatou-se a deputado federal pelo Partido Verde (PV), obtendo mais de 20 mil votos, com uma plataforma baseada na cultura criativa que, segundo ele em vídeo¹⁹ que promovia sua campanha, a cultura movimenta milhões de reais e pode ser muito importante para o desenvolvimento social.

Uma consequência desse crescimento do entretenimento em São Paulo, particularmente o noturno, é a transformação da vida noturna da cidade em atrativo turístico. Hoje ela é parte obrigatória do roteiro de visita dos que vêm a São Paulo a negócio ou a lazer. Surge o turismo com motivação na fruição do entretenimento noturno. Um público cada vez maior, vindo das cidades do interior de São Paulo e de outros estados brasileiros, deseja conhecer o que suas cidades não oferecem.

Agências de turismo desenvolveram pacotes para esse público, conjugando hospedagem em hotéis de luxo, com todos os seus serviços, ingressos para peças de teatros e musicais, reservas em restaurantes sofisticados e acesso às casas noturnas mais concorridas. É o que oferece a Blumar Turismo e Viagens. Sediado na cidade do Rio de Janeiro, oferece o pacote “Conheça São Paulo”. No texto de apresentação do pacote, a cidade é redefinida não mais apenas como a cidade do trabalho, sua identificação tradicional, mas sim por seus atrativos culturais e de lazer:

A Capital do Estado de São Paulo é o mais importante e dinâmico pólo econômico da América Latina. São Paulo é uma cidade cosmopolita famosa por sua diversidade étnica e vida agitada. Mas, se engana quem pensa que em São Paulo só se vive para o trabalho. A cidade oferece excelentes opções de lazer e cultura para se aproveitar de dia ou à noite. São Paulo é uma cidade com diversas atrações que vão desde passeios culturais a

¹⁸ Disponível em: <<http://falacultura.com/2012/01/25/ale-youssef/>>. Acesso em: 14 mai. 2012.

¹⁹ Disponível em: <<http://serendipiando.wordpress.com/2010/07/22/quem-e-ale-youssef/>>. Acesso em: 14 mai. 2012.

compras. Outro ponto importante da cidade são os sofisticados restaurantes, São Paulo é reconhecido como um dos maiores e melhores pólos gastronômicos do país. A vida noturna é bem agitada e com diversas opções para todos os gostos, diversos barzinhos, restaurantes e boates²⁰ (anexo 10).

A apresentação conta ainda com descrições específicas dos atrativos, que são divididos nos seguintes *links*: Arte e Cultura; Onde Comer; Natureza e Esportes; Vida Noturna; Compras e Atrações Turísticas. Nos textos dos atrativos Onde Comer e Vida Noturna, a cidade é definida como o melhor pólo gastronômico do país e os restaurantes são convertidos em atrações turísticas. A vida noturna aparece como agitada e diversificada, destacando a variedade de bares e casas noturnas: “existem opções para todos os tipos de público e bolsos, desde os que só estão a fim de um chopinho com os amigos até os que querem ver o dia raiar na rua”.

Seguindo a mesma tendência, hotéis oferecem estadias diferenciadas aos finais de semana, quando a ocupação é menor. O Hotel *Meliá* e o *InterContinental* oferecem pacotes que incluem peças em cartaz nas proximidades. O Renaissance São Paulo Hotel disponibiliza em suas ofertas e promoções três que são fundamentadas nas possibilidades de fruição das opções de entretenimento da cidade²¹ (anexo 11).

A primeira, denominada *Stretch Your Weekend Package no Renaissance São Paulo Hotel*, assim apresenta a cidade: “A maior cidade da América Latina se torna muito mais viva aos finais de semana”. Com tarifa de R\$832,00, é oferecida

²⁰ Disponível em: <<http://www.blumar.com.br/cidades.cfm?cidade=sao%20paulo>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

²¹ Disponível em: <<http://hoteis.marriott.com.br/hotels/hotel-deals/saobr-renaissance-sao-paulo-hotel/index.asp>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

hospedagem em apartamento *Deluxe*, café da manhã servido no Restaurante Terraço Jardins, internet banda larga e estacionamento para um veículo.

A segunda oferta é o *Taste of São Paulo*, em que a gastronomia é a protagonista: “Sabores de todo o mundo, com a autenticidade de nossa cidade. Surpreenda-se!”. Com tarifas a partir de R\$1.151,00, oferece hospedagem em apartamento *Deluxe*, café da manhã no restaurante Terraço Jardins, jantar no *Living Lounge Bar & Sushi*, *City Tour* com passagem pelo Mercado Municipal e estacionamento para um veículo.

A terceira, *Renaissance On The Stage*, em que o teatro é o destaque: “Entre em cena para conhecer o melhor de São Paulo. Aproveite o espetáculo!”. Ao custo de R\$811,00, o hospede conta com hospedagem em apartamento *Deluxe*, café da manhã no restaurante Terraço Jardins, jantar no restaurante Terraço Jardins ou *Havana Club*, dois ingressos para o Teatro Renaissance e estacionamento para um veículo.

Tais ofertas e promoções criaram uma nova forma de paulistanos e paulistanas aproveitarem a noite da cidade, transformando-se em turistas. Os moradores da capital já são 6,8% do total de hóspedes, segundo levantamento feito no segundo semestre de 2011 pela SPturis, empresa municipal de promoção do turismo. Há dois anos, esse número não ultrapassava 3%.

Sensível ao fenômeno, a Folha de São Paulo investigou o assunto e, em reportagem publicada em 13 de janeiro de 2012, apresentou dados significativos, em que o entretenimento noturno é um dos elementos desencadeadores da ocupação dos hotéis²² (anexo 12). Os hotéis são uma alternativa para aqueles que esticam a noite da balada fugindo da Lei Seca. É o caso da blogueira Stephanie Zalcmann, de

²² Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/1032576-tarifas-menores-atraem-paulistanos-para-hoteis-nos-fins-de-semana.shtml>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

25 anos, que mora na zona oeste com os pais e tem o hábito de hospedar-se, pelo menos uma vez por mês, com o namorado no Meliá do Itaim Bibi. A jovem ressalta a vantagem da proximidade de bares e baladas da região. “Não gosto de chegar em casa alta, então no hotel é mais tranquilo”.

Entrevistado, Toni Sando, diretor da São Paulo Convention & Visitors Bureau, empresa que reúne vários segmentos do setor turístico, destaca as possibilidades de entretenimento da cidade: “O fim de semana em São Paulo tem programação intensa, boa gastronomia, espetáculos que vieram da Broadway”. De acordo com ele, a demanda acaba atraindo quem mora longe dos pólos culturais e gastronômicos da cidade, concentrados nas zonas oeste e central, onde também estão localizados hotéis de alto padrão com esse tipo de pacote. “É gente que mora afastada do centro e quer se sentir turista sem pegar a estrada”.

O entretenimento noturno está integrado à cidade, à sua história, à sua economia e à sua narrativa. Seus habitantes incorporaram hábitos de lazer ligados à vida noturna. Em São Paulo, a noite é parte importante do modo de vida dos paulistanos, é o mais novo elemento identitário cultural da cidade.

4.5 As narrativas da cidade de São Paulo no tempo presente

As narrativas da cidade são representações que produzem sentido, contêm a memória que liga o passado e o presente às imagens construídas da cidade e que dão sentido à sua identidade. No tempo presente, as narrativas da cidade de São Paulo continuam utilizando a velocidade, o trabalho e o progresso, mas a vida noturna cada vez mais é utilizada como imagem que a representa.

A São Paulo Turismo (Spturis), empresa de turismo e eventos de São Paulo, que tem como sócia majoritária a Prefeitura, visa promover a cidade como pólo de turismo de negócios, entretenimento e lazer, também contribui para a construção das narrativas da cidade, na medida em que utiliza imagens que simbolizam e representam a identidade da cidade em sua promoção. E cada vez mais a Spturis vem utilizando a vida noturna para representar e apresentar a cidade.

Um indício da valorização da noite paulistana na promoção turística da cidade, portanto para sua narrativa, é a existência de uma diretoria exclusiva para o entretenimento, que em sua descrição destaca ser a cidade não apenas um destino de turismo de negócios, enfatizando sua oferta de cultura, gastronomia e entretenimento:

A Diretoria de Turismo e Entretenimento atua na consolidação nacional e internacional da cidade como destino turístico. Para isso planeja e implanta projetos de estruturação da oferta turística, além de desenvolver ações de promoção, marketing e divulgação, com o objetivo de qualificar São Paulo como uma cidade cosmopolita, cultural, gastronômica e rica em entretenimento, o que a capacita para não apenas ser um grande destino de turismo de negócios²³ (anexo 13).

A diretoria ainda conta com uma gerência de promoção turística e entretenimento e uma coordenadoria de promoção de turismo de lazer e entretenimento. Para Luciane Leite, diretora de turismo e entretenimento da SPTuris, visitantes a negócio e turistas esticam as já longas filas das casas noturnas e restaurantes da cidade. Hoje, um dos fatores que motivam os visitantes a estenderem sua estadia em São Paulo é a vida noturna.

Tendência que vem sendo detectada há cinco anos, por pesquisa realizada sobre esse comportamento. Em 2011, 21% dos visitantes e turistas

²³ Disponível em: <<http://www.spturis.com/v7/equipe-turismo.php>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

optaram por ficar mais algum tempo na cidade para ir a casas noturnas e 17% para conhecer os restaurantes. De acordo com Luciane Leite:

Para nosso trabalho de promoção, os restaurantes e as casas noturnas são fundamentais. Aqui, há do eletrônico ao sertanejo, de botecos supertradicionais a restaurantes de reconhecimento internacional. É o grande diferencial da cidade (RODRIGUES, 2012, p.35).

No *web site YouTube*, a SPturis possuiu uma *web page* ou canal, que compila os vídeos de diferentes origens, como programas de televisão, reportagens jornalísticas e vídeos institucionais próprios, abordando temas relacionados ao turismo na cidade. A análise desses vídeos revela a importância da vida noturna, com sua gastronomia, espetáculos teatrais e casas noturnas, para a promoção da cidade. Dos 157 vídeos postados nessa *web page*, quase a totalidade faz referência à noite paulistana. Mais especificamente, os vídeos institucionais, aqueles produzidos sob encomenda e orientação da Spturis, que são também narrativas da cidade, utilizam a vida noturna como meio de promoção turística. Portanto, tais vídeos são indícios que reforçam a incorporação da noite como mais um elemento cultural identitário de São Paulo.

Um exemplo são os vídeos da campanha *Unimaginable*, criada em 2010 pela agência Lew'Lara\TBWA para SpTuris²⁴ (anexo 14). Personalidades paulistas, conhecidas dentro e fora do país, mostram seus talentos, tendo a cidade de São Paulo como inspiração: Alex Atala desenvolve um novo prato, DJ Marky produz a trilha, os irmãos Campana criam o design de uma poltrona, Horneist idealiza personagens nos muros da cidade. Todas essas expressões juntas, com a produção executiva de Fernando Meirelles e direção de Paulinho Caruso. No vídeo “Encontre-se em São Paulo”, a protagonista, uma turista, passeia por pontos turísticos da

²⁴ Disponível em:<<http://ccsp.com.br/ultimas/noticia.php?id=49855>>. Acesso em: 17 mai. 2012.

cidade, como a Pinacoteca, a Estação Luz, o Mercado da Cantareira, o MASP, o Estádio do Pacaembu, uma loja de decoração, um bar com música ao vivo, durante o dia, e outros durante a noite, como sala São Paulo, ponte estaiada Octávio Frias de Oliveira, Teatro do Ibirapuera, um restaurante sofisticado e uma casa noturna, onde a protagonista encerra a noite dançando²⁵.

Em outro vídeo da mesma campanha, o chef Alex Atala mostra sua criação inspirada em São Paulo e fala sobre a gastronomia de alta qualidade da cidade, destacando as suas referências e diversidade, tanto étnica, como nas criações que vão do *tostex* ao sushi diferente, imprimindo, segundo o próprio chef,

nossa cara na cultura que a gente recebeu [...] São Paulo resume o Brasil e o mundo em cozinha, é um mosaico cultural ‘elegantemente bagunçado’, que reflete a nova cara de todas as culturas aqui presentes [...] a alimentação, a gastronomia é quase a primeira diversão em São Paulo, as pessoas realmente marcam primeiro um restaurante para depois fazerem alguma coisa, o ato de comer é muito presente, se nós olharmos o mapa mundi, nenhum outro lugar tem condições de fazer novos aportes de sabor ou sensações gustativas. O Brasil é a última fronteira, e São Paulo resume isso. E aqui você vê tudo isso acontecer, restaurantes regionais, restaurantes refinados. Toda essa cultura tá representada dentro de São Paulo se funde em São Paulo.

“Viva o novo Theatro Municipal. Viva o agito das baladas. Viva a diversidade dos museus. Viva a beleza dos parques. Viva a paixão dos estádios. Viva grandes espetáculos. São Paulo. Viva tudo isso”. Essa é a descrição da própria Spturis dos vídeos “São Paulo Viva Tudo Isso”²⁶ e também da campanha *Unimaginable*, em que os lugares acima são todos apresentados durante a noite, e, nas fachadas do Teatro Municipal e Estádio do Pacaembu são projetadas imagens

²⁵ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BG8hrsE992E&feature=plcp>>. Acesso em: 17 mai. 2012.

²⁶ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=R7lpLIG9BIM&feature=plcp>>. Acesso em: 17 mai. 2012.

em movimento sobre as opções de entretenimento da vida noturna da cidade, como pessoas dançando em uma casa noturna.

O terceiro vídeo “São Paulo Viva Tudo Isso”²⁷ trata especificamente da vida noturna. As imagens e a narração do vídeo resumem a identidade da cidade:

São Paulo, mais que uma cidade, uma nova experiência a cada dia. Todos conhecem São Paulo como a cidade que amanhece trabalhando, mas quem trabalha tem todo direito de se divertir, e São Paulo é perfeita para isso, a vida noturna é uma das mais agitadas do Brasil, com opções de bares e baladas para todos os gostos, para quem quer relaxar ou para quem não quer saber de ficar parado.

A narração é substituída por depoimentos de frequentadores da noite: “tem muita coisa pra fazer, todo tipo de balada, todos os gostos, todas as raças”. Na sequência, a narração é sobre a gastronomia: “se você aprecia uma boa gastronomia, São Paulo é também um prato cheio, a rica culinária paulistana reúne sabores de todo mundo, dando um gostinho especial aos seus passeios. Essa é a São Paulo que espera sua visita. Venha para São Paulo e viva tudo isso”. O vídeo alterna imagens da noite com imagens que fazem referência ao trabalho, à velocidade e ao progresso. São Paulo é narrada como a cidade do trabalho, da velocidade, do progresso, e também por meio de seu novo elemento cultural identitário, da vida noturna.

Em sua política de promoção turística da cidade por meio do entretenimento noturno, a Spturis também produziu vídeos específicos para divulgar os espetáculos teatrais. Nos vídeos da campanha “Vem pra São Paulo, vem se divertir”²⁸, atores e atrizes de expressão nacional dão depoimentos a respeito das diversas opções culturais, como os grandes espetáculos, a riqueza e a diversidade

²⁷ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SSfBPm-AkjA&feature=plcp>>. Acesso em: 17 mai. 2012.

²⁸ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=U3yBSYh4hEE&feature=context-chv>>. Acesso em: 17 mai. 2012.

artística, musical e teatral que a capital oferece. Regina Duarte reforça: “São Paulo é diversão garantida. Gente do Brasil inteiro vem até aqui pra viver essa experiência.” Comprovando que em São Paulo a diversão é garantida, Fábio Assunção completa: “cada dia você pode assistir a uma peça diferente, viver uma história diferente, experimentar uma emoção diferente”. Enquanto imagens indicam o número de teatros e peças em cartaz na cidade, os atores completam: “São Paulo é o maior centro produtor de teatro da América Latina. Aqui você tem um encontro com a reflexão, com a alegria e com a emoção. Venha para a capital de todos os povos e de todas as culturas. Venha pra São Paulo”.

O cinema, a música e a literatura são outros textos que fornecem indícios sobre como é descrita e imaginada a cidade no tempo presente, compondo sua narrativa, contribuindo para a formação de sua identidade cultural. Neles a vida noturna da capital é cenário de enredos e base de trilhas sonoras que contam histórias, em que seus *habitués* inspiram personagens fictícias.

Um exemplo cinematográfico de como a noite paulistana está incorporada às narrativas da cidade é o seriado (telefilme) “Alice”, que contou com 13 episódios em 2008 e mais dois filmes de 90 minutos exibidos em 2010. Produzido pela Home Box Office (HBO) e Gullane Filmes, foi dirigido e roteirizado pelo baiano Sérgio Machado e pelo cearense Karim Aïnouz que, em entrevista à Folha de São Paulo²⁹, (anexo 15) justifica a escolha de diretores não paulistanos: “Quem mora em São Paulo há muito tempo pode acabar com o olhar neutralizado para algumas coisas pulsantes da cidade. Era bacana que fosse alguém de fora para haver um encantamento”. Aïnouz refere-se não apenas a ele e a Machado, mas a Alice, a protagonista do seriado, representada pela atriz mineira Andréia Horta, que levava

²⁹ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1508200707.htm>>. Acesso em: 22 mai. 2012.

uma vida pacata como guia turístico em Palmas, Tocantins, quando é obrigada a viajar para São Paulo, sua cidade natal, para resolver problemas decorrentes do processo de partilha da herança deixada pelo pai. A viagem seria breve, mas Alice se encanta com a cidade, particularmente com sua noite e decide ficar.

Grande parte do seriado é ambientado na noite da cidade que cumpre o papel de País das Maravilhas para a Alice paulistana. Os diretores escolheram como personagens os *habitués* da vida noturna, como punks, rappers, prostitutas, entre outros. Para Aïnouz, a história é um tipo de crônica, pois relata o dia a dia dos personagens típicos da noite da cidade de São Paulo. “Como eles trabalham, como acordam, como dormem, como é a vida cotidiana deles. E isso tudo se mistura às aventuras que se pode viver na noite de uma cidade como São Paulo”.

Alice transita por importantes cenários da cidade durante a noite, do Vale do Anhangabaú às calçadas da sofisticada rua Oscar Freire; das casas noturnas da rua Augusta à Mostra Internacional de Cinema, revelando os contrastes de São Paulo. Segundo Aïnouz, a noite de São Paulo é uma teia infinita de possibilidades, tanto de experiência humana, de arquitetura, quanto de geografia.

Queremos usar a noite da cidade como imagem e espelho do personagem [...] Temos que ir escolhendo algumas imagens da cidade, mas o problema é que não podemos escolher muitas. Então a noite parece resumir tudo. Temos que eleger cinco vistas de São Paulo que, quando você fecha o olho, você consiga identificá-la. Tóquio, por exemplo, eu não consigo fechar o olho e saber identificar a cidade imediatamente, como acontece com Nova York, Londres ou Paris. O desafio é, com poucas imagens, conseguir dar uma cara do que é São Paulo. Mas é bem difícil, bem difícil³⁰ (anexo 16).

Outro componente da narrativa da cidade é a música. Ela revela os elementos e as imagens que simbolizam e representam as experiências de seus

³⁰ Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/ultnot/2007/08/22/ult4244u299.jhtm>>. Acesso em: 22 mai. 2012.

habitantes, dando sentido à sua identidade. Um compositor em particular, Adoniram Barbosa, exemplifica, por meio de suas canções, a importância da vida noturna em São Paulo, nas décadas de 1950 e 1970, que se transformava física e culturalmente. No momento em que o trabalho, a velocidade e o progresso davam o tom na cidade, a vida noturna já

exercia certo fascínio sobre as pessoas; era uma maneira de fuga das mazelas, de experimentar prazeres, de fugir do cotidiano cansativo e monótono da cidade. A vida boêmia, a efervescência cultural nos bares e botequins de São Paulo, tentava diminuir o ritmo que a cidade impunha aos seus moradores (SANTOS e DENCKER, 2008, p.21).

A obra de Adoniram Barbosa é uma narrativa da cidade que percorre o cenário de várias épocas, relatando as mudanças dos hábitos e costumes, descrevendo rituais e tradições de seus habitantes, destacando os traços e as singularidades da identidade paulistana. Suas músicas ironizam o tão exaltado progresso, delatando as dificuldades dos que assistiam os símbolos da cidade ou apenas uma pobre, mas “Saudosa Maloca”, sendo destruídos sob a justificativa da necessidade de modernização:

Si o senhor não tá lembrado

Dá licença de contá

Que aqui onde agora está

Esse edifício arto

Era uma casa veia

Um palacete assobradado

Foi aqui seu moço

Que eu, Mato Grosso e o Joca

Construímo nossa maloca

Mais, um dia
 Nós nem pode se alembra
 Veio os homi c'as ferramentas
 O dono mandô derrubá
 Peguemo todas nossas coisa
 E fumos pro meio da rua apreciá a demolição
 Que tristeza que nós sentia
 Cada táuba que caía
 Duia no coração
 Mato Grosso quis gritá
 Mas em cima eu falei:
 Os homis tá cá razão
 Nós arranja outro lugar
 Só se conformemo quando o Joca falou:
 "Deus dá o frio conforme o cobertor"
 E hoje nós pega a paia nas grama do jardim
 E prá esquecê nós cantemos assim:
 Saudosa maloca, maloca querida,
 Dim dim donde nós passemos dias feliz de nossas vida [...]

Modernização que construía a cidade da velocidade, projetada para não parar, alertando para o desaparecimento da cidade pacata e o surgimento de uma cidade violenta e insegura (Santos e Dencker, 2008, p.24-5), como denuncia "Iracema":

Iracema, fartavam vinte dias pra o nosso casamento
 Que nós ia se casar

Você atravessou a São João
Veio um carro, te pega e te pincha no chão
Você foi para Assistência, Iracema
O chofer não teve culpa, Iracema
Paciência, Iracema, paciência
E hoje ela vive lá no céu
Ela vive bem juntinho de nosso Senhor
De lembranças guardo somente suas meias e seus sapatos
Iracema, eu perdi o seu retrato

O trabalho, que gerava o progresso, aparece em muitas de suas músicas como monótono e estafante, também foi satirizado. Em “Conselho de Mulher”, Deus parece concordar com o boêmio paulistano:

Quando Deus fez o homem,
Quis fazer um vagulino que nunca tinha fome
E que tinha no destino,
Nunca pegar no batente e viver forcadamente.
O homem era feliz enquanto Deus assim quis. [...]
Pogressio, pogressio.
Eu sempre iscuitei falar, que o pogressio vem do trabaio.
Então amanhã cedo, nós vai trabalhar.
Quanto tempo nós perdeu na boemia.
Sambando noite e dia, cortando uma rama sem parar.
Agora iscuitando o conselho das mulheres.
Amanhã vou trabalhar, se Deus quiser, mas Deus não quer! [...]

Sua crítica à cidade do trabalho, da velocidade e do progresso usou a ruptura possibilitada pela vida noturna, pelos hábitos dos boêmios, pela bebida, tema recorrente em suas letras – [...] Não me amole rapaz, não me amole / Não me amole, deixa de conversa mole / Agora não é hora de falar / Nós viemo aqui pra beber ou pra conversá? [...] – pela festa, pela roda de samba. As comemorações, os encontros, enfim, a sociabilidade engendrada na noite, como acontecia “No Morro da Casa Verde”, contrapõem-se as amarguras da vida dos trabalhadores:

Silêncio, é madrugada.

No morro da casa verde

A raça dorme em paz

E lá embaixo

Meus colegas de maloca

Quando começa a sambá não pára mais

Silêncio!

Valdir, vai buscar o tambor

Laércio, traz o agogô

Que o samba na casa verde enfezou!

Silêncio!

A literatura produzida em São Paulo também fornece indícios da transformação da identidade cultural da cidade. Como narrativa da cidade a literatura capta o imaginário de sua população, nela estão projetadas as fantasias, as emoções, os dramas que evidenciam a importância da vida noturna para sua identidade.

Em 2010, o jornalista paulistano Daniel Piza publicou o livro *Noites Urbanas*, com dez contos e dezoito minicontos, todos ambientados em São Paulo.

Para o autor, cidade “é uma cornucópia de histórias ainda por contar”³¹ (anexo 17), histórias da noite, e a noite é o vaso repleto de personagens, situações, dramas, paixões, conflitos que inspiram músicos, escritores, cineastas e todos os cronistas que narram o cotidiano na metrópole paulista.

Piza produziu um sutil mapeamento dos sentimentos dos paulistanos, expressando-os por meio de analogias que revelam a indiferença, a frustração, o desamor e os múltiplos dilemas das pessoas que ao mesmo tempo odeiam e amam, aflorando tensões que geram simultaneamente a intensidade criativa e conflito social, vitalidade e melancolia. Não se trata apenas da noite como referência e cenário, ou como fonte para a criação de personagens e histórias. O autor usa as paisagens noturnas da cidade como analogia para descrever os sentimentos de seus personagens, como se somente a noite tivesse o poder de sintetizar com precisão e profundidade o que sentem aqueles que vivem em São Paulo.

No conto “Educação pelo Outono” (p.9-22), que abre a obra, Piza sintetiza na história da garçonete Suzana (que “gosta e trabalhar à noite”) o raciocínio que utiliza para os personagens dos demais contos, ou seja, a cidade não é paisagem, suas paisagens são os sentimentos dos personagens. O autor sugere que a história seja lida “ouvindo as Gymnopédias, de Erik Satie”, três composições para piano, escritas em 1888, segundo Prendergast (2000, p.6), curtas e atmosféricas, tidas como precursoras do que hoje se denomina música ambiente, calmas e excêntricas, como Suzana que gosta de ler Flaubert, Maupassant e Balzac ao ritmo binário do metrô, “vlum! pausa, vlum!”, a caminho de Santa Cecília, onde trabalha no Bar Sarabanda, um daqueles “barzinhos sem luxo do centro” (PIZA, 2010, p.10).

³¹ Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/daniel-piza/convite-a-todos/>>. Acesso em: 28 mai. 2012.

No decadente bar, conheceu seus dois amores passageiros, Vital e Alfredo, seu Rino, o dono do bar e o pianista Maurício. Personagens como tantos outros boêmios da noite paulistana, retratados em tantas outras histórias da cidade dos 16 mil bares. E é nas ruas das Palmeiras que Piza faz uma analogia em que o clima e a cidade à noite não ambientam a história, mas expressam os sentimentos de Suzana, que ao final do expediente, em plena madrugada, diferente da maioria das pessoas, que acham o outono triste,

sentiu o friozinho do outono em seu rosto e se sentiu bem [...]. Era nessas madrugadas que percebia o que seu Rino dissera a respeito do glamour que a cidade tivera 30, 40 anos atrás. Sentou no ponto para esperar o ônibus das 3h, que nunca chegava pontualmente, abriu novamente o exemplar dos *Três Contos* de Flaubert e deixou o sereno roçar sua pele. Por um instante, tinha o coração simples, fácil de agradar (p. 14-5).

Em 8 de maio, registrou em seu diário a memória daquela noite que também é expressa por uma analogia: “Dia Comum [...] Boa caminhada de manhã, pisando nas flores caídas do jacarandá, como uma tapete roxo. Ainda havia orvalho no chão e nos carros.”

A vida noturna paulistana, com suas milhares de opção de entretenimento, está incorporada nas narrativas da cidade e nos hábitos e costumes dos paulistanos, promove São Paulo como destino turístico, gera trabalho, renda e riqueza, é enredo cinematográfico, inspira compositores e escritores, é mais um componente da identidade que no tempo presente não é mais apenas a cidade do trabalho, da velocidade e do progresso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exploratória, esta pesquisa procurou analisar o fenômeno, interpretar seus significados, ampliar ideias, elaborar hipóteses, proporcionar uma visão mais geral sobre a temática da investigação, contudo não eliminou as incertezas que estavam em sua origem e acabou por produzir mais questionamentos do que respostas. Incertezas e novos questionamentos são os resultados desta pesquisa.

O núcleo do problema é a identidade da cidade de São Paulo ou, mais precisamente, sua transformação: a identidade de São Paulo está em pleno processo de transformação, incluindo o entretenimento noturno como mais um elemento cultural identitário [...]? A primeira incerteza está na própria noção de identidade, que tradicionalmente construída de uma matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas, pela memória coletiva, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso, foi impactada pela globalização e sua sociedade em rede, caracterizada por uma cultura de virtualidade, baseada em meios de comunicação diversificados, integrados e cada vez mais universalizados (CASTELLS, 1999), que carregam em si o caráter da mudança (HAAL, 2006).

A globalização está reestruturando as sedimentações identitárias (CANCLINI, 2003), fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que historicamente proporcionaram bases estáveis para as identidades, o que para Hall (2006) resulta em uma “crise de identidade”, fazendo surgir formas inéditas de comunidades, definidas por

pertencimentos instáveis, a partir de associações efêmeras, originárias de continuas hibridações, contaminações criativas e encontros/desencontros entre culturas diversas (LIMENA, 2009).

As identificações continuamente deslocadas geram identidades dinâmicas e abertas, não fixas e não permanentes, caracterizadas por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, que devem ser entendidas como obras em construção, na medida que não podem mais ser pensadas a partir de regras estáveis, inviabilizando qualquer concepção de base essencialista, mesmo que tal base seja construída sobre um conjunto de traços de identidade.

Diante do exposto, como então responder ao problema proposto pela presente pesquisa se a identidade é instável, não fixa, não permanente e acima de tudo múltipla? O primeiro passo foi assumir tal multiplicidade, o que ocorre no próprio problema de pesquisa, que afirma estar a identidade de São Paulo em pleno processo de transformação, questionando se essa transformação está incluindo o entretenimento noturno como mais um elemento cultural identitário, portanto, não excluindo outros elementos culturais identitários. O próximo passo foi levantar as múltiplas identidades da cidade, tarefa complexa devido às suas constantes transformações.

Transformações que fazem São Paulo não possuir um marco referencial estável para a definição de sua identidade, seja ele qual for. Sua população é multicultural, formada por imigrantes das mais variadas origens, que trouxeram suas referências religiosas, gastronômicas, estéticas, folclóricas etc. Sua economia é diversificada. A cidade ao longo de sua história foi agregando atividades que a tornaram um nó de integração entre agricultura, comércio e serviços, por consequência, São Paulo é identificada como centro financeiro, industrial, cultura,

político, universitário, hospitalar. Sua arquitetura quase não possui vestígios de seu passado colonial ou imperial, seu processo de urbanização não permitiu a consolidação de marcos referenciais estáveis, condenando-a ser sempre nova. Sua identidade só pode ser apreendida e compreendida se considerada múltipla.

Mas como captar a multiplicidade de identidades da cidade diante da ausência de referenciais estáveis? A solução foi apresentada no problema de pesquisa, que questiona se o entretenimento noturno no tempo presente compõe sua narrativa identitária. Para Hall (2006), a narrativa identitária permite captar a identidade em toda sua multiplicidade. Ela pode ser apreendida na história, na literatura, na música, na cultura popular e em outras manifestações culturais que assumem o papel de indícios, permitindo captar como a cidade é imaginada, descrita e apresentada, revelando suas múltiplas identidades.

Na perspectiva histórica, particularmente na conjuntura da “segunda fundação”, que procurou sobrepor seu passado conflitivo e anárquico, diferenciar o ontem monótono e atrasado do hoje excitante e moderno, além de ressaltar as imagens consensuais, alguns elementos aparecem com muita força na narrativa da cidade. Velocidade, trabalho e progresso compuseram a narrativa identitária da cidade, relevando a matéria-prima da construção da identidade de São Paulo nesse período, transformando essas palavras em seus elementos essenciais. Mesmo a identidade sendo múltipla, fragmentada, pouco reconhecível e apreensível, sua imagem de locomotiva do Brasil, cidade que não para, capital do trabalho, ganhou relevo.

A análise da conjuntura histórica, a partir da “segunda fundação” da cidade revelou que desde a virada do século XIX para o XX, a vida noturna também passou a compor a narrativa identitária de São Paulo, aparecendo como tema e

cenário na literatura, ganhando colunas exclusivas nos jornais e revistas, atestando que ela vem em um longo processo sendo incorporada aos hábitos de seus habitantes. Tal processo não foi alterado e, ao longo das décadas seguintes, ganhou cada vez mais relevância na narrativa identitária da cidade.

Os indícios quantitativos para sustentar essas constatações são significativos. O número no tempo presente de restaurantes, bares, salas de cinemas, teatros e peças encenadas, além da quantidade de revistas, colunas e cadernos de jornais, *web sites*, apps para *smartphones*, programas de televisão etc são fortes indícios para comprovar que a fruição da vida noturna é parte dos hábitos dos paulistanos.

Ao mesmo tempo a vida noturna está presente nas obras de cineastas, compositores, escritores e na promoção turística da cidade, originando filmes, peças teatrais, personagens, músicas, obras literárias e programas governamentais de turismo, tornando-se mais um elemento da narrativa identitária de São Paulo, portanto de sua identidade.

São Paulo possui múltiplas e variadas identidades, uma delas é a da cidade da vida noturna que, em conjunto com as demais, estão sobrepostas, como camadas não cristalizadas, que são reveladas por meio da análise sua narrativa identitária.

As incertezas presentes (ou geradas) nesta pesquisa permitiram o vislumbre de novos questionamentos que irão fundamentar novas pesquisas, orientando a carreira acadêmica do autor desta tese. Esta pesquisa revelou que o entretenimento noturno e a vida noturna são temas muito relevantes para a compreensão complexa da cidade de São Paulo em suas diferentes dimensões,

com o alcance amplo e variado, revelando consequências econômicas, sociais, culturais e políticas. Contudo, os estudos sobre o tema estão apenas começando.

Ainda está por ser realizado um estudo que, na perspectiva da longa duração, faça uma história social da vida noturna paulistana. Inicialmente em sua fase de projeto, esta pesquisa propôs tal estudo, contudo a tarefa, ao longo do tempo, mostrou-se complexa demais para ser realizada neste momento em que o interesse é a identidade da cidade de São Paulo.

Outra demanda indicada por esta pesquisa é a de estudos relacionados aos impactos econômicos da vida noturna na cidade de São Paulo. Aqui sugeriu-se que a noite tem um peso significativo para a economia paulistana, contudo não foram apresentados dados consolidados por não existirem nem em órgãos públicos, como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou entidades privadas, como a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel).

Não há dados que indiquem qual a contribuição do setor de entretenimento noturno, considerando bares, restaurantes, casas noturnas, teatros, turistas etc, para o produto interno bruto da cidade. O mesmo pode-se dizer a respeito da força de trabalho do setor que, segundo dados relacionados apenas a bares e restaurantes, é um dos maiores empregadores da capital.

Apesar da reduzida disponibilidade de dados, alguns indícios contribuem para dimensionar, mesmo que indiretamente, a importância econômica do entretenimento para a cidade. Aqui foram apresentados os números relacionados aos investimentos de alguns empresários especializados na noite. Números que geram retornos milionários, como os do Grupo Clash que, apenas em uma de suas casas noturnas, faturou em um ano R\$ 3 milhões, outros 11 milhões em 2011, com eventos especiais em seus demais empreendimentos.

Porém, pouco se sabe além de dados apresentados em jornais e revistas, que foram a fonte para esta pesquisa. Quem são os empresários da noite paulistana? Quanto é investido no conjunto desse setor? Qual seu lucro?

O impacto econômico da noite, mesmo que ainda não dimensionado, se considerado para além da prestação do serviço final, ou seja, serviços que podem ser considerados satélites, tornam a cadeia de negócios vinculados ao entretenimento noturno extensa. Tal cadeia é extremamente diversificada, envolvendo, por exemplo, logística para entrega de produtos, como alimentos e bebidas; instituições de ensino ocupadas com a formação e treinamento de profissionais, como cozinheiros, *garçons*, *disc jockeys*, *barmans*, *sommeliers*, seguranças privadas etc; empresas de construção civil, decoração, comunicação, entre tantas outras.

A noite paulistana pode ainda fornecer informações para compreender o comportamento dos que vivem e frequentam a cidade. Não há pesquisas acadêmicas que tratem dos hábitos de lazer relacionados à noite. Fator que não impediu que esta tese afirmasse ser a fruição da vida noturna um componente dos hábitos de uma parcela crescente dos paulistanos. Os números relacionados aos gastos com a fruição da vida noturna são significativos e sustentam a afirmação acima. Pesquisa realizada em 2012 pela Datafolha e Revista São Paulo, analisada no item “a narrativa da cidade por meio dos indícios quantitativos da vida noturna”, aponta que o gasto médio de um paulistano por noite na cidade chegava a R\$ 109,70, em 2010, já o faturamento de restaurantes, bares e casas noturnas subiu 15% só nos últimos dois anos.

Mesma importância tem o gasto de turistas na noite da cidade. Pode-se ter uma boa medida do fenômeno a partir da informação que em 2011 o turista

doméstico gastou por dia cerca R\$ 405,00, e internacional R\$ 414,00³². Números que fazem a política de promoção turística da cidade, capitaneada pela Spturis, ter na possibilidade de fruição do entretenimento noturno da cidade um de seus pilares, como comprova o programa “Fique mais um dia”.

Segundo dados do Observatório do Turismo da Cidade de São Paulo, também da Spturis, 12,5% dos turista que visitam a cidade têm como motivação principal a fruição do entretenimento. Tal número cresceu só nos últimos dois anos cerca de 40%, sendo que dos que têm por motivação principal negócios, 30% decidem ficar mais um dia, interessados em aproveitar as opções de entretenimento oferecidas pela cidade.

A vida noturna tem implicações ainda mais diversificadas, que podem engendrar novos estudos, limitados apenas pela criatividade e imaginação do pesquisador ou, como afirmou Mills (1965), pela imaginação sociológica. Esta pesquisa abordou algumas dessas implicações, como impacto dos equipamentos de entretenimento noturno na valorização e revitalização de áreas da cidade ou mesmo a produção de legislação que, respondendo ao crescimento da oferta de entretenimento noturno, tenta por meio de leis como a do Psiu, regular seu funcionamento, demonstrando a relevância da vida noturna para São Paulo.

Porém, outros temas surgiram durante a realização desta pesquisa que, apesar de interessantes, estavam fora da delimitação desta tese. Temas que revelam como a vida noturna pode ser o desencadeador de movimentos políticos, como a luta por direitos civis de homossexuais, cuja gênese está na noite paulistana (FERRARI, 2004), ou de movimentos culturais relacionados à música, artes plásticas, cinema, teatro, gastronomia, moda, comportamento, ou mesmo

³² Disponível em:<

http://www.cidadedesapaulo.com/sp/images/stories/observatorio/boletim_observatorio_turismo_2011_1.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2012.

implicações na vida de cada um de nós, na medida em que a noite também é momento de encontros, negócios, amizades e paixões. Nela também, como não poderia deixar de ser, manifestam-se os problemas que afligem a cidade, como o consumo de drogas e a violência causada pela devastadora combinação álcool e direção.

Parece então impossível não considerar a importância econômica, social, cultural e política da vida noturna e do entretenimento noturno para o entendimento complexo da cidade. Os indícios aqui apresentados apontam que a fruição da noite é cada vez mais significativa no cotidiano da cidade e de uma parcela considerável de sua população, com uma história a ser contada, transformando-se em setor importante de sua economia e, principalmente como procurou comprovar esta pesquisa, em uma referência capaz, no tempo presente, de ser mais um elemento cultural identitário da cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. **Palavras e Sinais**: modelos críticos. Petrópolis , RJ : Vozes, 1995.
- ALVES-MAZZOTTI, A.J. e GEWANDSZNAJDER, F. **O método das ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2.ed. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2004.
- AMARAL, E. **A grande cidade**. São Paulo:José Olympio Editora, 1950.
- AMERICANO, J. **São Paulo nesse tempo – 1915-1935**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BERNHARDT, E.M.B.. Gentrificação e Revitalização: perspectivas teóricas e seus papéis na construção de espaços urbanos contemporâneos. In. **Revista Urbanidades**, Universidade de Brasília, nº 5. Disponível em:<http://www.urbanidades.unb.br/05/artigos_05.html>. Acesso em: 29 mai. 2012.
- BOTELHO, I.; FIORE, M. O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo. **Centro de Estudos da Metrópole – CEM /CEBRAP**, São Paulo, 2005.
- BRUNO, E.S. **História e tradições da cidade de São Paulo**. Hucitec/Secretaria Municipal de Cultura, 1984.
- CAMARGO, L.O.L. **O que é lazer**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- CAMPOS, A.L.A. Do “burgo de estudantes” à cidade dos barões do café. In: PORTA, P. (org.). **História da cidade de São Paulo**: a cidade no Império 1823-1889. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v.2, p. 16-20.

- CAMPOS, C.M. **Os rumos da cidade**: Urbanização e modernização em São Paulo. São Paulo: Editora SENAC, 2002.
- CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4.ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- _____. **Consumidores e cidadãos**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CASTRO, C.M. **A prática da pesquisa**. São Paulo, McGraw-Hill, 1978.
- CERVO, A.L. & BERVIAN, P.A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sócias**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CRUZ, M.T. A estética da recepção e a crítica da razão impura. **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n.3, p.57-67, jun, 1986.
- D’ALESSIO, P. **São Paulo cidade espetáculo**: metrópole da diversidade brasileira. São Paulo: Editora Dialetto, 2008.
- DESCARTES, R. Discurso do método. In: **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FAGUNDES, R.D. É o fim. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 mai. 2012. Caderno Divirta-se. Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br/divirta-se/e-o-fim/>>.
- Acesso em: 29 mai. 2012.
- FEBVRE, L. In. Enciclopédia Einaudi. Volume 1. **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1997.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, vol. 1, abr. de 2004.

FIGUEIREDO, A.C. de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica, 1913. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/51527367/Novo-Diccionario-da-Lingua-Portuguesa-Candido-de-Figueiredo-1913>>. Acesso em: 08 mar. 2012.

FLOREAL, S. **Ronda da meia-noite**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Revista São Paulo**. São Paulo, 15 abr. 2012.

FORJAZ, M.C.S. Lazer e consumo cultural das elites. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 6, vol. 3, fev. de 1988.

FORSYTH, F. **O fantasma de Manhattan**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FREIRE, L.O. **Grande e novíssimo dicionário brasileiro da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: s.c.p., 1938. 5 v.

FRIEDMANN, G. **O trabalho em migalhas**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GABLER, N. **Vida, o filme**: como o entretenimento conquistou a realidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GALVÃO, M.R.E. **Crônicas do cinema paulistano**. São Paulo: Ática, 1975.

GLEZER, R. Visões de São Paulo. In: BRESCIANI, S. (org.) **Imagens da cidade**: séculos XIX e XX. São Paulo: ANPHU/São Paulo-Marco Zero-Fapesp, 1993. p. 163-175.

GIDDENS, A. **Modernidade e Indetidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIOVANELLI, C. Nascimento e morte de uma balada. **Revista Veja São Paulo**, São Paulo, 10 ago. 2011. Disponível em:< <http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2229/nascimento-morte-de-uma-balada>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

GIOVANELLI, C e BATISTA, J. Facundo Guerra, o novo reizinho da noite. **Revista Veja São Paulo**, São Paulo, 13 jul. 2011. Disponível em:< <http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2225/facundo-guerra-perfil>>. Acesso em: 13 jul. 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HUME, D. Investigação acerca do entendimento humano In: **Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

IBGE. **Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003**. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009/POFpublicacao.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2011.

LE GOFF, J. **A história e memória**. 5.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LIMENA, M.M.C. Cidades globais, cidades virtuais: a construção da identidade-lugar em tempos de incerteza. In: BORELLI, S. H. S.; FREITAS, R. F. (org.).

Comunicação, narrativas e culturas urbanas. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: UERJ, 2009. p. 63-77.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**. Lisboa: Edições 70, 1993.

LOMBARDI, M. Jovens deixam carreira em grandes empresas para investir em entretenimento. **Universo On Line**, São Paulo, 21 set. 2012. UOL Economia.

Disponível em:< <http://economia.uol.com.br/ultimas->

noticias/redacao/2011/09/21/jovens-deixam-carreira-em-grandes-empresas-para-investir-em-entretenimento.jhtm>. Acesso em: 21 set. 2012.

LOVE, J. **A locomotiva**: São Paulo na federação brasileira, 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MAGALDI, S. e VARGAS, M.T. **Cem anos de teatro em São Paulo (1875-1974)**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MAIA, A.C. Diversidade cultural, identidade nacional brasileira e os seus desafios contemporâneos. In: VIEIRA, L. **Identidade e globalização**: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 87-118.

MIRANDA, J.M. Ciclos de produção e cadeias produtivas na cultura. In: PRESTES FILHO, L.C.; CAVALCANTI, M.C. **Economia da cultura**: a força da indústria cultural no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: E-papers, 2002.

NEVES, J.L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. In. **Caderno de pesquisas em administração**, vol. 1, no. 3, 2º sem, 1996, p.1-5.

NEWTON, I. Princípios matemáticos. In: **Os pensadores**. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MAANEN, J.V.. Reclaiming qualitative methods for organizational research. In. **Administrative Science Quarterly**, vol. 24, no. 4, Dec 1979, p.520-526.

MAGNANI, J.G.C. **Festa no Pedão**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

MANNING, P.K. Metaphors of the Field: varieties of organizational discourse. In. **Administrative Science Quarterly**, vol. 24, no. 4, Dec 1979, p. 660-671.

MARCELLINO, N.C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

MARQUES, C. **Tempos passados**. São Paulo: Moema Editora, 1942.

MEDINA, C. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MILLS, C.W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965

MORAES, E.J. **A brasilidade modernista**: sua dimensão filosófica. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MORAES SILVA, A.M. **Diccionario de Lingua Portuguesa**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <
http://books.google.com.br/books?id=hXr_KN0PfCcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 08 mar. 2012.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

QUEIROZ, M.I.P. de. Ufanismo paulista. **Revista USP**, São Paulo: Universidade de São Paulo, n.13, p.78-87, 1998.

PADILHA, V. **Tempo livre e capitalismo**: um par imperfeito. Campinas: Editora Alínea, 2000.

PARKER, S. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PINTO, A.M. **Cidade de São Paulo em 1990**. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

PINTO, Z.A. (org.) **História e personagens**: Cadernos Paulistas. São Paulo: Imprensa Oficial, Editora SENAC, 1992.

PIZA, D. **Noites Urbanas**: contos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

PRENDERGAST, M. **The Ambient Century**: From Mahler to Moby - The Evolution of Sound in the Electronic Age. Londres: Bloomsbury, 2000.

RAGO, M. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1990-1950. In: PORTA, P. (org.) **História da cidade de São Paulo**: a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v.3, p.387-435.

REQUIXA, R. **As Dimensões do Lazer**. São Paulo: SESI, 1973.

RODRIGUES, L. Overnight. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 abr. 2012. Revista São Paulo, p. 35.

ROJEK, C. Commodification, globalization and leisure: how harmful leisure forms are repositioned in the global marketplace. In: JACKSON, E.L. (Ed.) **Leisure and the quality of life: impacts on social, economic and cultural development?** Hangzhou Consensus. Hangzhou, CHI: Zhejiang University Press, 2006. p. 138-145.

RUDIS, F.V. **Introdução ao projeto da pesquisa científica**. Petrópolis, Vozes, 1978.

SALIBA, E.T. Histórias, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana. In: PORTA, P. (org.) **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v.3, p. 555-587.

_____. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira**. Da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

SAMPIERI, R.H.; COLLADO, C.F.; LUCIO, P.B. **Metodología de la investigación**. México: McGraw-Hill, 1991.

SANTOS, L.O.S. e DENCKER, A.F.M. São Paulo dá samba: visão da hospitalidade por meio do olhar de Adoniran Barbosa. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano V, n. 1, p. 13-30, jun. 2008.

SANTOS, V. e CANDEROLO, R.J. **Trabalhos acadêmicos: uma orientação para pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre: AGE, 2006.;

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Rio de Janeiro y San Pablo: desarrollo social y cultural comparativo, 1900-1930. In: HARDOY, J. e MORSE, R. (org.) **Nuevas perspectivas em los estudios**

sobre historia urbana latinoamericana. Buenos Aires: Instituto Internacional de Medio Ambiente y Desarrollo, 1989, 149-157.

SCHMIDT, A. **São Paulo de meus amores.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TASCHNER, G.B. Lazer, Cultura e Consumo. **Revista de Administração de Empresas (RAE).** São Paulo, vol.40, n.4, Out./Dez. 2000.

_____. Lazer operário e consumo cultural na São Paulo dos anos 80. **Revista de Administração de Empresas (RAE),** São Paulo, vol. 31, n. 3, Jul./Set. 1991.

TOLEDO, R.P. **A capital da solidão:** uma história das origens de São Paulo a 1900. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

TRIGO, L.G.G. **Entretenimento:** uma crítica aberta. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

UVINHA, R.R. Formação profissional em turismo e suas interfaces com o lazer. In: ISAYAMA, H. (Org.) **Lazer em estudo:** currículo e formação profissional. Campinas, SP: Papirus, 2010. p.163-184.

VEAL, A.J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo.** São Paulo: Aleph, 2011.

VIEIRA, L. Morrer pela pátria? Notas sobre a identidade nacional e globalização. In: VIEIRA, L. **Identidade e globalização:** impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 61-86.

VIEIRA, M.P.A. et al. **A pesquisa em História.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

WERNECK, C. **Lazer, trabalho e educação:** relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Ed. UFMG; CELAR-DEF/UFMG, 2000.

WOLF, M.J. **The entertainment:** How mega-midia forces are transforming our lives. New York: Three Rivers Press, 1999.

Anexos

Anexo 1

11/03/2012 - 07h00

Verticalização em Perdizes se intensifica e reforça lado boêmio

CARLOS ARTHUR FRANÇA
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A gerente executiva Andreia Rebelo, 29, queria um apartamento com acesso fácil ao trabalho e próximo a restaurantes e bares. Optou por um dois-quartos na Pompeia, distrito de Perdizes.

A região a oeste da avenida Sumaré recebeu 31 dos 39 novos lançamentos entre 2008 e 2012, segundo a consultoria Geoimovel.

Casas estão sendo substituídas por edifícios -2.035 novas unidades no período.

Ênio Cesar - 6.mar.12/Folhapress



A gerente executiva Andréia Rebelo, 29, comprou um apartamento em Perdizes por conta da facilidade de acesso

Mantida a média do distrito (2,5 pessoas por domicílio), serão cerca de 5.000 novos habitantes.

"Isso traz mais bares e restaurantes, o que está transformando a região em área boêmia", diz Lisa Carrilho, diretora da imobiliária Zimmermann.

R\$ 8.734

É o valor médio do m² atualizado pelo INCC (Índice Nacional de Custos da Construção), que saltou 26% em três anos

R\$ 609 mil

Foi o preço médio do apartamento de três quartos em 2011, segundo dados da Geoimovel

R\$ 529 mil

É o valor médio de um apartamento de dois dormitórios na região

48,3%

Das novas unidades vendidas na região têm duas ou mais vagas na garagem

4.026

Novos veículos devem circular no distrito, se contarmos todas as vagas na garagem das unidades à venda desde 2008

Endereço da página:

<http://classificados.folha.com.br/imoveis/1059891-verticalizacao-em-perdizes-se-intensifica-e-reforca-lado-boemio.shtml>

Copyright Folha.com. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha.com.

Anexo 2

Ministério da Cultura



PETROBRAS

apresentam

35ª MOSTRA

INTERNACIONAL DE CINEMA

SÃO PAULO INTERNATIONAL FILM FESTIVAL

21.OUT
03.NOV
2011

english version

buscar palavra-chave...

FILMES DIRETORES JORNAL DA MOSTRA SALA DE IMPRENSA SERVIÇOS TV DVD LIVROS PARCEIROS ARQUIVO

Home > Sobre a Mostra



SOBRE A MOSTRA

Primeiro grande festival de cinema internacional do Brasil, a Mostra Internacional de Cinema foi criada em 1977 pelo crítico Leon Cakoff. Sempre lutando contra a censura do regime militar aos filmes da programação, no início a Mostra era o único lugar do país onde se podia exercer o direito de voto – o Prêmio do Público foi instituído desde a primeira edição.

Em 35 anos, a Mostra cresceu ano a ano o número de títulos exibidos e trouxe a São Paulo cineastas como Manoel de Oliveira, Abbas Kiarostami, Amos Gitai, Wim Wenders, Jafar Panahi, Pedro Almodóvar, Quentin Tarantino, Maria de Medeiros, Atom Egoyan e Tsai Ming-Liang, entre muitos outros.

Em 2011, a Mostra realizou sua 35ª edição com mais de 300 filmes, a exibição ao ar livre do clássico "Amarcord" de Federico Fellini no Parque Ibirapuera, a exibição de clássicos restaurados como "Laranja Mecânica" e "Taxi Driver"; retrospectivas de Elia Kazan, do georgiano Sergei Paradjanov e do russo Aleksei German; e a distribuição dos Prêmios do Júri, da Crítica e do Público.

Para o seu Prêmio do Júri, cujo troféu Bandeira Paulista foi desenhado pela artista nipo-brasileira Tornie Ohtake, a Mostra possui um critério único no mundo, conjugando a opinião do público e do júri do festival. Concorrem ao Prêmio do Júri os filmes da Competição Novos Diretores, com obras inéditas no Brasil cujos diretores estejam em seu primeiro ou segundo longa-metragem – em 2011, a Competição reuniu 77 filmes. Os dez filmes mais bem votados pelo público na primeira semana são avaliados pelo Júri Internacional na segunda semana do festival, e o Júri define um vencedor. Na 35ª Mostra, o vencedor do Prêmio do Júri de melhor filme foi o austríaco "Respirar", de Karl Markovics.

A 36ª Mostra se realizará de 19 de outubro a 1º de novembro de 2012.



Patrocinio



PETROBRAS

Copatrocinio



Apoio Institucional



Apoio

FAAP



SESC
sescsp.org.br

Apoio Cultural



Projeto realizado em parceria com o Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo - Programa de Apoio Cultural de 2011

apoio gráfico



imprensa oficial
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Colaboração

COSACNAIFY



RENAISSANCE

MIS

Promoção



Realização



Ministério da Cultura



Anexo 3

Novos bares transformam a Vila Madalena em São Paulo

Leva de bares e restaurantes recém-chegados está mudando o bairro boêmio da zona oeste
29 de janeiro de 2011 | 10h 00

Saulo Yassuda - O Estado de S. Paulo

Madalena não é mais a mesma. Conhecida pelos bares em que o chope e a cerveja são as atrações principais, a região boêmia sempre esteve aberta a novidades. Mas sua última leva de inaugurações, que começou em outubro e deve continuar pelos próximos meses, aponta para uma possível mudança de perfil. Ou de perfis: Madalena está passando por um momento de múltiplas personalidades.



Felipe Rau/AE

Tradicional chope divide espaço com outras possibilidades

Em vez de esfriar, sua cena boêmia está cada vez mais variada. A gastronomia, por sua vez, vem ganhando mais endosso. As opções de compras - especialmente as lojas que convidam a 'programas de mulherzinha' -

seguem se multiplicando. E novas torres comerciais chamam a atenção pela área.

Para mapear esses lançamentos, montamos um gráfico que mede o 'grau de novidade' de cada um deles.

A alta se dá em locais de perfil inédito na região. Nos pontos intermediários, estão aqueles que inovam sem perder o jeito despojado da Vila. E ocupam a região mais baixa os que seguem a receita de sucesso do bairro.

Nosso 'novidadômetro' não determina a qualidade dos estabelecimentos - afinal, só selecionamos os destaques dessa nova safra. É apenas um termômetro de inovação para ajudá-lo a conhecer essas casas tão diversas.

Dependendo de sua disposição, você escolhe a aventura do dia. Ou volta à sua mesa de sempre, no boteco de sempre, se toda essa novidade cansar.

Questão de escala

O gráfico abaixo é um 'novidadômetro'. Ele mostra o grau de ineditismo dos estabelecimentos recém-abertos na Vila, em relação aos antigos - em ordem cronológica de inauguração (clique na imagem para aumentar).

Anexo 4

SÃO PAULO TURISMO

+eventos+cultura+negócios

LEIA MAIS

- ▶ Museu Virtual
- ▶ Lançamento de Projetos
- ▶ Tour 360°
- ▶ Roteiros Temáticos
- ▶ Guia São paulo Ponto a Ponto
- ▶ Realidade Virtual
- ▶ Projetos Inéditos
- ▶ Virada Esportiva

Anteriores >

NOTÍCIAS

Atualizado em: 20/04/2012

Curtir 1 Tweet 0

Observatório do Turismo

Núcleo de pesquisas estudará o perfil do visitante na Virada Cultural

O Observatório do Turismo, núcleo de estudos e pesquisas da São Paulo Turismo (SPTuris, empresa municipal de turismo e eventos), fará a pesquisa para determinar o perfil do público durante a Virada Cultural 2012, que acontecerá nos dias 5 e 6 de maio. Em 2011 o evento atraiu milhões de pessoas, sendo mais de 300 mil não moradores da cidade. De acordo com o levantamento realizado no ano passado, esses visitantes movimentaram cerca de R\$ 158 milhões.

Serão dezenas de pesquisadores uniformizados e espalhados estrategicamente em vários pontos da Virada. Eles irão aplicar um questionário completo a milhares de participantes e, além de dados socioeconômicos, levantarão opiniões sobre a cidade e o evento. O resultado será uma grande avaliação do que é mais positivo e do que há para melhorar.

Para o presidente da SPTuris, Marcelo Rehder, a Virada Cultural é um dos mais importantes eventos do país e é parte indissociável da marca São Paulo: "No Brasil, já somos a capital da cultura, referência em diversidade e criatividade e a Virada ajudou a consolidar essa imagem", diz. Para Rehder, esse é um dos maiores valores deste grande evento. "A Virada leva as pessoas às ruas para simplesmente aproveitar a cultura e a cidade, ganhando seus espaços e mostrando ao Brasil e ao mundo o talento, a arte e o potencial criativo paulistano", comemora.

Pesquisa de 2011

Durante a edição 2011 da Virada Cultural foi realizada uma pesquisa para identificar o perfil socioeconômico do público presente e também obter uma avaliação geral da cidade e do megaevento. Coordenada pela equipe do Observatório de Turismo da SPTuris, a pesquisa aplicou 2.042 questionários e mostrou que 9,7% do público é formado por pessoas de fora da cidade, sendo 99,4% desses visitantes de outros estados brasileiros, principalmente do Rio de Janeiro, Santa Catarina, Minas Gerais e Bahia, e também do interior do estado de São Paulo (de cidades como Campinas, Limeira, Jundiaí, Sorocaba e Bragança Paulista). Eles ficam na cidade cerca de três dias e gastam, em média, R\$ 1.088,00.

A pesquisa ainda apontou os seguintes aspectos do público:

- 51,7% são de homens;
- 28,7% têm renda mensal entre 1 e 3 salários mínimos;
- 43,8% são assalariados;
- 44,7% têm idade entre 18 a 24 anos e 23,5% entre 25 a 29 anos;
- 39,3% têm ensino médio completo e 5,1% são pós-graduados;
- 52,3% mostraram interesse em ficar mais tempo na cidade, sendo 51,9% destes com intuito de desfrutar de atividades de lazer;
- entre as atividades de lazer mais procuradas, 54,5% são voltadas à vida noturna.

Entre os itens mais bem avaliados, ganharam nota máxima: Gastronomia, por 50,5% dos entrevistados, seguido por Compras, por 46,6% dos entrevistados, e Cultura e Entretenimento, por 37,1%.

Preferências

Milhões de pessoas passaram pelos 13 palcos e sete pistas distribuídos pelo Centro, em especial na Praça da República, no Largo do Arouche, na Estação Júlio Prestes, além das unidades do Sesc e dos CEUs em toda cidade, prestigiando as mais de mil apresentações gratuitas e uma grandiosidade de atrações de gêneros diversos, entre eles, MPB, rock, comédia stand-up, samba, música eletrônica, cinema, espetáculos de dança, balé e orquestras diversas.

O estilo eletrônico é a preferência do público com idade entre 18 e 24 anos: 25,3% disseram preferir este estilo a MPB, rap, hip hop, rock n' roll, reggae, latina, forró ou outros. Já as demais faixas etárias – de 25 a 60 anos – afirmaram preferir MPB.

Redes Sociais

A última edição teve grande destaque, também, nas mídias sociais. De acordo com a pesquisa, foram 97.749 menções ao evento entre os dias 11 e 18 de abril, sendo 78,3% do total via Twitter. A repercussão desses posts atingiu 90,5 milhões de usuários da rede.



Selecione o idioma

Powered by Google Google Tradutor



@TURISMOSAOPAULO

@TurismoSaoPaulo: RT
@anhembiparque: Ordem do
#Carnaval Paulistano 2013 já está
definida. Veja quando sua escola de samba
vai desfilar: <http://t.co/9Pj5bZCz>

@TurismoSaoPaulo: Não perca a
estreia da peça Valsa nº6, #gratuita, de
Nelson Rodrigues, no Teatro Dócio
Almeida Prado, dia 3/8. <http://bit.ly/MlWqa0>

@TurismoSaoPaulo: Contos da coluna
A Vida Como Ela É... vão aos palcos
na peça Rodriguianas, Tragédias para
Rir, no CCBB! <http://t.co/pwxrZAs1>

Veja mais

Anexo 5

Uma São Paulo à sua disposição

São Paulo é o destino de 11 milhões de visitantes por ano, sendo que mais de 60% vêm a negócios. É fácil entender por que a cidade atrai tanta gente. Centro econômico da América Latina, tem o 10º maior PIB do mundo, segundo a Price-waterhouseCoopers, e ocupa o 12º lugar em eventos internacionais, segundo a ICCA. Aqui estão as sedes das maiores empresas brasileiras e multinacionais que residem no país. É aqui também que acontecem 90 mil eventos ao ano – um a cada 6 minutos – e 75% de todas as feiras, congressos e convenções do Brasil.

Mas o melhor de tudo isso é que São Paulo não vive apenas de negócios. Sua vocação maior é a cultura. A exemplo de metrópoles como Nova York e Londres, a capital paulista é um grande centro de entretenimento – o que também funciona como incentivo para homens e mulheres de negócios que vêm de todas as partes do mundo para cá.

São Paulo tem todas as facilidades que você encontra nas capitais europeias: os melhores restaurantes, hotéis, cinemas, teatros, museus e centros de compras. Além disso, a capital paulista atrai os turistas com o seu jeito bem brasileiro – aqui estão reunidos todos os elementos da rica cultura do país. Por isso, ao chegar à cidade para fechar um negócio, fazer uma reunião ou participar de um evento, fique ao menos mais uma dia e desfrute de todo esse universo de lazer. São Paulo está à sua disposição: aproveite.

Gilberto Kassab
Prefeito de São Paulo

Caio Luiz de Carvalho
Presidente da SPTuris



Anexo 6

Secretaria Municipal de Coordenação das Subprefeituras

[Início](#) - [Secretarias](#) - [Subprefeituras](#) / [Zeladoria](#) / [Psiu](#)


**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**
COORDENAÇÃO DAS
SUBPREFEITURAS

ORGANIZAÇÃO

[Quem é quem](#)
[Estrutura](#)

SUBPREFEITURAS

[Subprefeitos](#)
[Dados](#)
[Mapa](#)

ZELANDO PELA CIDADE

TERMO DE COOPERAÇÃO

[PSIU](#)

PRAÇA DE ATENDIMENTO

CALÇADAS

SP MAIS FÁCIL

CADAN

CATA-BAGULHO

CIDADE LIMPA

PESQUISA ON-LINE

[Licitações](#)
[Contratos](#)
[Procedimentos Padronizados](#)
[Atas de RP](#)

QUALIDADE NA GESTÃO

ABASTECIMENTO

[Mercados e Sacolões](#)
[Feiras livres](#)
[Banco de alimentos](#)

FUNÇÃO SOCIAL

BOLETINS

NOTÍCIAS

Endereço

Rua Líbero Badaró, 425
Telefone: (11) 3101-5050

SAC

Faça sua solicitação

SECRETARIAS

SUBPREFEITURAS

OUTROS ÓRGÃOS

PSIU no combate à poluição sonora

O Programa de Silêncio Urbano (PSIU) da Prefeitura de São Paulo, ao combater a poluição sonora na cidade de São Paulo, tem a missão de tornar mais pacífica a convivência entre esses locais e os moradores da vizinhança. Mas não é em todos os casos que o órgão pode atuar. De acordo com a legislação, o PSIU está autorizado a fiscalizar apenas locais confinados, como bares, boates, restaurantes, salões de festas, templos religiosos, indústrias e até mesmo obras. Porém, a lei não permite que vistorie festas em casas, apartamentos e condomínios, por exemplo.

O órgão trabalha com base em duas leis: a da 1 hora e a do ruído. A primeira determina que, para funcionarem após à 1 hora da manhã, os bares e restaurantes devem ter isolamento acústico, estacionamento e segurança. Antes desse horário, a Lei do Ruído controla a quantidade de decibéis emitidos pelos estabelecimentos, a qualquer hora do dia ou da noite.

Como funcionam as vistorias

Na primeira vez em que o local é alvo de denúncia, o responsável pelo estabelecimento é comunicado sobre o incômodo que vem causando e orientado a solucionar os problemas. Se o problema persistir, a equipe de fiscalização é acionada, vai ao local e faz a vistoria.

Ao contrário do que pode se supor, não é possível fazer as vistorias no momento em que as denúncias são feitas. Isso porque elas são montadas com antecedência, pois podem precisar da participação de outros órgãos, como as Polícias Militar e Civil, Guarda Civil Metropolitana, Contru, Vigilância Sanitária e CET. Além disso, a programação é montada para que em um dia sejam feitas várias visitas em uma mesma região.

Não é raro, porém, que o som dos carros nas ruas e de pedestres conversando seja mais alto do que o emitido pelo estabelecimento vistoriado. Estas interferências são chamadas de "ruído de fundo". Quando isso acontece, pode ser necessário fazer uma nova vistoria, em outro dia.

Outro fato que acontece com alguma frequência é uma medição apontar que o estabelecimento vistoriado está com o ruído abaixo do permitido, mas o denunciante continuar reclamando do ruído. Neste caso, o som pode estar vazando por alguma porta ou janela lateral ou de fundo. Para resolver problemas assim, o PSIU entra em contato com o denunciante e pede autorização para realizar a medição da casa do denunciante.

Zoneamento define limites

Os limites de ruído são definidos pela Lei de Zoneamento. Nas zonas residenciais, é de 50 decibéis, entre 7 e 22 horas. Das 22 às 7 horas, cai para 45 decibéis. Nas zonas mistas, das 7 às 22 horas fica entre 55 e 65 decibéis (dependendo da região). Das 22 às 7 horas, varia entre 45 e 55 decibéis. Nas zonas industriais, entre 7 e 22 horas fica entre 65 e 70 decibéis; Das 22 às 7 horas, entre 55 e 60.

O estabelecimento que descumpra a Lei da 1 hora está sujeito à multa de R\$ 30.606,00 mil. Se desobedecer novamente a lei, é lacrado na hora. Já para a desobediência à Lei do Ruído, a primeira multa pode variar de 300, 150, 100 a 50 UFMs.

Os números mostram o quanto tem sido intenso o trabalho do PSIU. De 2005 até o início do ano de 2010, foram realizados 143.335 atendimentos, aplicadas 1.956 multas por desrespeito à Lei da 1 hora e outras 1.046 por excesso de ruído. Além disso, 495 locais foram fechados.

Como denunciar

As denúncias podem ser feitas pelo telefone **156**, pelo **SAC** ou nas subprefeituras. Para que a ação tenha mais eficiência, é importante que a pessoa informe o endereço completo do estabelecimento que esta provocando incômodo, o horário de maior incidência de barulho e o tipo de atividade que ele exerce. O denunciante também deve identificar-se com nome completo, endereço e telefone. Os dados pessoais são guardados sob sigilo e não são divulgados.

Ranking subs que mais recebem reclamações – jan de 2009 a jan de 2010

1. Sé - 3721
2. Pinheiros - 3129
3. Vila Mariana - 1777
4. Mooca - 1681
5. Lapa - 1638

Números – fiscalização geral 2005 – Fev/2010

Ano	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Reclamações Recebidas	30.495	32.272	37.114	42.075	33.673	29.046	27.985
Atendimentos Realizados	14.388	23.351	28.764	33.884	35.511	32.114	31.688

Notificação p/ Bares aberto após 1h - Lei 12.879	975	739	21(*)	0	0	0	0
Comunicados				11.889	14.116	11.920	11.685
Multa e Lacração p/ bares abertos após 1h - Lei 12.879	158	127	412	254	885	603	661
Multas de Ruído	213	74	221	224	270	155	117
Fechamento Administrativo / Policial	66	88	109	48	138	186	207
Multas Aplicadas em milhões (aprox)	R\$ 8,2	R\$ 7,8	R\$15,5	R\$ 12	R\$ 28	R\$ 21	R\$23,6

* A partir de 20/06/07 adotada a medida administrativa de não mais notificar, apenas comunicar via correio – com o mesmo efeito da notificação (Portaria nº 025/SMSP/SEC/2007)

Anexo 7

31 de Julho de 2012

O que você quer fazer agora?

CATEGORIAS

BAIRROS

LOG IN CADASTRE-SE

Incluir evento Incluir local Diga o que nos falta

É o fim




por Renan Dissenha Fagundes

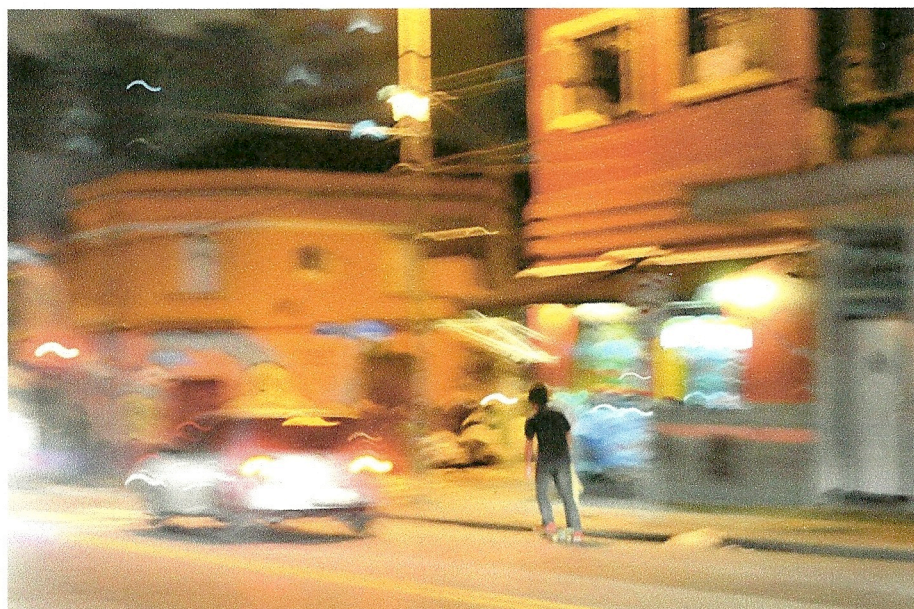
Superlotada, inflacionada, maquiada: a Augusta completa mais um ciclo e deixa de ser o centro alternativo da cidade

Foto: Patrícia Cruz/AE

A essa altura é óbvio, mas é bom afirmar: o Vegas Club se matou. E levou com ele o **Baixo Augusta**. Famoso por retomar a noite da região, então reduzido mais de cafetões e prostitutas do que de jovens, o clube ajudou a valorizar a Augusta (e, claro, a aumentar o preço do metro quadrado por ali). Mas o fechamento da casa que por sete anos ocupou o galpão no número 756 da rua é mais do que isso: é também um marco de sua decadência e (sim...) de seu fim como reduto da noite alternativa paulistana.

Assim como o Vegas que, há pelo menos dois anos não estava mais na sua melhor forma, o Baixo Augusta está longe de seu auge. “Eu adoro a Augusta, mas não aguento mais no sábado ou na sexta”, afirma Thomas Haferlach, produtor da ‘VoodooHop’, festa que começou ali na rua, no Bar do Netão. “Acho que está virando tipo fenômeno da Vila Olímpia”, afirma. A opinião de Haferlach reflete a opinião de muita gente que antes batia ponto na região e agora procura diversão fora dali.

De rua alternativa a calçadão de praia

Se antes andar pela rua era uma parte fundamental da noite – beber em algum lugar, olhar a entrada de outro, encontrar pessoas –, agora o próprio ato de descer a Augusta ganhou contornos caóticos. Há tanta gente na calçada que é mais fácil andar pela rua, entre os carros e ônibus. O cenário todo ganhou um quê de praia no feriado: os carros com som alto passando só para dar uma olhada, o acúmulo quase insuportável de pessoas bebendo na rua, a dificuldade de conseguir comprar uma bebida, as filas das baladas. Reformas tentam dar uma cara mais sofisticada aos lugares, descaracterizando-os, e os preços acompanham a transformação da rua.

Os clubes também já não são o tiro certo que foram um dia: ainda há festas legais, mas as noites mais interessantes da cidade estão em outros lugares. Inchado, o Baixo Augusta virou destino óbvio e passou a ser preterido por produtores de festas, que buscam espaços alternativos.

E, pior: a própria tradição de simplesmente andar pela rua tem uma nova ameaça. Com a chegada de novos edifícios residenciais, o silêncio noturno ganha importância.

A Vila Madalena passou por um processo semelhante. Destino de jovens, ganhou uma noite boêmia que valorizou a região e acabou por expulsar esses mesmos jovens de lá. “A cultura alternativa saiu da Vila Madalena e agora está sob ataque na Augusta”, diz Alê Youssef, cujo Studio SP mudou do bairro para a Augusta em 2008.

Sim, eles já chegaram. Os dois maiores empreendimentos são da Even – na Bela Cintra, com fundos para a Augusta – e da Esser, na esquina com a R. Dona Antônio de Queirós. Ambos são torres com apartamentos de um e dois dormitórios, academias, saunas, piscina. Maurício Belo, diretor de incorporação da Even, diz não acreditar que os edifícios vão mudar a cara da rua. “Se você faz uso de um espaço 24 horas por dia, deixa ele mais seguro.”

CAPA

AINDA POR LÁ

As opções são muitas. Mas as pontas que barman têm e a população regular roubaram o alma da rua – que já não merece o título de coração da cultura alternativa.

QUE É QUE TEM

- COMIDA
- BAR
- SALADA
- DIVERSÃO
- TERRÊNS EM OBRA
- PEDREDO

Do nº 765 ao 978

- 765 Jangal
- 802B Bar do Perdo
- 823 Fordeset Lounge
- Construção da Exen e terreno da Exen
- 883 Bar do Mito
- 883 Bêta Hair
- 903 Servidora de Salgado
- 934-2 Carniceria
- 943 Teatro Augusta
- 948 O Focador
- 976 Subya
- 978 Santa

Do nº 472 ao 609

- 472 Augusta Bar 472
- 496 Clube Outis
- 501 Inform Club
- 535 Dax Bar
- 538 Rock n Roll Burger
- 572 Bahia
- 576 The Pub
- 604 Casa
- 606 Focaccia d'Italia
- Construção da Inzer
- 623 Lub Club
- 681 Studio SP
- 609 Beza 205

Do nº 1129 ao 1.611

1173 Consulto	1334 Pontal da Augusto e Toldisco	1419 Sancho Bar y Tapas
1230 Indragim	Memburgaria 387	1440 Atenias
1240 Tapias	(Faz um convite)	1463 Pedraço da Pizza
1293 Yip	1.600 Porto Paulista	1475 Espaço Real
1380 Endressa	1.610 Condições	1.513 Bonitas
1418 Renda Augusta	1.323 Vitoria	1.533 Grit Leches
1442 Madrugada	1.387 Água Beach Bar	1.563 Freix
1448 Dharrin	1.383 Hot Soria	1.811 Shopping Center 3
1464 Escocosa	1.345 Volcans	
1482 Mate Por Favor		

Do nº 124 ao 335

- 124 Balada Augusta
- Demolição do Hotel Ca D'Oro
- 311 Pócor
- 335 Club Noir
- 335 Autopne
- The Society exclusive.com

CENTRO

R. São Paulo
R. Costa Verde
R. Marquês de Paraná
R. Marquês de Aveiro
R. Fin Camara
R. Lagoa
R. Maracanã
R. Maracanã

Capa

Agora vai

Mas se não ao Baixo Augusta, para onde ir? O próprio Facundo não abre nada lá desde 2009, quando inaugurou o bar Z Carniceria. Suas novas casas caminharam em direção ao centro: o Lions Nightclub, na Av. Brigadeiro Luís Antônio, o Cine Joia, na Liberdade, e o Yacht Club, no Bexiga. “Quando abri o Vegas, achava que as pessoas ainda não estavam preparadas para ir mais para o Centro, mas era essa a intenção”, afirma. “A Augusta sempre foi um passo intermediário.”

Mas Facundo não acha que algo como o Baixo Augusta possa aparecer em qualquer outra parte da cidade: “A Augusta tem condições únicas”, diz. “Acho que no Centro as coisas vão ser mais dispersas, até porque ele já está ocupado com comércio e residências”

Youssef não acredita que a solução seja tão simples quanto se mover para outra parte da cidade. “Para quê? Para acontecer a mesma coisa nesse outro lugar?”, diz. “Chega uma hora que tem que parar com esse jogo, que é muito nocivo.” Para Youssef, é preciso cuidar das zonas com tradição de noite e de diversidade cultural, e procurar um equilíbrio. “Isso não vai acontecer se não houver uma preocupação legítima da cidade de criar formas de preservação da cultura alternativa”, afirma. “São Paulo não presta atenção a isso.”

Mas, se as opções de futuro parecem muitas, não se desespere – porque as opções de futuro são mesmo muitas. O melhor a fazer é aproveitar o que vier.

Centro Avante

O Centro já não é o mesmo – ainda bem. Com uma noite cada vez mais bacana, ele fica mais seguro e segue a trilha um dia percorrida pela Augusta

Saindo da rua Augusta, a [Voodooohop](#), apesar de seu caráter itinerante, encontrou uma sede afetiva na Trackers, prédio no Largo do Paiçandu. É para esses lados que Thomas Haferlach vê a noite paulistana caminhando. “O Centro é lindo, decadente e tem muitos espaços a serem descobertos”, diz ele. “É a progressão lógica para a cultura e a vida noturna alternativas.” O alemão radicado em São Paulo acredita que a área vai se beneficiar dessa ocupação. “O clima em geral é muito mais simpático do que era dois anos atrás”, diz. “Acho que, em seguida, vão abrir cinemas de novo e espero que daqui a alguns anos apareçam mais e mais centros de cultura e de noite mesmo.”

Outro produtor que investe em áreas diferentes da cidade é Emmanuel Vilar, das festas [Sem Loção](#) e [Javali](#) – a primeira, tradicional, se dá em cima de um estacionamento no Bexiga e a outra, nova, descobre espaços na Liberdade. E é nesses bairros (os mesmos que abrigam a tríade Yacht-Lions-Joia) que Vilar aposta para um possível centro da cultura alternativa. “Acho que balada pode ser um ótimo meio para isso, para que as pessoas se apropriem de uma parte ‘esquecida’ da cidade”, diz.

Pode ser que a noite no Centro seja dispersa, como afirma Facundo Guerra, mas é fato que o seu **Cine Joia**, inaugurado ano passado em sociedade com André Juliani e Lúcio Ribeiro, já entrou para o roteiro obrigatório da noite paulistana: desde novembro, a oferta de ótimos shows, nacionais e

internacionais, tem sido constante.

Sobre a bolha

Reveja seu conceito de balada: ela pode ser um cineminha, uma tarde na praça. E pode estar em locais menos óbvios, como a Água Branca (ou a Vila...)

Balada não precisa ser na balada não: pode ser domingo à tarde na Praça Dom José Gaspar. É lá que, sob a sombra de palmeiras, todo mundo dança nas festinhas do [Paribar](#), às vezes uma 'Voodooohop', outras uma 'Selvagem' ou uma ocasional feira de discos com DJs. Domingo não é dia de ficar em casa, não.

E não é mesmo: que tal então uma festinha com clima caseiro, cerveja barata, macarrão e um bom filme? É assim o [CineCentro](#), um cinema alternativo comandado por um grupo de jovens italianos que adotaram São Paulo.

De todos os lugares do Centro, o que talvez mais precise ser movimentado e revitalizado – também por sua função histórica de noite – é a Praça da República. Dando o pontapé inicial, o [Espaço Cultural Walden](#), com shows de rock, noites de reggae e festas alternativas em geral.

Do lado do Parque da Água Branca, o [Neu Club](#) não fica perto de um monte de bares, mas é um endereço alternativo importante. Com Dago no comando das noites de sexta, e Guab nas de sábado, dois veteranos da noite paulistana, a casa ainda recebe outras festas na quinta, e ótimos shows. Também é a sede paulistana do dançante coletivo Avalanche Tropical.

Enquanto o endereço na Augusta continua sendo palco de shows, o [Studio SP Vila Madalena](#) dá espaço para peças de teatro e festas – do groove em vinil da 'Veneno Soundsystem' às batidas balcânicas da 'Gas Gas'.

E dê uma olhada na programação da [Choperia do Sesc Pompeia](#)!

Tags: [augusta](#), [baixo augusta](#)

Comentários (40) | [comente](#)

Recomendar

2.752 pessoas recomendaram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Tweetar

259









A + A -

40 Comentários [Comente também](#)

- 25/05/2012 - 09:28
Enviado por: **Roberto Hideki**

Isto é o que eu chamo de urbanização "modelo gafanhoto". Ocupação, devastação e depois sair voando por aí em busca de outro local para devastar. Os chamados "habitués" estão em franca extinção, o conceito de curtir se alterou de apreciar para azarar. Uma pena...

[responder este comentário](#) [denunciar abuso](#)

- 25/05/2012 - 10:37
Enviado por: **Diego M**

Me lembro 5 anos atrás um artigo no Estadão falando sobre a decadência da Rua Augusta, bem na época que ela estava valorizando. Agora outro artigo falando que ela já "foi". Acho que não é isso, pois alugar um estabelecimento na rua ficou muito caro. Depois da reforma da Roosevelt, a construção do novo Cad'Oro e a construção da Praça Augusta deve valorizar mais ainda. Talvez a Augusta volte a ser o que era no passado, saia do alternativo para se sofisticar e atrair o comércio que não consegue vaga na Oscar Freire, como já acontece na região dos Jardins.

[responder este comentário](#) [denunciar abuso](#)

- 25/05/2012 - 11:29
Enviado por: **Fabrizio**

E o saudoso CB, porque não citar o saudoso CB, a melhor casa alternativa que a cidade já teve e que fechou porque o dono quis... é saudade! Já pensou o dia em que o clube Piratininga estiver fazendo baile da saudade com músicas dos Inocentes hahaha

[responder este comentário](#) [denunciar abuso](#)

- 25/05/2012 - 18:40
Enviado por: **Julia**

Concordo com vc a CB era sem dúvida a melhor casa alternativa! Que falta que faz!

[responder este comentário](#) [denunciar abuso](#)

- 25/05/2012 - 23:49
Enviado por: **Ana**

Eu iria nesse baile da saudade com certeza... hihi

Anexo 8

OVERMUNDO

faça seu login | novo usuário? registre-se



PETROBRAS

Ministério da
Cultura

BRASIL
PAÍS DA CULTURA

ajuda?

overblog banco de cultura guia agenda perfis

o que é



o que é } seções } publicação } como funciona } saiba mais

Tour: o que é

O Overmundo é um site colaborativo voltado para a cultura brasileira e a cultura produzida por brasileiros em todo o mundo, em especial as práticas, manifestações e a produção cultural que não têm a devida expressão nos meios de comunicação tradicionais.

O Overmundo é feito pela sua própria comunidade.

Aqui, você pode encontrar textos, dicas e obras que apontam para um vasto panorama da diversidade cultural do Brasil. E o melhor: você pode não apenas ler, mas participar das discussões, selecionar os destaques do site e principalmente publicar os seus próprios conteúdos.

O convite está feito: o que na produção artística de sua cidade nunca teve visibilidade nacional? Por que não tornar tudo isso visível aqui no Overmundo?

a seguir: as seções »

ok, quero me cadastrar

meu painel

- publicar
- edição colaborativa
- colaborações recentes

revista overmundo



Você conhece a Revista Overmundo? Baixe já no seu iPad ou em formato PDF -- é grátis!

[+conheça agora](#)

dúvidas frequentes

Está com alguma dificuldade ou tem alguma dúvida sobre o Overmundo e seu funcionamento? consulte a seção de [dúvidas frequentes](#)

o que é

Chegou agora e quer conhecer mais? Entenda [o que é o Overmundo](#) em um minuto.

Anexo 9

- [Home](#)
- [Sobre](#)
- [Parceiros](#)
- [Contato](#)



Artes visuais

Música

Literatura

Teatro

Cinema

Home » Artes visuais, Música, Papo Cultural, Política & Cultura

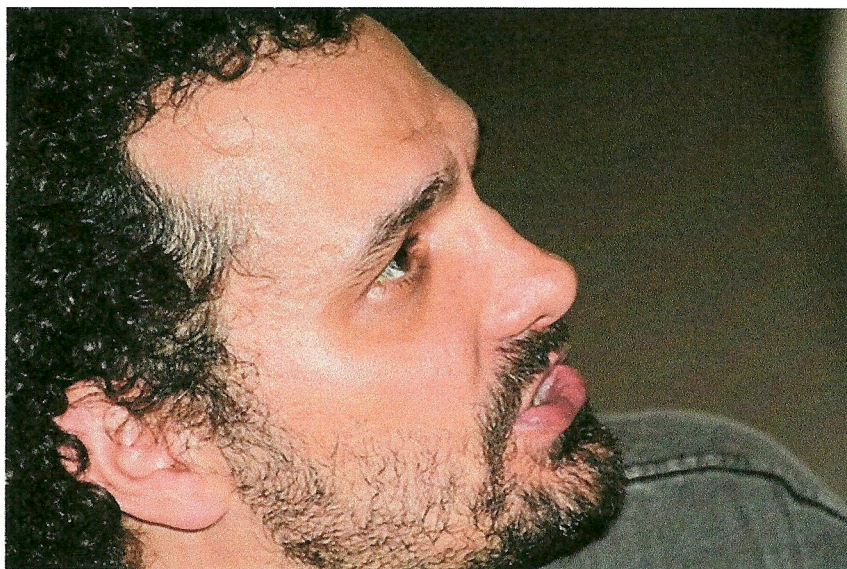
Papo Cultural com Alê Youssef, sócio do Studio SP e idealizador do Overmundo

Curtir

16 pessoas curtiram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Alê Youssef, paulistano, agitador cultural nato. Sócio do **Studio SP**, Vila Madalena e RJ, colunista da **Revista Trip**, idealizador do **Overmundo**, presidente do **Bloco Acadêmicos da Baixo Augusta**, foi Coordenador de Juventude em SP.

Alguém que demonstra pensar além, que expõe um olhar crítico sobre cultura e sociedade. Basta uma conversa com Alê para se sentir provocado e inspirado para construir o novo e o sustentável na cultura, arte, política e no próprio estilo de vida. Possui um discurso inovador, capaz de mobilizar para um novo olhar sobre a sociedade. E isso não fica só nas palavras, nesse **Papo Cultural** vamos conhecer um pouco dos projetos que vem desenvolvendo com esse modo do fazer diferenciado e que faz a diferença.



Mario Menezes | Creative Commons

São Paulo em uma palavra

Criatividade, que é a matéria-prima da diversidade.

Um lugar em São Paulo

A **Rua Augusta** inteira é maravilhosa, andar pela Rua Augusta independente de entrar em qualquer lugar. É uma experiência democrática, às vezes é a praia da cidade à noite.

Todas essas galerias de arte, essa explosão criativa, sou frequentador assíduo da galeria **Choque Cultural**, e esporadicamente vou à **Galeria Vermelho**. Gosto do **Parque Ibirapuera**, do Auditório do Ibirapuera, que é um lugar que nos dá orgulho, está num nível cultural elevadíssimo.

Tem um lado da própria noite da cidade que é maravilhosa, de ir poder ir para os lugares, entrar e sair e viver essa diversidade. O que me animaria mais ainda frequentar em São Paulo é que pudéssemos cruzar mais essa diversidade cultural, esse momento especial com o espaço público, com os parques, sou fã de eventos públicos de rua, gratuitos, não podemos nos limitar à Virada Cultural, precisamos ir além dela.

Momento Cultural de São Paulo

O momento é ótimo, na verdade **existe uma efervescência [cultural]**, muitas iniciativas que começam de alguma forma a aglutinar todas essas expressões urbanas culturais.

Do ponto de vista musical, a gente tem o retrato do que é o novo formato da indústria fonográfica através da **independência, do novo modelo**, onde o negócio de música se constrói. Isso se espelha na carreira, nas estratégias de web, nas casas que dão espaço a essas bandas.

“A gente vive um momento de efervescência [cultural], o desafio é perpetuar”

No que diz respeito à **arte urbana** é a mesma coisa. A gente vive **um primeiro momento de efervescência, o desafio é perpetuar**, criar formas para que essas atividades culturais, esses espaços, esses artistas sejam auto-sustentáveis no sentido econômico mesmo da palavra.

Eu acho que a pura e simples “exploração” desses negócios é boa para o momento, mas eles não perpetuam a coisa, não criam uma base sólida para que as cenas novas possam efetivamente viver das artes que produzem. **Acho que a Choque Cultural faz isso na arte urbana, o Studio SP faz isso na música, outros grupos fazem isso.** Na arte, temos vários artistas que conseguiram outros patamares graças ao que a Choque fez, na música temos vários artistas que conseguiram outros patamares graças à história aqui do Studio.

É por aí que temos que começar, é muito mais do que a cidade [de São Paulo] que tem um monte de Clubes, temos que pensar além. Essa coisa de “a gente vai pegar o que está na moda e a moda acaba e vamos atrás da outra moda”, isso não é o ideal para o universo cultural da cidade e **principalmente o universo independente**, que é ainda um universo carente de recursos, que ainda não tem o apoio da grande mídia, das grandes empresas, do grande mercado. **Eles ainda prefere investir naquelas coisas mais pasteurizadas, mais chapa branca.**

Studio SP

Como o Studio nasceu há uns seis anos, foi exatamente a mesma época que **começava despontar a nova cena da música brasileira**, com projetos independentes novos e querendo espaço, sem público nenhum.

Nasceu de um **gosto pessoal**, de uma vivência que tive com a cultura independente na época que eu era secretário [da Juventude]. Eu apoiava isso bastante no governo [da Marta Suplicy, quando coordenava a Secretaria de Juventude, momento em que eu pude entender essa diversidade da cidade, conhecer muita coisa e sacar a beleza e o potencial que existia.



arielmartini

Ariel Martini | Creative Commons

Sempre pensava que não existiam espaços privados que focassem nesse lado de **criar plataformas de lançamentos acoplada a sustentabilidade**. Daí abrimos o Studio SP para isso, uma casa onde esses artistas pudessem se apresentar. E tivemos sorte, houve uma grande mudança no comportamento do público, **começou a se formar um público muito forte para esses grandes artistas**.

Existia um conteúdo criativo importante na cidade e isso tudo gerou a história do Studio; num determinado momento tudo que tocávamos era lançamento, como **Curumim, Céu, Instituto, Eddie, Mombojó, todas essas bandas que hoje têm público**, que têm essa idéia da sustentabilidade estavam começando.

Quando passamos por um processo em que começou a se formar público para essas bandas que fizeram parte da história da casa, daí percebemos que **era necessário ter sempre um espaço para as bandas** novíssimas se apresentarem, então foi criado o **Cedo e Sentado**, com a idéia de que antes dos shows dessas bandas que já tinham um público poderiam se apresentar outras bandas de graça para formar público.

E passou o tempo, isso foi criando uma cadeia, o cara se apresentava no Cedo e Sentado, aquecia, formava seu público, depois iria para semana com bilheteria, depois final de semana, todo mês tocava e assim por diante e o negócio deu certo. Para você ter uma idéia **passaram pelo Cedo e Sentado a Mallu Magalhães, Thalma de Freitas, Karina Buhr, Tulipa Ruiz, Tiê, Thiago Pethit**.

Bloco Carnavalesco Acadêmicos da Baixo Augusta

O bloco surgiu de uma brincadeira entre amigos, frequentadores, proprietários de casas, empresários, produtores, gente que frequenta a baixo augusta e que são muito amigos. Pensamos: **porque não celebrar a diversidade, a revitalização da região através do carnaval?** Seria até uma coisa interessante, fazer uma batalha do resgate do carnaval de rua na cidade, e a gente achou que nosso bairro aqui seria o mais legal para se fazer isso.

“O bloco é uma celebração provocativa. É de graça e vai continuar sendo, nunca vai ter coisas que caracterizam os uso mercantilista do carnaval.”

Uma entidade foi criada, chamada **Associação Carnavalesca Acadêmicos da Baixo Augusta**. Temos uma postura crítica em relação a São Paulo, a maneira como [a cidade] lida com seus eventos de rua, a maneira como a rua é pouco explorada.

O bloco é uma celebração provocativa. A ideia é continuar com a brincadeira enquanto nós nos divertimos, porque acho que bloco não pode se transformar naquela coisa mercantilista e excludente. **O bloco é de graça e vai continuar sendo de graça**, nunca vai ter abadá, nunca vai ter coisas que caracterizam o uso mercantilista do carnaval.

Overmundo

É um projeto maravilhoso, talvez o mais incrível que eu tenha me envolvido em minha vida.

Foi uma experiência feita por mim, Hermano Viana, Ronaldo Lemos e José Marcelo. Nós tínhamos a noção clara que **o problema da cultura no Brasil não era mais de produção cultural, mas sim a circulação, a difusão dessa produção**. E nos juntamos para criar o **Overmundo**, primeiro site de web 2.0 brasileiro, tecnologia colaborativa, a primeira rede social brasileira, muito antes das pessoas ficarem fissuradas no YouTube e em todas essas redes.

Foi uma experiência incrível. Foi **vanguardista**, e conseguimos fomentar muito a cultura. Fizemos um trabalho muito focado na necessidade dessa população e quando conseguimos patrocínio, **achamos por bem criar um Instituto e tornar a coisa pública, sem fins lucrativos**.

O **Instituto Overmundo** tem suas bandeiras claras, pelas coisas que nós acreditamos: uma nova visão sobre o direito autoral, uma postura mais libertária em relação à cultura, mais generosa em relação à produção cultural. Esse instituto é mantenedor e proprietário desse site, e eu sou um dos diretores. É um projeto muito legal, e ganhou o maior prêmio de arte digital do mundo.

Casas Associadas

Casas Associadas é uma ideia conectada com um grande fórum de debates e discussões sobre com a rede **Música Brasil**, conectada com o **Circuito Fora do Eixo**, conectado com a **Abrafin**.

Já existia um circuito que fazia as bandas circularem de forma independente e autônoma, o **Circuito Fora do Eixo**. Também já existiam os festivais que pontuavam as cenas locais e faziam as maiores expressões terem visibilidade ao redor do Brasil através dos festivais. **Era necessário fomentar a ideia das casas com essa visão, com essa mentalidade para criar cenas locais contínuas, todo dia.**

Assim, as **Casas Associadas** buscam criar uma rede de casas do perfil do **Studio** e outras casas que possam criar um **novo modelo de circulação da música brasileira**.

Movimento Social & Cultural

Eu participei da organização da **Marcha da Liberdade**, mas a marcha não é só um movimento social – existe uma discussão hoje em dia para saber qual rumo tomar, e **eu acredito que no “rumo cultura”**. Esse é o caminho de uma nova forma de fazer política.



Adriano Singolani | Creative Commons

Acho que a cultura é o principal instrumento de caracterizar essa nova forma. É sair dos *clichês* partidários, dos *clichês* dos movimentos sociais que ninguém aguenta mais, da guerra ideológica; buscar algumas coisas objetivas como o direito de se manifestar, o direito da liberdade de expressão, o direito de ocupar a rua. **Acho que são esses valores transversais e que não têm nada a ver com a lógica política atual**, que é tão distante das pessoas e estão tão engessadas que chamam atenção do movimento cultural dos jovens para participar.

Vivemos um momento legal, muito bacana e que se desperta no movimento cultural a necessidade de engajamento, que é uma coisa nova, muito nova para nossa geração. Acho que é muito válido isso que está acontecendo, e obviamente precisa continuar com leveza, se for leve vai atrair mais gente. **Quanto mais bandeiras de partidos entrarem, quanto mais palavras de ordem entrar e movimentos sociais radicalizados, menos conseguimos o sucesso de atrair as pessoas que nunca participaram de nada.**

Anexo 10



Sobre a Blumar

Viagens Nacionais

Viagens Internacionais

Reserva Online de Hotéis

Lua de Mel

Brochuras

Congressos e Eventos

Atendimento:
 Seg a Sex 8h às 18h
 Sab 09h às 13h

Viagens | Pacotes

Rio 3216 9222

Outros 0800 721 0081

Congressos

Rio 2142 9315

Outros 0800 721 0080

Espaço do Cliente

Agência de Viagem

Portal do Fornecedor

SAO PAULO

Conheça SAO PAULO. Confira nossas dicas sobre a cidade.


DICAS DE QUEM JÁ FOI

DÊ SUA DICA

Hotéis e Pousadas	>>
Pacotes	>>
Tours	>>
Atrações Turísticas	>>
Arte e Cultura	>>
Onde Comer	>>
Natureza e Esportes	>>
Vida Noturna	>>
Compras	>>
Clima e época Ideal	>>
Transporte	>>
Informações Importantes	>>

HOTEL EM PROMOÇÃO

Pestana Sao Paulo
4 Estrelas

de R\$ 483,33

Por R\$ 435,00

Válidos de 27/07/2012

até 22/11/2012

SAO PAULO

A Capital do Estado de São Paulo é o mais importante e dinâmico pólo econômico da América Latina. São Paulo é uma cidade cosmopolita famosa por sua diversidade étnica e vida agitada. Mas, se engana quem pensa que em São Paulo só se vive para o trabalho. A cidade oferece excelentes opções de lazer e cultura para se aproveitar de dia ou à noite.

São Paulo é uma cidade com diversas atrações que vão desde passeios culturais a compras. Outro ponto importante da cidade são os sofisticados restaurantes, São Paulo é reconhecido como um dos maiores e melhores pólos gastronômicos do país. A vida noturna é bem agitada e com diversas opções para todos os gostos, diversos barzinhos, restaurantes e boates.

Além disso, a cidade conta com excelente infraestrutura em hotéis e serviços de qualidade. Então venha conhecer um pouco do que essa metrópole oferece.


Arte & Cultura

São Paulo é uma cidade com diversas atrações para os amantes de arte e cultura. Visite o MASP, Museu de Arte de São Paulo, que abriga coleções de arte européia e brasileira, o MAM Museu de Arte Moderna e o Memorial da América Latina, ambos criados por Oscar Niemeyer. Conheça também a grandiosa Estação da Luz e o Museu do Ipiranga que possui um acervo valioso com peças da República e do Império, além de uma biblioteca com mais de 100 mil volumes.


Onde Comer

No melhor pólo gastronômico do país, os restaurantes são atrações turísticas. São Paulo conta com restaurantes para todos os gostos. A cozinha japonesa é bem forte na cidade com destaque para Tsuyoshi Murakami, Kinoshita e Aizomê. As churrascarias também são destaque na cidade como Dinhos e a casa argentina 348 Parrilla Porteña. Completam a lista de boas opções o Latelier Michel Darqué, From the Galley, Tête à Tête, e o vegetariano Moinho de Pedra. São Paulo ostenta o melhor conjunto de restaurantes italianos, japoneses, pizzarias e churrascarias do país. Além da lista mais importante de casas de cozinha contemporânea.


Natureza & Esportes

O Parque do Ibirapuera é o lugar preferido pelos paulistas para praticar esportes e relaxar, é uma excelente opção para todas as idades. Outros parques excelentes para passar um dia agradável são o Parque da Luz, Parque Trianon, Parque da Água Branca, Horto Florestal, Jardim Botânico e Parque Estadual do Jaraguá.


Vida Noturna

A vida noturna em São Paulo é bem agitada e diversificada, há inúmeros bares e casas noturnas. Existem opções para todos os tipos de público e bolsos, desde os que só estão a fim de um chopinho com os amigos até os que querem ver o dia raiar na rua. A Vila Madalena é bem conhecida pela grande concentração de bares e restaurantes com variados estilos de música. Na Vila Olímpia, está a famosa festa Trash 80's. Se quiser algo mais agitado terá que se juntar às multidões que se espalham pelas filas nas portas das boates concorridas das cidades.


Compras

Uma visita a São Paulo não pode deixar de um dia para compras. A cidade é considerada a capital do consumo por sua variedade de produtos, estabelecimentos comerciais e preços. São cerca de 240 mil lojas e mais de 60 shoppings que oferecem de artigos da alta costura aos populares. Não deixe de conferir as famosas ruas 25 de Março, Santa Ifigênia, José Paulino, Oscar Freire e Teodoro Sampaio. Além dos shoppings Iguatemi e Cidade Jardim.


Clima & época ideal

A temperatura média de São Paulo é de 20°C. O mês mais quente é fevereiro, com temperatura média de 24°C e o mês mais frio, julho, com cerca de 17°C.



Transporte

O transporte público em São Paulo é eficiente, porém, se quiser mais conforto alugue um carro ou ande de táxi.



Atrações Turísticas

Como toda cidade grande, em São Paulo não faltam atrações e passeios para todos os gostos. Se você gosta de apreciar arte e cultura da cidade visite o Bairro da Liberdade, Capela de Anchieta, Teatro municipal, Palácio das Indústrias, Museu de Arte Contemporânea, Mercado municipal, Museu de Arte Sacra, Catedral Metropolitana, Parque do Ibirapuera, Vale do Anhangabaú, Museu da Imagem e do Som, entre outros.

Além disso, faça o city tour pela cidade para conhecer as principais atrações, vá ao famoso parque hopi hari e ao zoológico. Não deixe também de reservar um dia para compras e para o teatro.



Informações Importantes

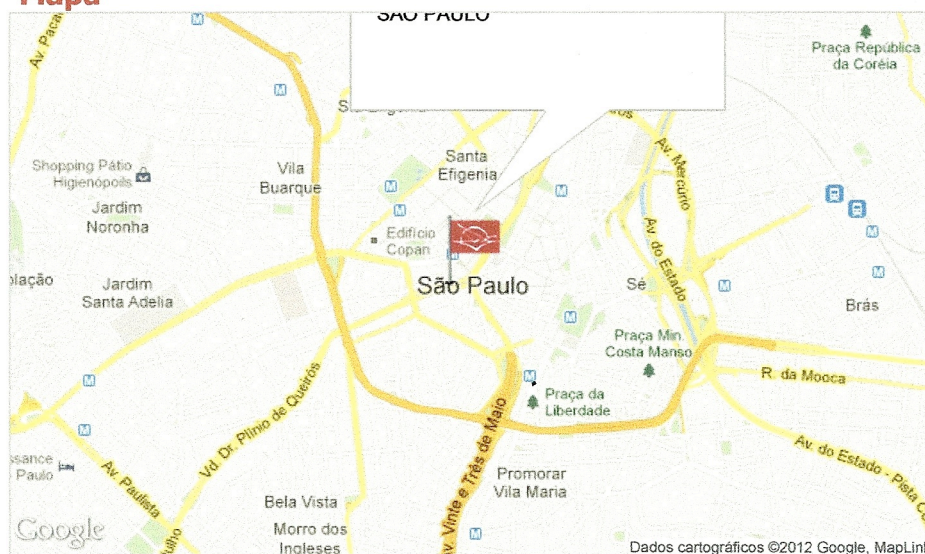
DDD: 11

Rodoviárias: www.socicam.com.br

Aeroporto Internacional de Guarulhos: 6445-2945

Aeroporto Internacional de Congonhas: 5090-9000

Mapa



A EMPRESA | VANTAGENS BLUMAR | BLUMAR GARANTE | CONDIÇÕES GERAIS | FAQ | CONTATOS | INDIQUE UM AMIGO | ADICIONE AOS FAVORITOS



Atendimento: Seg à Sex - 8h às 18h - Sab - 09h às 13h

Rio de Janeiro **3216 9222**

Demais estados **0800 721 0081**

Congressos **021 2142 9315**



Blumar - Operadora de Turismo - Av. Borges de Medeiros 633 Sala 405 a 408 - OFFICES LEBLON - CEP: 22430-041 - Leblon - Rio de Janeiro - Brasil - Tel: 55 21 2142-9300 - Todos os direitos reservados

Anexo 11

[Renaissance Hotels & Resorts](#) > [Hotel](#) > [Encontre Ofertas e Promoções](#)

Renaissance São Paulo Hotel

Alameda Santos, 2233 • São Paulo, São Paulo 01419-002 Brasil

MAPAS E TRANSPORTE
INFORMAÇÕES GERAIS DO HOTEL
NÚMEROS DE TELEFONE

PONTOS DO MARRIOTT REWARDS
GALERIA DE FOTOS
PREFERENCE PLUS

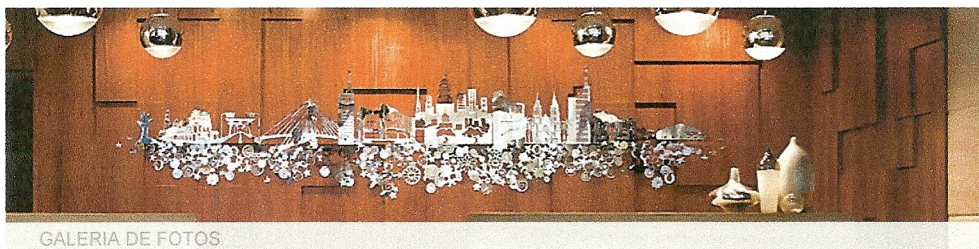


explore
o nosso hotel

encontre
ofertas e promoções

visite
a região

planeje
grupos, eventos e reuniões



GALERIA DE FOTOS

tarifas e disponibilidade

Encontre Ofertas e Promoções

Data de Chegada (mm/dd/aa)

Data de Partida (mm/dd/aa)

Nº. de Aptos. Hosp/Apto.

☐ Verificar locais próximos

Número Marriott Rewards

☐ Use pontos Marriott Rewards

Informação opcional

[Mais opções](#)

PROCURAR

[Diretório de hotéis no Brasil](#)

Ofertas e Promoções



Stretch Your Weekend Package no Renaissance São Paulo Hotel

A maior cidade da América Latina se torna muito mais viva aos finais de semana. Aproveite esses dias de folga e se hospede no Renaissance São Paulo Hotel.

Tarifas a partir de R\$ 832,00.

Oferta válida de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2012.

Saiba Mais

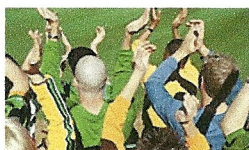
Nosso pacote de final de semana inclui:

- Hospedagem em Apartamento Deluxe
- Café da manhã servido no Restaurante Terraço Jardins
- Internet de banda larga
- Estacionamento (para 1 veículo)

Reserve agora: 11 3069 2807 (São Paulo) | 0800 703 1512
(outras localidades) | reservas.brasil@marriott.com

Termos e condições:

Oferta válida de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2012.
Mínimo de 2 noites é exigido com check-ins na sexta ou no sábado.
Um número limitado de apartamentos estará disponível para esta promoção.
Taxas são adicionais.
Oferta não pode ser combinada com qualquer outra promoção.
Restrições de datas podem ser aplicadas.
Reservas com antecedência são necessárias.
Outras restrições podem ser aplicadas.
Tarifas são por apartamento, por noite e sujeitas à disponibilidade no ato da reserva.
Os benefícios oferecidos só poderão ser usufruídos durante o período da estadia do pacote.



Brazilian Passion

Apaixone-se pela cultura brasileira e descubra a história do nosso futebol.

Tarifas a partir de R\$ 851,00.

Oferta válida de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2012.

Saiba Mais

Saiba Mais



Taste of São Paulo

Sabores de todo o mundo, com a autenticidade de nossa cidade. Surpreenda-se!

Tarifas a partir de R\$ 1.105

- Hospedagem em apartamento Deluxe, upgrade garantido para suite Madison aos finais de semana.
- Café da Manhã no Restaurante Terraço Jardins
- Jantar no Living Lounge Bar & Sushi
- City Tour com passagem pelo Mercado Municipal
- Estacionamento

Informe o código promocional XWDC (durante a semana) ou XWDU (finais de semana) no ato da reserva.

Reserve agora: 11 3069 2807 (São Paulo) | 0800 703 1512
(outras localidades) | reservas.brasil@marriott.com

Termos e condições:

Oferta válida para todos os dias da semana.
Estacionamento permitido para um veículo.
O Mercado Municipal fecha no último domingo de cada mês, não sendo possível realizar o City Tour nessa data.
Um número limitado de apartamentos estará disponível para esta promoção.
Taxas são adicionais.
Oferta não pode ser combinada com qualquer outra promoção.
Restrições podem ser aplicadas.
Reservas com antecedência são necessárias.
Tarifas são por apartamento, por noite e sujeitas à disponibilidade no ato da reserva.



Romantic Escape

Reserve um tempo só para vocês dois e viva momentos inesquecíveis.

Tarifas a partir de R\$ 789

Saiba Mais



Renaissance Senses

Trabalhar demais sempre pede uma folga. Garanta a sua no Renaissance São Paulo Hotel.

Tarifas a partir de R\$ 1.108

Saiba Mais



Spa For Two

Relaxe e aproveite... Descanse e renove-se no Renaissance São Paulo Hotel

Tarifas a partir de R\$ 1.247

Saiba Mais

Saiba Mais



Renaissance Celebration

Estar junto significa muito mais do que estar comprometido.
Celebre momentos especiais de uma forma única!

Tarifas a partir de **R\$ 1.840**



Renaissance Business

Fique conectado! Otimize seu tempo e seus negócios no
Renaissance São Paulo Hotel.

Tarifas a partir de **R\$ 985**

Saiba Mais



Renaissance On The Stage

Entre em cena para conhecer o melhor de São Paulo. Aproveite
o espetáculo!

Tarifas a partir de **R\$ 822**

Saiba Mais

Nosso pacote inclui:

- Hospedagem em Apartamento Deluxe.
- Café da Manhã servido no Restaurante Terraço Jardins.
- Jantar no Restaurante Terraço Jardins ou Havana Club.
- Ingressos para o Teatro Renaissance.
- Estacionamento.

Informe o código promocional XZEC no ato da reserva.

Reserve agora: 11 3069 2807 (São Paulo) | 0800 703 1512
(outras localidades) | reservas.brasil@marriott.com

Termos e condições:

Oferta válida de sexta, sábado ou domingo.
Estacionamento para 1 veículo.
Um número limitado de apartamentos estará disponível para esta promoção.
Taxas são adicionais.
Oferta não pode ser combinada com qualquer outra promoção.
Restrições de datas podem ser aplicadas.
Reservas com antecedência são necessárias.
Outras restrições podem ser aplicadas.
Tarifas são por apartamento, por noite e sujeitas à disponibilidade no ato da reserva.

Renaissance® São Paulo Hotel

EXPLORE O NOSSO HOTEL

Apartamentos
Restaurantes e Lounges
Lazer e Esportes
Spa

ENCONTRE OFERTAS E PROMOÇÕES

VISITE A REGIÃO

Mapas e Transporte
Restaurantes Próximos
Entretenimento

PLANEJE GRUPOS, EVENTOS E REUNIÕES

Eventos e Serviços Corporativos
Eventos Sociais e Casamentos
Plantas das Salas e Tabela de Capacidades

Sobre a Marriott | Sobre Nossas Marcas | Profissionais do Setor de Turismo | Parceiros | Oportunidades de Carreira

© 1996 - 2012 Marriott International, Inc. Todos os direitos reservados. Informações proprietárias do Marriott.

Termos de Uso | Declaração de Privacidade na Internet

Anexo 13



SÃO PAULO TURISMO

+eventos+cultura+negócios

QUEM SOMOS ▶ EQUIPE ▶ DTE

A Diretoria de Turismo e Entretenimento atua na consolidação nacional e internacional da cidade como destino turístico. Para isso planeja e implanta projetos de estruturação da oferta turística, além de desenvolver ações de promoção, marketing e divulgação, com o objetivo de qualificar São Paulo como uma cidade cosmopolita, cultural, gastronômica e rica em entretenimento, o que a capacita para não apenas ser um grande destino de turismo de negócios.

GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO E ESTRUTURAÇÃO DO TURISMO

Elaboração de ações que estruturam a oferta turística, fortaleçam a atividade, o receptivo e afirmem a imagem da cidade como um destino turístico de qualidade.

COORDENADORIA DE PROJETOS TURÍSTICOS

Trabalha na concepção, formatação e implementação de novos produtos turísticos para a cidade.

COORDENADORIA DE ATENDIMENTO AO TURISTA

Coordena, planeja e supervisiona ações e mecanismos que garantam a excelência no atendimento ao turista através das CITS - Centrais de Informação Turística de forma a atingir e até superar as suas expectativas em relação à cidade de São Paulo.

ASSESSORIA DE RELAÇÕES EXTERNAS E SUPORTE AO TURISMO

Acompanha as ações da diretoria com o objetivo de manter o controle operacional e documental das verbas e parcerias. Desenvolve, acompanha e executa as peças de comunicação visual referentes aos projetos da diretoria.

GERÊNCIA DE PROMOÇÃO TURÍSTICA E ENTRETENIMENTO

Responsável pelo planejamento das ações e desenvolvimento dos trabalhos de divulgação e promoção da cidade de São Paulo nos mercados nacionais e internacionais, com o objetivo melhorar a percepção da cidade para operadores, agentes de viagens, jornalistas e visitantes, além de atrair um maior número de eventos, e turistas para a cidade, o aumento da permanência e gasto médio desses visitantes.

COORDENADORIA DE PROMOÇÃO DE TURISMO DE LAZER E ENTRETENIMENTO

Promove a cidade como destino de lazer e entretenimento por meio de capacitações de profissionais do trade, bem como participação em feiras nacionais e internacionais e projetos pontuais de promoção.

COORDENADORIA DE PROMOÇÃO DE TURISMO DE NEGÓCIOS

Promove a cidade como destino de turismo de negócios e eventos por meio da participação em feiras nacionais e internacionais e apoio a captação e realização de eventos na cidade de São Paulo.

COORDENADORIA DE PROMOÇÕES E PARCERIAS

Estabelece parcerias com entidades ligadas ao setor de turismo para viabilizar projetos da Diretoria de Turismo e Entretenimento.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Saiba mais

Inaugurado em 1940, o Autódromo João Carlos Pace, também conhecido como Autódromo de Interlagos, é administrado pela São Paulo Turismo S/A desde 2005. Seus 923 mil m² abrigam a pista de corrida, o Kartódromo e o Parque Interlagos, espaço aberto à população no qual são realizadas atividades oferecidas pela Prefeitura.

O Observatório de Turismo da Cidade de São Paulo® foi o vencedor da Premiação das Melhores Práticas dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional - Estudo de Competitividade 2010, pelo Ministério do Turismo, na dimensão Monitoramento.

Faça download de nossos boletins
semestrais em (PDF)



Selecione o idioma

Powered by Google Google Tradutor

DESTAQUES

SÃO PAULO A PÉ



A CIDADE DE TODOS OS ÂNGULOS, SÓ PARA VOCÊ

TOUR VIRTUAL | 360°

Atividade recente

facebook

Nenhuma atividade recente para exibir.
Coloque botões Curtir no seu website para interagir com seus usuários. Detalhes podem ser encontrados aqui.

Plug-in social do Facebook

Anexo 12

13/01/2012 - 17h00

Tarifas menores atraem paulistanos para hotéis nos fins de semana

GUILHERME GENESTRETI
DE SÃO PAULO

Daigo Oliva/Folhapress



A blogueira Stephanie Zalczman, 25, que costuma se hospedar com o namorado no hotel Meliá Jardim Europa aos sábados

Se nos dias úteis os hotéis de São Paulo estão abarrotados pelo turismo de negócios, aos sábados e domingos eles são ocupados por uma outra leva de hóspedes. Mas o sotaque de parte desses "turistas" é da própria capital.

O paulistano descobriu a rede hoteleira da cidade e, embalado por promoções em sites de compras coletivas e por tarifas mais baratas nos fins de semana, encontrou spas, piscinas aquecidas e café da manhã farto a poucos quilômetros de casa.

É um cliente com demandas diferentes, diz Fábio Nonato, do hotel Grand Hyatt, na zona sul. "Ele procura viver a experiência, e não a rapidez e a agilidade que o executivo exige durante a semana." Nonato estima que a procura de moradores da cidade pelo hotel nos fins de semana tenha aumentado cerca de 40% nos últimos quatro anos.

No Emiliano, na zona oeste, os paulistanos são 10% dos hóspedes no fim de semana - número que "seguramente cresceu", segundo Gustavo Filgueiras, diretor-executivo do hotel. Ali, o cliente pode usufruir de mordomias como o serviço de arrumar e desfazer as malas, além de frequentar o spa, equipado com dois ofurôs e uma jacuzzi.

Os moradores da capital já são 6,8% do total de hóspedes, segundo levantamento feito no segundo semestre de 2011 pela SP Turis, empresa municipal de promoção do turismo. Há dois anos, esse número não ultrapassava 3%. A organização, não possui dados sobre a ocupação apenas nos fins de semana.

O perfil do visitante é variado —os hotéis servem para aqueles que esticam a noite da balada fugindo da Lei Seca, para o casal de namorados que não curte ir com horas contadas a um motel e para os que buscam atrativos dignos de clube, como academia,

sauna e massagem.

Para atraí-los, alguns dos endereços têm flexibilizado os horários de check-out até pelo menos as 15h e criado pacotes românticos (para comemorar aniversário de namoro ou casamento) e culturais, que incluem ingressos a espetáculos.

O Renaissance, por exemplo, dá um par de entradas para o teatro que fica no próprio hotel. Já o Meliá e o InterContinental costumam oferecer pacotes que incluem peças em cartaz nas proximidades.

"O fim de semana em São Paulo tem programação intensa, boa gastronomia, espetáculos que vieram da Broadway", diz Toni Sando, que dirige a São Paulo Convention & Visitors Bureau, fundação que reúne vários segmentos do setor turístico.

A demanda, diz ele, acaba atraindo quem mora longe dos polos culturais e gastronômicos da cidade, concentrados nas zonas oeste e central, onde também estão localizados hotéis de alto padrão com esse tipo de pacote. "É gente que mora afastada do centro e quer se sentir turista sem pegar a estrada", afirma Sando.

MAIS PRIVACIDADE

A blogueira Stephanie Zalcmán, 25, mora na zona oeste, mas costuma se hospedar uma vez por mês com o namorado no Meliá do Itaim Bibi, que fica próximo à casa onde ela vive com os pais.

"Em casa não tenho privacidade e não gosto de motel, me sinto insegura", justifica. "Além disso, com um fim de semana no litoral norte gastaríamos o triplo", diz ela, que aproveita a piscina e o spa quando se hospeda, costume que mantém há três anos.

A blogueira aproveita também a proximidade de bares e baladas da região. "Não gosto de chegar em casa alta, então no hotel é mais tranquilo." A assiduidade do casal tem rendido descontos além da tarifa do fim de semana, já promocional.

Em dez hotéis pesquisados pela reportagem, o valor médio chega a ser 38% mais barato de sexta a domingo. "Os preços são mais em conta justamente para atrair um público que quer aproveitar o que a cidade tem a oferecer nos fins de semana", afirma Bruno Omori, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de São Paulo.

Os preços baixos não evitam, no entanto, que os endereços estejam mais vazios nesses dias do que durante a semana. Segundo a associação, o turismo de negócios faz a taxa de ocupação passar de 80% nos dias úteis. Aos sábados e domingos, o índice ainda é inferior a 60%.

*

Confira hotéis e pacotes para os fins de semana:

(As datas estão atualizadas até a data da publicação; sugerimos contatar o local para obter maiores informações)

Blue Tree Premium Paulista - Diárias a partir de R\$ 296,10. Inclui café da manhã, academia, piscina e sauna seca.

R. Peixoto Gomide, 1.000, Jardim Paulista, tel. 3147-7000.

Comfort Suítes Oscar Freire - Diárias a partir de R\$ 298 mais taxa de 5%. Inclui café da manhã, internet e estacionamento.

R. Oscar Freire, 1.948, Pinheiros, tel. 2137-4700.

Emiliano - Diárias a partir de R\$ 985 mais taxa de 5%. Inclui uma garrafa de vinho, frutas, massagem, ofurô, academia e serviço para arrumar malas.

R. Oscar Freire, 384, Cerqueira César, tel. 3068-4393.

Grand Hyatt- Diária para o casal a partir de R\$ 555. Inclui café da manhã, piscina, acesso a academia e "lounge" com vista panorâmica.

Av. das Nações Unidas, 13.301, Vila Gertrudes, tel. 2838 1234.

InterContinental - Diárias a partir de R\$ 299. Inclui café da manhã.

Al. Santos, 1.123, Cerqueira César, tel. 3179-2600.

Meliá Jardim Europa- Diária individual a R\$ 290 e para o casal por R\$ 380. Inclui café da manhã, piscina e academia.

R. João Cachoeira, 107, Itaim Bibi, tel. 3702-9600.

Renaissance - Pacote cultural para o casal a partir de R\$ 811. Inclui café da manhã, jantar e dois ingressos para o teatro do hotel.

Al. Santos, 2.233, Cerqueira César, tel. 3069-2807.

Tivoli São Paulo - Pacote para o casal a partir de R\$ 1.100. Inclui café da manhã no quarto, espumante, caixa de chocolates e decoração especial.

Al. Santos, 1.437, Cerqueira César, tel. 3146-5900.

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/1032576-tarifas-menores-atraem-paulistanos-para-hoteis-nos-fins-de-semana.shtml>

Copyright Folha.com. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha.com.

Anexo 14



Campanha

Lew'Lara cria para SPTuris

Personalidades paulistas, conhecidas dentro e fora do país, mostram seus talentos tendo a cidade de São Paulo como pano de fundo e inspiração: Alex Atala desenvolve um novo prato, DJ Marky produz uma trilha, os irmãos Campana criam uma poltrona e Hornest idealiza personagens nos muros da cidade.

As experiências foram registradas em vídeo e integram campanha da São Paulo Turismo (SPTuris, empresa municipal de promoção turística e eventos), criada pela Lew'Lara\TBWA, sob o conceito "*Unimaginable*".

A intenção é apresentar São Paulo como uma opção de entretenimento cosmopolita e atrair a atenção de turistas.

Além dos vídeos que você poderá conferir abaixo, a campanha conta com comercial e também atingirá Europa, Estados Unidos e América Latina por meio da CNN Internacional e Eurosport, entre outros. Inicialmente, terá a duração de 2 meses.

<http://www.youtube.com/watch?v=UbcYD65b5OM>

<http://www.youtube.com/watch?v=6QDDTCwyAFw>

<http://www.youtube.com/watch?v=BFEXoInNhEk>

FICHA TÉCNICA

CLIENTE: São Paulo Turismo S/A

AGENCIA: LEW 'LARA\TBWA PUBLICIDADE LTDA

TÍTULO: UNIMAGINABLE

DURAÇÃO: 30", 60" e 90"

PRODUTO: INSTITUCIONAL

DIREÇÃO DE CRIAÇÃO: JAQUES LEWKOWICZ, ANDRÉ LAURENTINO, CLOVIS MARCHETTI, LÚCIO CARAMORI

CRIAÇÃO: CLOVIS MARCHETTI, LÚCIO CARAMORI

RTVC: MAYRA DE LUTIIS, CRIS LEOPACCI, DANI TODA E REGINA SHNAIDER

ATENDIMENTO: RAFAEL CARMINETTI, MAÍSA MENDONÇA, FERNANDA SILVADO, JULIANA PERALTA, JULIANA FREIRE

PRODUTORA: O2 FILMES

DIREÇÃO: PAULO CARUSO

FOTOGRAFIA: PIERRE DE KERCHOVE

DIREÇÃO DE ARTE: BILLY CASTILHO

MONTADOR: MARCELO JUNQUEIRA

FINALIZAÇÃO: O2 FILMES

PRODUTORA DE SOM: MENINA PRODUTORA

TRILHA: DJ MARKY

EDIÇÃO DE TRILHA E PÓS PRODUÇÃO DE ÁUDIO: JULIA PETIT E LUCAS MAYER

LOCUTOR: ANDRÉ HENDGES

APROVAÇÃO/CLIENTE: CAIO CARVALHO, LUIZ SALES, MARISA MARROCOS

Nenhum comentário até o momento. .

Anexo 15

 **Câmera Digital**
A partir de 12x de R\$ 14,92



[Eu quero](#)

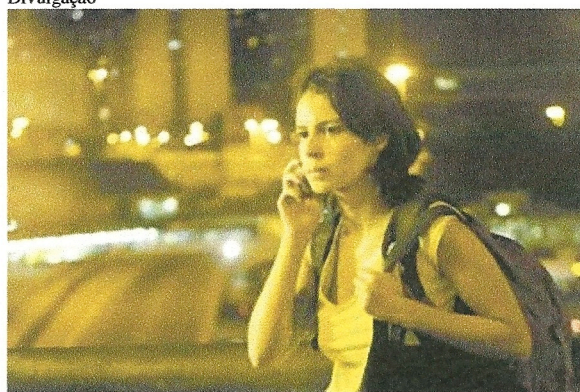
São Paulo, quarta-feira, 15 de agosto de 2007

FOLHA DE S. PAULO **ilustrada**[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

Alô, São Paulo

Os cineastas Karim Aïnouz, do Ceará, e Sérgio Machado, da Bahia, dirigem seriado da HBO sobre a cidade, com protagonista "importada" de Tocantins

Divulgação



Andréia Horta, que interpreta Alice, a protagonista da série, em cena filmada no Anhangabaú, região central de São Paulo

LAURA MATTOS

DA REPORTAGEM LOCAL

O canal HBO queria produzir um seriado sobre São Paulo, a cidade. Nada melhor do que um cineasta cearense e outro baiano para comandar o projeto.

"Tá tudo dominado. Em São Paulo, tem mais nordestino do que paulistano", brinca Sérgio Machado. Natural de Salvador, o diretor do premiado longa-metragem "Cidade Baixa" (2002) foi escolhido para roteirizar e dirigir a série "Alice", que a HBO já filma em diversos pontos da capital paulista.

Ele foi contratado para atuar ao lado de Karim Aïnouz, que nasceu em Fortaleza, dirigiu "Madame Satã" (2002) e "O Céu de Suely" (2006) e se tornou um dos mais badalados nomes do cinema nacional.

"Quem mora em São Paulo há muito tempo pode acabar com o olhar neutralizado para algumas coisas pulsantes da cidade. Era bacana que fosse alguém de fora para haver um encantamento", diz Aïnouz.

Ele fala dele e de Machado, mas também de Alice, a protagonista da série. A jovem vem de Palmas, a capital de

Tocantins, em busca de uma herança. A viagem seria breve, mas acaba por não ter fim. "Escolhi Palmas pela contradição com SP. É um lugar planejado, organizado e subpopulado. Mas também é primo, porque todo mundo vem de fora", fala Aïnouz.

Alice vai passar por vários cenários paulistanos - e a partir

deles, reavaliar sua história e seu destino-: do vale do Anhangabaú às calçadas chiques da rua Oscar Freire, de um desfile de moda na Faap a uma festa de "pegação" com ricas numa mansão do Morumbi.

Conhecerá a Mostra Internacional de Cinema de SP e seu diretor, Leon Cakoff, que faz uma ponta, e verá uma luta livre com o lendário Trovão.

Na última sexta-feira, a Folha acompanhou a filmagem de uma cena em que Alice chega a um boteco e se depara com lindas garotas se socando ao lado do lutador em um ringue. O set, alugado pela Gullane Filmes, co-produtora de "Alice", fica em um galpão no bairro do Cambuci (região central), que, apesar de empoeirado, tem cores e luz natural inspiradores.

Aïnouz e Machado contam que o seriado mostrará ainda punks, rappers, prostitutas, bolivianos, japoneses no bairro da Liberdade e os milionários que só se deslocam de helicóptero.

A intérprete de Alice foi escolhida após cerca de mil testes.

Andréia Horta pode ser considerada um lançamento HBO.

Aos 24, a atriz mineira tem no currículo, além de peças teatrais, apenas papéis pequenos na televisão (Márcia Kubitschek, na minissérie "JK", da Globo, e Renata na novelinha "Alta Estação", da Record).

A garota Daniela Piepszyk, elogiada pela atuação no filme "O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias", interpreta uma meia-irmã de Alice. O global Eduardo Moscovis faz o papel de namorado da moça. Regina Braga e Walderez de Barros são tias de Alice. Além de outros atores do núcleo central, haverá participações especiais, como a atriz Tereza Rachel e Jorge Loredó, o Zé Bonitinho.

"Alice" é um título provisório, e a HBO busca acrescentar a ele algo que tenha relação com SP. As filmagens seguem até o fim do ano, e a estréia é prevista para o início de 2008.

Texto Anterior: [Horário nobre na TV aberta](#)

Próximo Texto: [Cineasta vê "Paraíso Tropical" como "lição" para fazer TV](#)

[Índice](#)

Anexo 16



UOL BUSCA

Web

Notícias

Imagens

Vídeo

Shopping

Busca por A5901S

BUSCAR 320 pixels, 32MB apenas e R\$ 54,08



22/08/2007 - 22h00

"O tesão alimenta a alma", diz Karim Aïnouz, diretor da série "Alice", da HBO

MARINA CAMPOS MELLO
Da Redação

Karim Aïnouz, diretor cearense do premiado filme "O Céu de Suely", que tem como protagonista uma garota que decide rifar o próprio corpo, volta a explorar o universo feminino. Mas, desta vez, a história de sua nova menina, Alice, será contada na televisão.

Em "Alice", título provisório da terceira série produzida pela HBO no Brasil, o cineasta contará as transformações por que passa a personagem, uma guia turístico que sai de Palmas, Tocantins, com casamento marcado, para enterrar o pai em São Paulo após seu suicídio.

Nos 13 episódios da série, que deve estrear no primeiro trimestre de 2008, Aïnouz e o baiano Sérgio Machado ("Cidade Baixa") também vão explorar a diversidade de imagens e pessoas da capital paulista, que funcionará como um dos personagens principais da trama. Alice, interpretada por Andréia Horta, se encanta com a cidade e decide ficar, deixando para trás um caminho seguro.

Para Karim, é muito bonita "essa falta de medo", "essa vontade de experimentar outra vida que não é aquela que está apontada para você", que, segundo ele, aparecem tanto em "Alice", quanto em "O Céu de Suely". Leia abaixo entrevista com o diretor, que fala sobre "Alice" e sobre a cidade de São Paulo.

UOL - Que tipo de histórias serão contadas na série "Alice"?

Karim Aïnouz - A série, protagonizada pela Alice, é uma espécie de crônica, pois fala do cotidiano dos personagens na cidade de São Paulo. Como é que eles trabalham, como é que eles acordam, como é que eles dormem, como é que é a vida cotidiana deles. E isso tudo se mistura às aventuras que se pode viver em uma cidade como São Paulo.

São crônicas, pois vamos contar os fatos banais da vida dos personagens, mas que de banais eles não têm nada. São os pequenos casos de amor, os pequenos problemas

que você tem no trabalho, o estresse de chegar atrasado a algum lugar. A gente conta fatos que acontecem todos os dias em uma megalópole e torna esses fatos dignos de serem dramatizados. E, ao mesmo tempo, juntamos os pequenos dramas à aventura. São Paulo é o lugar onde a Alice vem viver as suas aventuras.

UOL - As personagens Hermila, de "O Céu de Suely", e Alice têm algo em comum?

Aïnouz - A Alice e a Hermila são as minhas queridas meninas. Elas têm uma coisa muito parecida. Elas são personagens que estão seguindo por um caminho da vida e que se dão conta de que pode haver outro. E elas vão tentar ver qual é esse outro caminho, apesar de não saberem qual é. Eu acho que isso é muito bonito, pois é uma coisa da juventude. É uma falta de medo e uma vontade de experimentar uma outra vida, que não é aquela vida que está apontada para você.

Acho que não falei com a ênfase necessária, mas elas são personagens extremamente corajosas. Tem um filme que eu adoro, que é um filme alemão, que eu acho que está entre os meus filmes favoritos, cujo título é "O Medo Devora a Alma". E aqui eu acho que é algo como "o tesão alimenta a alma", "o tesão vence o medo". O tesão no sentido mais bacana do termo. No sentido de que a falta de medo é sinônimo de vida.

UOL - Qual será a função de São Paulo na série?

Aïnouz - São Paulo é uma teia infinita de possibilidades, tanto de experiência humana, de arquitetura, quanto de geografia. Queremos usar a cidade como imagem e espelho do personagem. Se a Alice está muito alegre, filmamos a cidade a partir desse olhar. E também faremos o contrário. Por exemplo, no episódio cinco, a Alice passa por uma experiência traumática, muito dolorosa, mas ela está assistindo a um desfile de moda. Mostraremos a dor por contraposição: mostraremos o brilho do desfile e a beleza da moda. Há um contraste das cores com o que a personagem está sentindo. Tentaremos usar sempre São Paulo dramaticamente, seja a favor, no sentido de ser o espelho, seja de forma contrária, opondo as imagens ao que o personagem está sentindo.

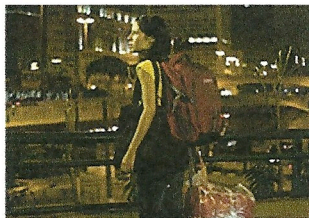
UOL - Por que Alice vem de Palmas?

Aïnouz - Palmas [capital do Tocantins] é o extremo oposto de São Paulo. São Paulo é caótica, é acúmulo, é não-planejamento, densidade. É um céu mais preenchido pelos prédios do que pelo céu em si. E Palmas é o absoluto oposto disso: é uma cidade plana, planejada, que tem 17 anos, que ainda não está ocupada, que não tem quase prédios,

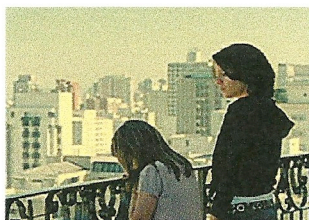
CENAS DE "ALICE", SÉRIE DA HBO



Alice com o amigo Nicolas



Alice chega a São Paulo



Alice e sua meia-irmã Regina Célia

FOTOS DE ALICE

ENTREVISTAS COM ELENCO DE ALICE

Sua academia em casa!
Confira os melhores aparelhos para você ficar em forma nesse verão.

agapixels, 32MB apenas e R\$ 54,08

Nintendo Wii Fit
Em até 12X!
Clique e compare!

Anuncie no Shopping UOL

- **Mamoplastia Estética**
Seios Saudáveis e Lindos com a Cirurgia de Mamoplastia. Conheça www.MasterHealth.com.br
- **Surpreenda Seu Pai**
A Sony tem o presente perfeito. Notebook, câmera, som p/ carro e + www.Sony.com.br/DiadosPais
- **Quer Ganhar R\$ 120.000?**
Cadastre-se no Programa Vai de Visa e Concorra a 120 Mil Reais Todo Mês www.PromocoesVisa.com.br
- **HOPE Até 70% OFF**
Compre direto c/ a Hope e aproveite preços imperdíveis em lingoeris! www.hopelingerie.com.br/outlet
- **Smartphone Motorola**
Compre Já o seu com Até 25% OFF no Brandsclub. Acesse e Confira www.Brandsclub.com.br
- **Conheça o Hotel Cabreúva**
Resort c/ Lazer Completo Pertinho de São Paulo. Aproveite o Feriado www.HotelCabreuva.com.br
- **Empreendimentos Cyrela**
Conheça os empreendimentos Cyrela, Bom gosto e sofisticação para você. Cyrela.com.br/Apartamentos
- **Consórcio Nacional Suzuki**
Burgman i o scooter mais desejado R\$107,91 por mês, compre já o seu! www.consorcionacionalsuzuki.com.br
- **A Família Vai Crescer?**
Conheça um Imóvel Ideal p/ Você e Sua Família Aqui na Fernandez Mera! FernandezMera.com.br/Familia
- **Sol ou Chuva?**
Vinho alemão para qualquer clima. Experimente branco de uvas tintas! www.jardimdivinho.com.br
- **Apartamento em Jucerê**
Excelente oportunidade em Floripa. Confira as ofertas em nosso site www.morebememfloripa.com.br
- **DVDs Bebê Mais**
A série para bebês que mais vende no Brasil. É divertido e educa! www.bebemais.com.br

Anuncie aqui

deve ter três ou quatro. Palmas tem muita água, pois fica a beira do rio Tocantins. A gente imaginou que era uma cidade que visual e dramaticamente funcionaria perfeitamente como um contraponto a São Paulo.

O primeiro episódio tem muitas imagens de Palmas, depois Palmas permanece em todos os episódios porque ela [Alice] telefona para a avó que ficou lá. Ela também deixou em Palmas o cara com quem ela iria se casar. A gente está sempre se relacionando com Palmas através da Alice e através de seus telefonemas. Também estamos considerando a possibilidade de ter Palmas no último episódio. É uma presença constante que vai temperando todos os episódios e criando essa sensação de cheio e de vazio. A série é basicamente sobre um personagem que sai de um lugar vazio e vai para um lugar cheio.

UOL - Qual é a sua relação com São Paulo?

Aínouz - Em São Paulo, a gente está sempre descobrindo uma coisa nova, passando por um lugar que você nunca viu. São Paulo é uma cidade aonde eu já vim muito, já frequentei, mas é uma cidade na qual eu nunca morei. É uma cidade com a qual eu tenho uma relação bastante conflituosa. É uma cidade que eu acho, em alguns momentos, fascinante e, em outros momentos, sufocante. Ela tem esses dois lados, que é clássico de uma megalópole como a Cidade do México, como algumas cidades da Ásia, como Taipei. São cidades fascinantes e liberadoras, mas que também te fazem se sentir afogado.

UOL - Você falou que está tentando achar um ícone que possa representar São Paulo. O que você já encontrou?

Aínouz - Temos que ir escolhendo algumas imagens da cidade, mas o problema é que não podemos escolher muitas. Temos que eleger cinco vistas de São Paulo que, quando você fecha o olho, você consiga identificá-la. Tóquio, por exemplo, eu não consigo fechar o olho e saber identificar a cidade imediatamente, como acontece com Nova York, Londres ou Paris. O desafio é, com poucas imagens, conseguir dar uma cara do que é São Paulo. Mas é bem difícil, bem difícil.

São Paulo tem, por exemplo, um skyline sem fim, muito característico. Não é um skyline que tem só um primeiro plano. É um mar, com as colinas que sobem e descem cheias de prédios. Essa seria uma imagem clássica de São Paulo. Outra imagem que eu acho muito bacana é na Avenida 9 de Julho. Lá há um corredor de prédios, com a avenida que desce e com uma série de viadutos que cruzam a avenida. Parece que você está em um filme do Batman. É muito bonito. E para filmar é incrível. Uma das nossas locações tem essa vista. O Copan também é um lugar muito importante, assim como a praça Roosevelt.

 [ÍNDICE DE NOTÍCIAS](#)

 [IMPRIMIR](#)

 [ENVIE POR EMAIL](#)

 [Assine 0800 703 3000](#) [SAC](#) [Bate-papo](#) [E-mail](#) [Notícias](#) [Esporte](#) [Entretenimento](#) [Mulher](#) [Shopping](#)

Hospedagem: UOL Host

Anexo 17

NOITES URBANAS

CONTOS

DANIEL PIZA

Dia 1º de setembro,
quarta-feira, às 19h

Livraria da Vila
Lorena - Piso superior
Alameda Lorena,
1731 - Jardim Paulista
São Paulo - SP
Tel.: (11) 3062-1063

B
BERTRAND BRASIL

**LIVRARIA
DA VILA**

Amanhã, dia 1º, das 19h às 22h, na Livraria da Vila da alameda Lorena, 1.731, em São Paulo, será lançado meu 17º livro, *Noites Urbanas* (Bertrand Brasil, 176 págs, R\$ 33). São contos que se passam em São Paulo, cidade que é uma cornucópia de histórias ainda por contar. Há um pouco de tudo, até suicídio e assassinato, mas a tônica é o constante dilema dos paulistanos em relação à sua cidade, que amam e odeiam ao mesmo tempo, e essa mesma tensão pode gerar tanto o conflito social como a intensidade criativa, tanto a melancolia como a vitalidade. Daí o motivo por que adotei o estilo indireto livre, que mescla a terceira pessoa com a primeira, e procurei sempre trabalhar com a concisão, com a maior economia possível de recursos, entre o realista e o sugestivo. Há dez contos longos, na maioria inéditos, e 18 dos minicontos que os leitores desta coluna já conhecem.

Há duas semanas, como faz sempre que um livro meu é lançado, a *Folha* publicou uma resenha negativa sobre *Noites Urbanas*, escrita por um professor da Unicamp, Alcir Pécora, conhecido por ser incapaz de elogio. Resenha, por assim dizer – é um apanhado de achismos, à base de clichês, com a pressa de quem não leu o livro com atenção. Ele acha meu estilo “sem graça”, acha minhas tramas “previsíveis” e acha que meus personagens são “caricaturas da metrópole terceiro-mundista”. Para tentar justificar, diz que o problema é que uso frases curtas e “filosofantes” (sic), o que por si só eliminaria dois terços da literatura já escrita no mundo... Sugere ter adivinhado o final de *Golpe de Vista*, mas não comenta sua ambivalência. E o que sabe o professor sobre a vida da metrópole terceiro-mundista? O mais divertido é quando diz que os textos não são “nem crônicas nem alegorias”. Talvez porque sejam... contos?

O que mais me motivou foi o desafio técnico, aquele que só conhece a fundo quem pratica. Por mais que em alguns casos a história tenha sido baseada em fatos que testemunhei, o teor autobiográfico não tem quase importância. Criei situações e personagens que ganharam autonomia, muito além da vaga ideia inicial da qual nasceram, e eu mesmo me surpreendi às vezes com os tipos de cenas e detalhes que foram aparecendo. Na contracapa, a editora estampou um trecho de *Saquê*, sobre o amor de um adolescente por uma nissei, Nara:

“Ela atendia a todos os seus desejos e ordens, mesmo sem poder distinguir uns e outras, e se submetia a esses caprichos porque pareciam pouco numerosos em contraste com suas declarações, gentilezas e sacrifícios. Um dia, enquanto prendia mais uma vez o cabelo em coque com um par de palitos vermelhos, a seu pedido, se deu conta de que Alberto não estava olhando para ela, mas para o que queria ver. Ele amava mais o Japão que ela involuntariamente representava do que ela própria; amava a fuga, não o fato.”

comentários (28) | [comente](#)

[Recomendar](#)

2 pessoas recomendaram
isso. Seja o primeiro entre
seus amigos.

[Tweetar](#) 1



A + A -

28 Comentários [Comente também](#)
31/08/2010 - 11:16

Enviado por: **Virginia Santiago**

Aos leitores foi dado o poder de escolha. Cada um escolhe a leitura que melhor apetece seu paladar. Evito os “donos da verdade”. Lerei “Noites Urbanas”. Parabéns e muito sucesso para este novo livro.

[responder este comentário](#) [denunciar abuso](#)

31/08/2010 - 11:33

Enviado por: **Anna H.**

E você ainda encontra tempo para escrever contos ? Certos críticos até são pagos para jogar areia no trabalho dos outros, sabia ? Não se perturbe e continue escrevendo.

[responder este comentário](#) [denunciar abuso](#)

31/08/2010 - 12:43

Enviado por: **Jose Marchetti**

Piza,

E por isso que opiniões de críticos sempre vem em ultimo lugar na minha busca por informacao.

Nao posso aprovar or reprovar a critica que foi dada ao seu livro, uma por que nao li o livro, duas porque o que falou esta fora da minha esfera de conhecimento, mas a experiencia sugestiona que critica intencionada existe, ma intencao e boa intencao, as duas sao ruins.

Amigos tambem, via de regra, nao sao boa fonte de informacao.